

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

CARLOS ODONE DA COSTA NUNES

**INVESTIGAÇÃO SOBRE OS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**PORTO ALEGRE
2006**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N972i Nunes, Carlos Odone da Costa

Investigação sobre os hábitos de estudo e pesquisa de alunos do Ensino Médio. / Carlos Odone da Costa Nunes.
– Porto Alegre, 2006. 127 f.

Dissertação (Mestrado) – PUCRS – Faculdade de Física,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e
Matemática.

Orientação: Profa. Dra. Nara Regina de Souza Basso.

1. Educação 2. Hábito de Estudo. 3. Hábito de
Pesquisa. 4. Educar pela Pesquisa.

CDD 371.302813

Bibliotecário Responsável:
Isabel Merlo Crespo - CRB10/ 1201

CARLOS ODONE DA COSTA NUNES

**INVESTIGAÇÃO SOBRE OS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nara Regina de Souza Basso

**PORTO ALEGRE
2006**

**Dedico este trabalho à minha
esposa Gisane, à minha mãe
Maria Adelaide, ao meu pai
Carlos Nunes da Silva, em
memória, ao meu filho Diego e
ao meu sobrinho Guilherme pelo
carinho e o incentivo que sempre
me dedicaram para a realização
do Mestrado.**

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Nara Regina de Souza Basso pela sua orientação, competência, incentivo e dedicação no acompanhamento deste trabalho.

Aos professores do Curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática pela dedicação, amizade e paciência em atender às solicitações e dúvidas.

Aos colegas do Curso de Mestrado pela possibilidade em compartilhar experiências e conhecimentos enriquecedores.

Agradeço aos colegas, alunos e amigos do Colégio Militar de Porto Alegre pelo apoio e incentivo recebido durante a realização deste trabalho.

Às Equipes Diretivas do Colégio Militar de Porto Alegre e do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, por permitirem a realização das atividades deste Mestrado.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa objetiva investigar o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do Ensino Médio. Após a análise dos depoimentos coletados de entrevistas e questionários, aplicados a um grupo de alunos de segunda série do Ensino Médio de uma escola federal de Porto Alegre, pretende-se compreender como se processa o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do referido nível. O trabalho inicia-se com um breve relato histórico sobre a origem da pesquisa, envolvendo o comportamento do autor em relação ao estudo, quando ainda aluno, e sua preocupação, como professor, com a falta de estudo do corpo discente. Essa trajetória possibilitou justificar as razões da escolha do tema e do problema, bem como as questões de pesquisa que orientam o trabalho. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, estruturam-se alguns caminhos teóricos norteadores que envolveram a reflexão sobre o educar pela pesquisa, a motivação do aluno e as relações interpessoais. As idéias e depoimentos dos alunos foram transcritos, categorizados e analisados, constituindo quatro grandes categorias: a concepção dos alunos sobre hábitos de estudo e pesquisa; as condições favorecedoras; os fatores que contribuem; e as estratégias e procedimentos adotados pelos alunos para o desenvolvimento dos referidos hábitos. Com isso, pretende-se compreender como se dá o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do Ensino Médio.

Palavras-chave: Hábito de estudo. Hábito de pesquisa. Educar pela pesquisa.

ABSTRACT

This research aims at investigating the development of studying and researching habits of High School students. After the analysis of the statements collected by means of interviews and questionnaires, submitted to a group of second graders attending High School in a federal school in Porto Alegre, the intention is to understand how the development of studying and researching habits of students belonging to that grade take place. This work starts with a brief historical report about the origins of this research, involving the behavior of the author in relation to study, when he was still a student, and his preoccupation, as a teacher, with the lack of study on the part of students. This path enabled the justification of the reasons for the choice of the theme and the problem, as well as the researching questions, which guide the work. For the development of this research, some theoretical guiding paths, which involved the thinking about educating through research, students motivation and interpersonal relationship, are structured. Students' ideas and statements were transcribed, categorized and analyzed, generating four large categories: students' conception on studying and researching habits; favoring conditions; contributing factors and strategies; procedures adopted by students for the development of the mentioned habits. Thus, the intention is to understand how the development of studying and researching habits of students attending High School take place.

Key words: Studying habit. Researching habit. Educating through research.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	12
2.1 A TRAJETÓRIA QUE DEU ORIGEM À PESQUISA	12
2.2 OS DESAFIOS RUMO À PESQUISA	14
2.3 A DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E DOS OBJETIVOS	17
3 O EDUCAR PELA PESQUISA, A MOTIVAÇÃO E OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS	18
3.1 OS PILARES QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA	18
3.2 O EDUCAR PELA PESQUISA: UM CAMINHO PARA O HÁBITO DE ESTUDO E PESQUISA	19
3.2.1 Do questionamento à reconstrução	20
3.2.2 A pesquisa na educação: uma necessidade inadiável	22
3.2.3 O estudo pela pesquisa nos leva ao aprender a aprender	23
3.2.4 Sala de aula: local da aprendizagem pela pesquisa	24
3.2.4.1 A importância do questionamento para criar a dúvida	24
3.2.4.2 A construção de argumentos: a necessidade do ler e escrever	25
3.2.4.3 A comunicação como compartilhamento do novo conhecimento	26
3.2.5 O apoio da Internet à pesquisa de sala de aula	27
3.2.6 Alguns requisitos para o desenvolvimento da autonomia	28
3.2.6.1 Metodologia da aprendizagem: um caminho para a autonomia	30
3.2.6.2 A argumentação: um poder para conquistar a autonomia	34
3.3 A MOTIVAÇÃO DO ALUNO: MOLA PROPULSORA PARA O ESTUDO E PESQUISA	36
3.3.1 O aproveitamento intrínseco e extrínseco da motivação	37
3.3.2 O interesse e o esforço: o despertar e a atitude gerada da motivação ao estudo ..	40
3.3.3 A curiosidade do aluno: uma preciosa oportunidade de motivação	42
3.3.4 A motivação na sala de aula: um desafio para o professor	43
3.4 RELAÇÕES INTERPESSOAIS: FATOR MOTIVACIONAL PARA O ESTUDO	45
3.4.1 O afeto nas relações interpessoais: a dosagem certa faz a diferença	46

3.4.2 O respeito na relação pedagógica: um benefício para a aprendizagem	47
3.4.3 A parceria nas relações: o suporte do estudo continuado do aluno	48
4 CONSTRUINDO O CAMINHO PARA A INVESTIGAÇÃO	51
4.1 UMA SONDAÇÃO PRELIMINAR.....	51
4.2 A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA.....	52
4.3 A COLETA DE DADOS	53
4.4 A SEQUÊNCIA DE PASSOS PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	54
4.4.1 Unitarização do “corpus”	55
4.4.2 Categorização de idéias	56
4.4.3 Produção do novo texto e construção de argumentos	57
4.5 VALIDAÇÃO E CONFIABILIDADE	58
4.6 TOMANDO O RUMO DAS DESCRIÇÕES E INTERPRETAÇÕES DAS CATEGORIAS RESULTANTES	58
5 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES: A INVESTIGAÇÃO NA BUSCA DA COMPREENSÃO DOS RESULTADOS	60
5.1 AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DEPOENTES SOBRE OS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA NO MEIO DISCENTE	60
5.1.1 As concepções dos alunos sobre relações e conceitos de hábitos de estudo e pesquisa	61
5.1.2 As concepções dos alunos sobre a ocorrência dos hábitos de estudo e pesquisa ...	66
5.1.3 As concepções dos alunos quanto ao comportamento do corpo discente em relação ao estudo e a pesquisa	71
5.1.4 Alguns assuntos preferenciais e as fontes de estudo e pesquisa mais utilizadas pelos praticantes desses hábitos	75
5.2 CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O DESENVOLVIMENTO DOS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DO ALUNO	79
5.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO DOS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DO ALUNO	86
5.3.1 A curiosidade e o interesse	86
5.3.2 A motivação	88
5.3.3 A influência da família e a responsabilidade dos pais	92
5.3.4 A influência da escola e do professor	96

5.3.5 O relacionamento interpessoal professor-aluno	98
5.3.6 O processo de aprendizagem	99
5.4 ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS DO ALUNO: AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE SEUS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA.....	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	115
APÊNDICE A - Sondagem sobre hábitos de estudo e pesquisa	116
APÊNDICE B - Questionário.....	117
APÊNDICE C - Questões norteadoras para as entrevistas.....	119
APÊNDICE D - Entrevista transcrita	121
APÊNDICE E - Entrevista coletiva.....	127

1 INTRODUÇÃO

Entre os grandes desafios enfrentados pela educação e, em especial, pelos professores que trabalham com o Ensino Médio, a falta dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno ocupa um lugar de destaque.

Baseando-me no trabalho de pesquisa realizado com a segunda série do Ensino Médio de uma escola federal de Porto Alegre, busco compreender de que modo se dá o desenvolvimento desses hábitos.

Visando à consecução dos objetivos desta investigação, houve a necessidade de conhecer as concepções e idéias dos alunos sobre os vários aspectos ligados ao desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. Desta forma, acredito que esse tema possa contribuir para melhorar minha compreensão e a de muitos educadores preocupados em buscar soluções para as dificuldades de uma grande parte do corpo discente, em desenvolver esses hábitos.

Este trabalho de pesquisa apresenta-se organizado conforme a seqüência a seguir.

Na parte inicial, apresento um resumo da história de meu comportamento ligado ao estudo, na condição de aluno, e de minha trajetória como profissional atento e interessado em contribuir para solução deste problema. Essa caminhada possibilitou a justificativa da escolha do tema e, por conseqüência, a definição do problema e das questões de pesquisa.

Na segunda parte, procuro aprofundar as questões relativas ao educar pela pesquisa, à motivação do aluno e aos relacionamentos interpessoais, explicitando seus fundamentos e aspectos educacionais.

Na terceira parte, abordo os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa, mais especificamente, a formação dos grupos de pesquisa, a descrição da coleta dos dados e análise e interpretação das informações.

Na quarta parte, analiso as informações obtidas por meio de entrevistas e questionário com um grupo de alunos. O material foi transcrito, unitarizado, categorizado e analisado, buscando indicadores que apontassem para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. As quatro categorias finais compreenderam as concepções dos alunos sobre hábitos de estudo e pesquisa, as condições favorecedoras, os fatores que contribuem e as estratégias e procedimentos adotados pelos alunos para o desenvolvimento dos referidos hábitos.

Na parte final, apresento algumas conclusões que me permitiram compreender melhor o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do Ensino Médio.

2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Dar por sabido aquilo que ainda se pretende descobrir é atitude que revela a postura cômoda de quem não é muito afeito à verificação ou a alguém que, diante da aparente impossibilidade de poder saber, entroniza a crença como instrumento decodificador da realidade a sua volta.

Jan Val Ellam

O presente capítulo tem como objetivo uma reflexão sobre o contexto histórico que acompanhou minha trajetória profissional, sempre ligada à educação. Procuo também descrever a origem da idéia desta dissertação, sua importância e validade, bem como as definições do problema que a norteia, as questões de pesquisa e os seus objetivos.

2.1 A TRAJETÓRIA QUE DEU ORIGEM À PESQUISA

Minha vida como estudante se caracterizou pela dedicação ao estudo. Procurava manter em dia minhas tarefas escolares, só desfrutando do lazer depois de concluídas as obrigações com a escola. Além disso, desde pequeno, eu assumi o compromisso com a famosa tarefa conhecida como “tema para casa”. Hoje, percebo o quanto foi importante, para mim, proceder dessa forma, pois aí começou a se desenvolver o contato com atividades que exigiam dedicação, responsabilidade e disciplina, elementos importantes na construção do interesse pelo estudo. Reconheço, desde já, que isso foi possível, graças ao acompanhamento e orientação de meus pais nos primeiros anos escolares.

Embora eu não gostasse de ler, procurava cumprir com as atividades que exigiam essa prática. A Matemática sempre foi minha matéria preferida, antes de conhecer a Química. Gostava de fazer os exercícios e problemas passados no quadro-verde ou indicados no livro. A preferência pela Matemática se justifica por eu gostar do desafio de ter que raciocinar trabalhando com números, pois era mais atraente.

A disposição adquirida em manter disciplinadamente o estudo me levou ao que passo a chamar, daqui por diante, de hábito de estudo. Este foi se incorporando à minha vida sem que eu percebesse. Na realidade, na minha fase escolar inicial, do primário até a 2ª série ginásial inclusive, não havia em mim, ainda, com exceção da Matemática, o prazer em estudar. Era uma obrigação que cumpria sem contrariedades. A partir daí, somando-se o curso científico e a própria faculdade, o estudo já tinha para mim, outro significado. Já realizava as tarefas com mais determinação e vontade própria.

Durante minha graduação na universidade, começou a despertar, mais fortemente em mim, a vontade de ser professor. Gostava de ajudar meus colegas, estudando com eles e esclarecendo suas dúvidas, principalmente nas disciplinas que envolviam a Matemática. Havia se arraigado em mim o hábito de estudo, mas observava que esse procedimento não era comum a todos os colegas. Alguns estudavam sem um envolvimento maior, apenas visando ao cumprimento das tarefas.

Ao iniciar minha atividade em sala de aula, como professor, deparei com o problema da falta do hábito de estudo de boa parte dos alunos do Ensino Médio. Isso começou a chamar a minha atenção. Com o decorrer dos anos passei a me preocupar muito com essa situação, pois o aluno, procedendo dessa forma, apresentava muitas dificuldades para acompanhar os conteúdos. Faltava o estudo extra classe que daria a continuidade necessária para a compreensão desses conteúdos.

O meu interesse pela pesquisa surgiu mais adiante, quando comecei a trabalhar na escola, com os alunos, temas do cotidiano relacionados à área de Química, tais como alimentação, drogas, medicamentos e poluição. No entanto, o grande salto que considero como um marco divisório em minha caminhada está ligado à atração que comecei a ter pela Ufologia. Este assunto fascinante despertou em mim vontade de coletar maiores informações a respeito. Conforme lia e escrevia sobre o tema, mais crescia o desejo de aprofundar meus conhecimentos. Por sugestão de alunos da escola onde trabalho, que descobriram meu interesse, decidi dar uma palestra voltada à visão científica do fenômeno UFO (*Unidentified Flying Object*). Nesta oportunidade, concluída minha explanação, propus a organização de um grupo de estudo e pesquisa voltado para essa área, na Escola na qual trabalho. A idéia prosperou e com a criação de um pequeno grupo composto por mim, como coordenador, e mais dez alunos, iniciamos as atividades. Essa iniciativa me fez refletir muito sobre a importância da pesquisa para a reconstrução do conhecimento tanto dos alunos como do professor. Penso que a parceria do aluno com o professor nos questionamentos

argumentativos de sala de aula pode trazer uma motivação maior para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de ambos. Conforme Demo (2003, p. 2):

[...] entra em cena a urgência de promover o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro do trabalho. A relação precisa ser de sujeitos participativos, tornando-se o questionamento reconstrutivo como desafio comum.

Cabe aqui salientar que em todos os anos são apresentados trabalhos ufológicos na Feira de Ciências de minha escola, resultado das pesquisas realizadas pelo aluno durante o ano letivo. Orientando os alunos, durante as reuniões semanais do grupo, fui percebendo o quanto é possível motivá-los para o estudo e a pesquisa, utilizando um assunto de seu interesse.

Além de freqüentar alguns Encontros de Debates sobre o Ensino de Química e o Curso de Extensão Universitária “Repensando a Educação”, promovido pelo Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participei, nos anos de 2002 e 2003 de dois cursos de Conscienciologia cuja ênfase era Educação e Pesquisa. Nessa oportunidade aprofundei meus estudos sobre a autopesquisa, tendo o cuidado de prestar atenção e registrar os *insights* que nos surgem em momentos inesperados. Aprendi, também, que a pesquisa visando ao autoconhecimento passa pela leitura analítica e escrita interpretativa dos fenômenos percebidos, o que me motivou mais ainda a buscar a compreensão desses processos.

2.2 OS DESAFIOS RUMO À PESQUISA

A partir do incentivo da Escola e de minha tomada de consciência, priorizei meu aperfeiçoamento profissional, procurando contribuir para a sociedade na área da educação. Decidi, então, fazer o Curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e assim poder desenvolver minha pesquisa direcionada ao desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno do Ensino Médio.

Hoje, mais do que nunca, venho constatando que a maior parte dos alunos estuda, de preferência na véspera da prova, e pesquisa apenas quando solicitado, sem maior elaboração e limitando-se à simples cópia. Cresce em mim a preocupação em reverter essa situação procurando incentivar o aluno à pesquisa, por meio da proposta de conteúdos que venham a despertar mais seu interesse em aprofundá-los. Para Demo (2003, p. 6):

[...] a base da educação escolar é a pesquisa, não a sala de aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o mero contato entre professor e aluno. Desde logo, para a pesquisa assumir este papel, precisa desbordar a competência formal forjada pelo conhecimento inovador, para alojar-se, com a mais absoluta naturalidade, na qualidade política também.

Provavelmente várias causas sejam responsáveis pelo desvio do aluno dos hábitos de estudo e pesquisa. Cabe a nós professores e educadores investigar os motivos que levam ao desinteresse da maior parte do corpo discente para com essa prática fundamental, tanto para o êxito escolar como também para a sua formação como cidadão participativo e emancipado.

Baseando-me nestas constatações e em depoimentos dos próprios alunos que confirmam minhas observações, decidi, também, investigar os motivos que contribuem para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa para aqueles alunos que os possuem. Esse procedimento pode me fazer compreender melhor o que leva o aluno a desenvolver esses hábitos.

Entramos na fase mais complexa da era do conhecimento, que exige de nós, cada vez mais, o estudo e a pesquisa para podermos acompanhar o acelerado processo de desenvolvimento ao qual nossa civilização está submetida. A globalização fez com que o planeta se torne um todo, abrindo um leque de conhecimentos a que, nunca antes, cada um de nós, como indivíduo, teve acesso. Conforme afirma Morin (2003, p. 67):

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do todo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo.

Assim, já está havendo, cada vez mais, a necessidade de uma atualização constante, tanto na vida profissional como também para as questões particulares, que dizem respeito à natureza do sujeito, seus aspectos afetivos, emocionais, conscienciais e espirituais. Portanto, esses hábitos serão muito úteis, inclusive, para a autopesquisa do indivíduo, na busca de seu autoconhecimento, na investigação de si próprio, sobre seu comportamento como ser humano em relação às influências do meio, mas fundamentalmente, na busca de sua consciência pura, de sua essência.

O grande avanço tecnológico na área de informática com o surgimento e aprimoramento crescente dos microcomputadores, ocorrido nas últimas décadas do século XX e no descortinamento do século XXI, nos faz dedicar parte de nosso tempo diário a praticar a pesquisa utilizando esse poderoso recurso. Trata-se da automatização da informação por meio de softwares cada vez mais sofisticados. A Internet possibilitou o acesso a uma enorme gama

de informações, quase que instantaneamente. Certamente essa fantástica máquina está auxiliando na prática do exercício de pesquisa construída pelo cidadão contemporâneo.

Nos dias de hoje, desperdiçamos muitas energias usando o tempo livre com formas de entretenimento que não desenvolvem habilidades cognitivas, dando ênfase à superficialidade. Com um maior desenvolvimento intelectual e espiritual dos cidadãos, a vida em sociedade será menos estressante e agitada. Poderemos desfrutar de uma vida saudável e aprender mais, usando de maneira sábia as novas tecnologias e os conhecimentos de ponta que estão surgindo a partir dos estudos da Mecânica Quântica. Portanto, para podermos acompanhar esse ritmo acelerado, dentro dos limites do nosso potencial intelectual, é fundamental que busquemos o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. Essa nova atitude vai nos exigir também o desenvolvimento prévio dos hábitos de leitura e escrita, tão esquecidos ou pouco praticados no atual momento que estamos vivendo.

Os hábitos de estudo e pesquisa são fundamentais para o acompanhamento e participação efetiva das aulas, bem como para a atualização contextualizada dos conteúdos e na construção de nossa autonomia. Nós educadores temos, portanto, o compromisso de incentivar o aluno ao estudo e à pesquisa de forma, a juntos, capacitar-nos a participar efetivamente da busca de explicações e soluções tanto para os problemas que afetam a nossa comunidade, decorrentes desse desenvolvimento, como também para os fenômenos ainda inexplicáveis que cercam nosso cotidiano.

É de suma importância que a escola, como instituição essencialmente educacional, motive seus professores para um aperfeiçoamento continuado, e seus alunos, para busca, de maiores informações sobre os assuntos a serem trabalhados em sala de aula, no sentido não só de aprofundar seus estudos, mas também de praticar constantemente a reconstrução de seus conhecimentos. O hábito de estudar pela pesquisa é uma busca particular também para mim. Como professor, tenho consciência da necessidade de me envolver cada vez mais na pesquisa para dar um acompanhamento mais qualificado aos meus alunos. Conforme diz Demo (2003, p. 2): “Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico educativo e a tenha como atitude cotidiana.” Esses procedimentos, aliados ao trabalho de desenvolver no aluno a autonomia e a emancipação por meio da elaboração textual própria, apontam, também, para a prática do educar pela pesquisa.

2.3 A DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E DOS OBJETIVOS

Em função do contexto apresentado nesse capítulo, reforçado pela minha preocupação em motivar o aluno, para que ele se prepare para os grandes desafios, já referidos, busco as respostas para o seguinte problema:

“Como se processa o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do ensino médio?”

Para a construção de argumentos eficazes visando responder a esse grande desafio, lancei questionamentos que pudessem me auxiliar no decorrer desse trabalho de pesquisa, tais como:

- Quais as concepções dos alunos sobre os seus hábitos de estudo e pesquisa?
- Que condições favorecem o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa?
- Que fatores contribuem para levar o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa?
- Que estratégias e procedimentos o aluno adota para desenvolver os seus hábitos de estudo e pesquisa?

Com a finalidade de auxiliar a análise e a compreensão das respostas a esses questionamentos, é necessário explicitar os objetivos do presente trabalho de pesquisa. Esta investigação tem como objetivo geral “compreender o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa de alunos do Ensino Médio”, sendo que para isso são buscados os seguintes objetivos específicos:

- averiguar as concepções dos alunos sobre os seus hábitos de estudo e pesquisa;
- investigar as condições que favorecem o aluno no sentido de desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa;
- investigar os fatores que contribuem para levar o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa;
- identificar as estratégias e procedimentos adotados pelos alunos para desenvolver os seus hábitos de estudo e pesquisa.

A partir dessas definições, há necessidade de buscar subsídios visando a um aprofundamento e a uma análise mais ampla de alguns elementos que fundamentem essa pesquisa. É preciso buscar uma melhor compreensão sobre o educar pela pesquisa, a motivação do aluno e os relacionamentos interpessoais. No próximo capítulo, estes tópicos serão explicitados.

3 O EDUCAR PELA PESQUISA, A MOTIVAÇÃO E OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Na humanidade, não há ninguém tão sábio que não tenha nada a aprender, e ninguém tão ignorante que não possa ensinar algo significativo.

Carlos Cardoso Aveline

3.1 OS PILARES QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA

O trabalho desenvolvido embasou-se em três tópicos principais que envolvem o educar pela pesquisa, a motivação e os relacionamentos interpessoais.

O educar pela pesquisa exige algumas reflexões sobre os novos procedimentos de professores e alunos na sala de aula; tais procedimentos podem ter repercussões no comportamento do aluno em relação aos seus estudos fora da escola. A pesquisa praticada em sala de aula possibilita ao aluno o questionamento, o exercício de argumentar e de comunicar seus achados. Esses procedimentos vão desenvolvendo no aluno o aprender a aprender, o saber pensar e a autonomia, requisitos necessários ao gosto pelo estudo e pela pesquisa, visando à construção e reconstrução de seus conhecimentos.

A motivação, considerada um fator essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno, é a mola propulsora para levá-lo à busca do conhecimento, possibilitando o encaminhamento dos hábitos de estudo e pesquisa em seu cotidiano. Para provocá-la, cabe ao professor levar em consideração os interesses e curiosidades de seus alunos, propiciando um ambiente convidativo ao estudo e à pesquisa em sala de aula. É fundamental, do mesmo modo, que o professor conscientize o aluno sobre a importância de seu esforço, dedicação e determinação para atingir seus objetivos.

É inegável também a influência das relações interpessoais entre o aluno e seus pais e professores, para que ele possa vir a desenvolver satisfatoriamente sua atenção voltada para o estudo. As manifestações de afeto pelo aluno por parte dos pais e professores, combinado com o respeito do aluno pela ação pedagógica do professor em sala de aula trazem benefícios significativos ao processo de aprendizagem. Devemos destacar ainda as parcerias entre pais,

professores e alunos como responsáveis pela criação de vínculos afetivos importantes que motivam o aluno ao estudo pela pesquisa, visando a sua efetiva aprendizagem.

3.2 O EDUCAR PELA PESQUISA: UM CAMINHO PARA O HÁBITO DE ESTUDO E PESQUISA

Várias são as causas que dificultam o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno do Ensino Médio. No contexto atual, presenciamos um bombardeio da mídia televisada, num completo domínio de informações, apelando ao consumismo e desviando a atenção do aluno para hábitos nada salutares ao seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, nos deparamos com uma total omissão dos pais no acompanhamento das atividades escolares de seus filhos e com uma grande resistência da escola a mudanças.

Considerando também que as opções de lazer e entretenimento são cada vez maiores e mais diversificadas, o ato de freqüentar a escola passa a ser, para o aluno, um compromisso obrigatório nada prazeroso. “A escola deixou de ser uma aventura agradável.” (CURY, 2003, p. 14).

Como conseqüência dessa situação, uma boa parte dos discentes perdeu a noção de valores e limites. O desrespeito e a desconsideração a colegas e professores são exemplos de um comportamento inaceitável. Somando-se a isso a escola, completamente defasada da realidade atual, precisa rever seus currículos pré-estabelecidos, completamente afastados do interesse do aluno. Urge, como uma estratégia importante, a necessidade da previsão de espaços para trabalhos interdisciplinares que estimulem no aluno a reconstrução de seus conhecimentos com produção própria, a partir de uma visão mais ampla, conseqüência da utilização de conteúdos inter-relacionados. Conforme Chalita (2001, p. 59):

Ensinar a pensar com criatividade, a ser versátil, e ter consciência crítica em relação à família ou à comunidade é uma arte que deve começar a ser aplicada em grande escala. A interdisciplinaridade é o grande ponto de partida; por essa ótica a escola estabelece vínculos e relações que não seriam percebidos pelo aluno sozinho.

Esse panorama, que constitui o momento atual, reflete o comportamento da grande maioria dos alunos pouco envolvidos no comprometimento com valores e responsabilidades, já que a prática de estudo e pesquisa é bastante irregular ou quase inexistente.

Com a intenção de contribuir para uma maior compreensão do desenvolvimento desses hábitos entre os poucos alunos que os cultivam, inicio a fundamentação teórica deste trabalho

por um olhar descritivo sobre a importância da pesquisa para a educação e seus desdobramentos, tendo como enfoque principal o “educar pela pesquisa” (DEMO, 2003).

Numa avaliação inicial, o objetivo do educar pela pesquisa é incentivar o aluno ao questionamento do conhecimento e à sua reconstrução, levando-o à produção de um conhecimento inovador. Para isso a pesquisa é ferramenta básica na formação educacional do aluno, acompanhando-o ao longo desse processo transformador. Para começar, o aluno deve ser estimulado a formular suas próprias idéias, expressando-as de acordo com a sua percepção. Nessa caminhada o sujeito precisa de leituras que o fundamentem para auxiliar sua escrita, levando-o a desenvolver a interpretação pessoal a respeito das idéias com que teve contato. A interação, na discussão com os colegas, leva-o a refletir ao perceber outras interpretações. O aluno, já na condição de sujeito do processo, passa a assumir sua posição procurando sustentá-la com suas argumentações iniciais. Neste momento seu comportamento está credenciando-o a reconstruir seu conhecimento pela reescrita crítica, própria de uma nova compreensão, de um saber pensar. O seu envolvimento com o estudo toma outra dimensão, fazendo com que uma participação ativa na pesquisa leve-o a se desenvolver na aprendizagem para efetivamente poder aprender. Segundo Moraes, R. (2004), o educar pela pesquisa tem como tônica o exercício do aprender a aprender.

Sabemos que o envolvimento e a participação do aluno são decisivos para o seu sucesso no processo de aprendizagem. Para tanto é necessário motivá-lo à pesquisa, começando pela sua compreensão a respeito da relevância da reconstrução de seu conhecimento.

3.2.1 Do questionamento à reconstrução

É importante, nesse desenrolar do processo do educar pela pesquisa, salientar que a pesquisa modernamente tem como fundamento básico o “questionamento reconstrutivo” (Demo, 2003). Essa maneira de tratar a educação representa algo dinâmico e sistemático, visto que, a partir do questionamento, destrói-se um conceito para poder inová-lo pela sua reconstrução. Na realização de uma pesquisa, emergem os questionamentos que vão colocando em dúvida os conhecimentos até então existentes e, a partir daí, passam a merecer uma reconstrução. Demo (2004, p. 52) salienta a importância da pesquisa no ensino quando afirma que: “[...] não é viável o ensino sem pesquisa, porque acabaria reduzindo-se a mero

repassa ultrapassado de conhecimento, contradizendo a própria noção moderna de conhecimento, tipicamente desconstrutiva e reconstrutiva.”

Por outro lado, podemos entender que, para ocorrer uma reconstrução do objeto de estudo, há necessidade de questioná-lo, colocá-lo em xeque. Nesse processo alternado de questionamentos e reconstruções, desenvolve-se a pesquisa na busca de um conhecimento por meio da construção de um novo ser, um novo conhecimento, exigindo também a construção de argumentos que o sustentem. O sujeito então, autor de sua pesquisa, explicita suas compreensões, suas novas teorias. Educar, seguindo essa linha de ação, transforma o aluno de objeto copiador em um sujeito participativo e com autonomia para buscar seu conhecimento. O professor deixa de ser um reprodutor do conhecimento e passa a ser um orientador da reconstrução e dos questionamentos que partem do aluno. É preciso, como diz Freire (1996, p. 52): “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Muito embora Freire mencione o termo ensinar em discordância com a concepção de Demo, à qual faço referência na categoria “Metodologia da aprendizagem: um caminho para a autonomia”, entendo que nesse caso o teórico construtivista salienta sua reprovação a um comportamento não progressista de simplesmente repassar conhecimentos. Além disso, ele mesmo salienta que, para ensinar alguma coisa a alguém, o sujeito deve primeiro aprender. Freire (1996) considera ainda que o ato de ensinar é uma prática de estar aberto às perguntas dos alunos e ao mesmo tempo de ser crítico e inquiridor. Com essa atitude receptiva e democrática, o educador cria um ambiente propício ao questionamento do aluno e à procura de respostas para suas indagações, levando-o à reconstrução de seu conhecimento.

Os novos rumos que a educação deverá tomar sinalizam para que os alunos sejam preparados para conviver numa sociedade com constantes mudanças. Estes, em sua plena formação, constituem um grupo social emergente que está se capacitando como um dos reconstrutores do conhecimento e, portanto, sujeitos ativos deste processo, em que o estudo e a pesquisa são elementos propulsores desta reconstrução. O conhecimento até então considerado adquirido, como se fosse propriedade definitiva do sujeito, está em plena transformação e, portanto, hoje, passa a ser reconstruído constantemente pelo aluno “dentro de etapas progressivas e no contato ativo com a realidade e a sociedade.” (DEMO, 2004, p. 56), das quais ele convive e faz parte.

3.2.2 A pesquisa na educação: uma necessidade inadiável

A educação deve priorizar o estudo que utiliza a pesquisa como um processo aliado, visando ao desenvolvimento integral do aluno. A pesquisa é o instrumento que visa a uma compreensão maior do sujeito sobre o tema em estudo. Por meio da pesquisa, o aluno deixa de superficializar o seu estudo e passa a aprofundá-lo, pois exercita o ato de escrever inspirado nas leituras que buscou para conhecer um pouco mais sobre o assunto. “O apoio bibliográfico se deve buscar na hora do escrever, para que seja inspiração, ajude a sair dos impasses, a descortinar novos horizontes e caminhos” (MARQUES, 2001, p. 22). A partir daí, o sujeito passa a realizar uma atividade mais significativa para ele, pois ao oportunizar-se, pelas leituras selecionadas, compreende melhor os conceitos envolvidos no assunto em pauta, sente-se capacitado a reescrever o seu aprendizado, a reconstruir o seu conhecimento.

A pesquisa exige uma atitude participativa no decorrer de sua prática, portanto o aluno começa a assumir o controle de sua aprendizagem. Passa a atuar como sujeito do processo na construção de seu conhecimento. Conforme Demo (2003, p. 9): “[...] pesquisar e educar são processos coincidentes. Daí segue que o aluno não vai à escola para assistir aula, mas para pesquisar, compreendendo-se por isso que sua tarefa crucial é ser parceiro de trabalho, não ouvinte domesticado.” A educação deve ter, como um de seus pilares, o exercício da pesquisa para que o aluno possa desenvolver plenamente a capacidade de produtor de seu próprio conhecimento. O aluno começa a se dar conta de que o estudo, com o uso da pesquisa objetiva o esclarecimento daquilo que ele ainda desconhece ou do que não ficou bem claro, ajuda-o a compreender o mundo que o cerca.

À medida que o aluno vai desenvolvendo a capacidade de aprofundar-se no estudo por meio da pesquisa, começa a ter um entendimento maior sobre o contexto que o envolve. Portanto, a educação deve propiciar, dentro da formação integral ao aluno, as condições para a prática da pesquisa visando a sua compreensão do todo em relação ao mundo em que vive. Morin (2003, p. 39) diz que: “[...] a educação deve promover a ‘inteligência geral’ apta a referir-se ao complexo, ao contexto.” Então cabe à escola o desafio de explorar todas as potencialidades do aluno no sentido de trabalhar com ele, o que se torna difícil de explicar sem um aprofundamento do estudo pela pesquisa.

3.2.3 O estudo pela pesquisa nos leva ao aprender a aprender

Nesse processo de educar com a prática da pesquisa, o estudo passa a se incorporar ao cotidiano do aluno, pois, estando envolvido em uma pesquisa, ele está processando o seu estudo. A pesquisa, por si só, é um estudo, que visa à educação plena do aluno, seu crescimento como sujeito capaz de reconstruir seu conhecimento prévio e construir novos conhecimentos. A partir desse momento, tratarei a pesquisa como um estudo e este como sendo praticado por meio da pesquisa.

Estudar, utilizando a pesquisa como um processo de busca do conhecimento, faz o aluno criar maneiras diferentes de explicar as coisas partindo para a produção escrita própria. Ao iniciar a elaboração de suas idéias, o aluno passa a caminhar pelas próprias pernas, ganha confiança em si e alça um vôo para aprender a aprender, para escrever o seu próprio material, o que é fundamental para se desenvolver com autonomia. Para Almeida (2004, p. 265): “[...] a produção escrita reflete a caminhada do aluno, resultado de um processo de aprendizagem que visa sua competência e autonomia.”

Mas como se dá o processo de aprender a aprender? Será que existem regras prontas e definitivas? Na realidade a pesquisa é um caminho que nos faz aprender a aprender. Ela nos faz desenvolver o costume de buscar respostas para as nossas dúvidas. Aprender a aprender é desenvolver a aprendizagem, do questionamento à reconstrução. Para isso o aluno precisa começar a questionar, a buscar e a fazer, mesmo que incida no erro. O erro é inerente ao processo de aprendizagem, mas nos força a buscar a reconstrução de nossos conhecimentos. É importante lembrar que não estamos isolados em uma sala de aula. A interação entre sujeitos leva à aprendizagem. Se estivermos equivocados, a crítica dos colegas vai nos encaminhar para a reconstrução de nossas argumentações, exercitando o saber pensar e fazendo com que, numa próxima comunicação, elas possam ser validadas. Esses são os passos que constituem o processo do “educar pela pesquisa” (DEMO, 2003).

O espaço de sala de aula deve ser muito bem aproveitado, pois neste a pesquisa toma corpo, potencializando o questionamento e a reconstrução do conhecimento. “O aluno não vai à escola para adquirir conhecimento, ou apropriar-se dele, ou para assimilá-lo, mas estritamente para reconstruí-lo.” (DEMO, 2004, p. 76). Nessa reconstrução, o aluno está qualificando seu estudo pela pesquisa. À medida que vamos aprendendo a estudar pela pesquisa, vamos ampliando nossa compreensão sobre o objeto de nosso estudo. Isso serve como estímulo para dar continuidade ao processo de aprendizagem, levando o aluno à

habitualidade em construir seu conhecimento por meio do estudo que dá prioridade à pesquisa. Conforme Demo (2004, p. 77):

De apenas escutar, tomar nota e fazer prova, ninguém fica competente. Ao contrário, é a rota clássica da subalternidade. É ser resto do outro mundo que sabe reconstruir conhecimento. Assim, enquanto o Primeiro Mundo pesquisa, o Terceiro dá aula!

A reconstrução tem como significado a inovação, uma nova compreensão do conhecimento, sendo que para isso é necessário o questionamento para destruir ou desconstruir o que até então havia sido assimilado. Ao proceder a uma pesquisa, o aluno estará operando o questionamento reconstrutivo em prol da elaboração de idéias próprias. Isso o qualifica como um indivíduo com consciência crítica, capaz de participar no rumo da história em benefício de sua comunidade, como um verdadeiro cidadão. Essa é a “meta central do processo educativo” (DEMO, 2004, p. 77).

3.2.4 Sala de aula: local da aprendizagem pela pesquisa

Sabemos das dificuldades que tem o aluno para se concentrar em seus estudos, tanto durante uma aula como nas tarefas para serem feitas em casa. A pesquisa em sala de aula surge como atividade investigatória para o aluno, deixando-o absorto em suas buscas, levando a aprofundar-se no estudo e fazendo com que ele desenvolva o hábito de utilizá-la como uma ferramenta extremamente indispensável para a sua aprendizagem. Moraes, Galiazzi e Ramos (2004) estruturam a pesquisa em sala de aula, a partir de um ciclo dialético composto por três momentos: questionamento, construção de argumentos e comunicação. Podemos dizer que esse processo se comporta, ciclicamente, com momentos separados e bem caracterizados, mas interligados de forma a constituírem uma ação complementar conjunta conforme vão se desenvolvendo.

3.2.4.1 A importância do questionamento para criar a dúvida

O primeiro momento para dar início à pesquisa em sala de aula é o lançamento da pergunta, a geradora da dúvida. A pesquisa inicia com um problema (MORAES, GALIAZZI

e RAMOS, 2004), um questionamento que envolve o assunto trabalhado em sala de aula. Essa problematização é capital no processo, pois provoca o desencadeamento da busca.

O professor interessado em ver os seus alunos desenvolvendo paralelamente os hábitos de estudo e pesquisa, precisa fomentar a investigação em sala de aula usando a “arte da interrogação” (CURY, 2003), não dando resposta e sim provocando a dúvida. “A dúvida nos provoca muito mais do que a resposta.” (CURY, 2003, p. 126). A dúvida instiga o aluno ao desejo de saná-la. Surge então o desafio de buscar, nas fontes de consulta a que tem acesso e nas atividades propostas, as respostas às incertezas que o inquietam. Para Ramos (2004, p. 36):

[...] a dúvida pode significar a ausência de certeza ao mesmo tempo em que pode implicar na procura de certeza estimulando o pensamento, a capacidade criadora, a investigação e a própria argumentação para validar os achados.

A busca de respostas se tornará uma constante para o aluno que incorporar o espírito de investigação, para responder aos seus questionamentos. Esses só podem ser desenvolvidos se o espírito crítico for fomentado. Segundo Demo (2004, p. 71): “Em educação, é de ouro a regra que reconhece não ser nunca educativa aquela situação que arrefece o espírito crítico.” O aluno precisa desenvolver a atitude de se contrapor em relação às informações que recebe, evitando a postura acomodada de aceitação a tudo com que tem contato. Deve ser estimulado a releituras mais profundas que o preparem melhor para escrever suas contra argumentações. Como diz Marques (2001, p. 62): “[...] o ler precede o escrever.” Esse procedimento potencializará ainda mais o exercício para impregnar o estudo com a pesquisa no aluno, além da sala de aula, pois ele se depara com as exigências e a necessidade de manter-se constantemente atualizado. Como diz Demo (2004, p. 63): “O que se aprende se desgasta, porque tudo que um dia foi novo envelhece.” O sujeito se dá conta de que necessita reconstruir seus conhecimentos, já que, até então, os considerava verdades estabelecidas. As falhas e limitações dessas verdades começam a ser identificadas e outros caminhos são definidos para a ampliação dessas verdades. Contudo, esse novo rumo deve trazer consigo uma base teórica sólida.

3.2.4.2 A construção de argumentos: a necessidade do ler e escrever

Para dar maior fundamento às novas idéias criadas, elas devem possuir um embasamento teórico que lhe dêem sustentação. Dentro do ciclo que constitui a pesquisa em

sala de aula, tem seqüência a construção de argumentos. É importante que o aluno comece a trabalhar na formulação de uma nova hipótese que aumente sua compreensão inicial para superar as limitações apresentadas. Nessa etapa há necessidade de coletar informações para a construção e organização de argumentos por meio de sua produção escrita.

O exercício de coleta de informações põe o aluno em contato com os mais diversos materiais que temos à disposição, entre eles os livros compõem ainda a principal fonte confiável a ser consultada. Conforme Moraes, R. (2004), é preciso construir a qualidade formal e científica de argumentos. Isso pode ser feito por meio de “interloquções teóricas” (MORAES, R. 2004), ou seja, realizar a leitura de livros explorando idéias de autores que trabalharam essas questões anteriormente, para encontrar subsídios que venham auxiliar o aluno a fundamentar os seus argumentos em construção. Na produção escrita de argumentos, há necessidade de um rigor construtivo que exige interpretação, análise de idéias e pontos de vista de autores teóricos. O ato de escrever passa a se tornar um exercício de profunda construção. “Escrever como provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio da investigação.” (MARQUES, 2001, p. 26). Além disso, o aluno deve submeter sua elaboração ao diálogo e à discussão crítica de seus colegas para que seja construída uma convicção sobre esse novo conhecimento.

3.2.4.3 A comunicação como compartilhamento do novo conhecimento

Por meio do exercício de discussão e debate, começa a se configurar o último momento da pesquisa em sala de aula: a comunicação. As argumentações dos alunos precisam ser divulgadas para passarem por avaliações críticas. O desenrolar desse momento se dá em duas etapas. Na primeira, por meio da escrita e da fala de seus produtores, uma nova compreensão obtida da pesquisa é comunicada à comunidade de colegas da própria sala de aula. O compartilhamento das novas idéias visa a sua reconstrução coletiva e conseqüente validação daquela comunidade em que o processo investigatório ocorreu. A validação não significa uma avaliação definitiva já que um conhecimento nunca está finalizado e sim é um processo de constante reconstrução (MORAES, 2000). Numa segunda etapa, a divulgação em si ocorre para um grupo mais amplo. Dessa forma, o trabalho pode ser apresentado em eventos científicos e ganhar com isso uma validação mais abrangente, com maior aperfeiçoamento e complementação da pesquisa.

O objetivo maior de todo o processo de pesquisa em sala de aula é a aprendizagem efetiva do aluno, com a superação da simples reprodução do conhecimento pelo professor e da cópia por parte dos alunos. A avaliação se constitui num acompanhamento do processo produtivo do aluno desde sua participação no questionamento até a apresentação oral e escrita de suas elaborações aos colegas e ao professor, visando à melhoria de sua qualidade.

Cumprido me salienta nessa categoria, que além dos livros, revistas e jornais o aluno, hoje, pode contar cada vez mais com os recursos da Internet cuja utilização favorece o surgimento de um amplo leque de informações para a pesquisa em sala de aula.

3.2.5 O apoio da Internet à pesquisa de sala de aula

O avanço tecnológico na área da informática disponibiliza a famosa rede de informações de computador chamada Internet. A educação contemporânea não pode prescindir desse fabuloso recurso. Ao acessá-lo, o aluno passa a ter um fantástico referencial teórico que possibilita o exercício permanente de questionar o conhecimento, construir argumentos e comunicá-los visando sua crítica e complementação. Portanto, trata-se de um meio poderoso que vai ao encontro do processo de pesquisa em sala de aula. Conforme Demo (2004, p. 67):

[...] os meios eletrônicos são particularmente decisivos no campo da informação disponível, permanecendo como desafio fundamental do futuro aproximar, cada vez mais, os recursos tecnológicos na direção de ambientes de aprendizagem reconstrutiva.

A aproximação referida por Demo é de fundamental importância para que a escola, equipando-se adequadamente, possa acompanhar o ritmo acelerado em que os acontecimentos avançam, e dessa forma, possibilitar um ambiente que estimule o aprender pela reconstrução do conhecimento. O acesso à Internet é o primeiro passo. Em função de sua versatilidade como meio de informação e comunicação, é um reforço indispensável no trabalho de pesquisa, possibilitando uma interação maior entre o professor e seus alunos. Como exemplo, no conjunto de serviços que a rede oferece, podemos citar os sites que orientam o trabalho do professor em conjunto com seus alunos. É oportuno ressaltar que a Internet é uma alternativa para se evitar a transmissão pura e simples de conhecimento, mas que não substitui o papel do professor como parceiro orientador do aluno. Conforme Moraes, M. (2004, p. 87): “[...] os recursos da Internet podem estar presentes durante todo processo de educar pela pesquisa”, no

qual estudantes e professores podem, por meio da pesquisa em sala de aula, explorar diversas fontes de conhecimento, levantando questões, buscando respostas para solução de problemas propostos, reunindo informações para a construção de argumentos e submetendo as novas verdades produzidas à crítica, análise e avaliação no sentido de completá-las.

As relações de sala de aula são beneficiadas, pois é propiciado um ambiente de estudo pautado pela pesquisa onde a harmonia é estabelecida por sua atratividade e facilidade de acesso à informação. Como essa atividade se caracteriza também como um prolongamento da pesquisa em sala de aula, é de se esperar que sua prática diária na escola venha a desenvolver no aluno o hábito de estudo pela pesquisa de forma mais prazerosa e atraente, também em casa, principalmente se o acesso aí for possível.

A pesquisa em sala de aula, já a partir do questionamento, incentiva o aluno ao hábito de buscar o conhecimento nas mais diversas fontes de consulta existentes, para poder construir seus argumentos e comunicar suas novas compreensões. A Internet, fonte de consulta preferida dos alunos, por meio de seus serviços, não possui um papel somente desencadeador do processo de educar pela pesquisa, mas também pode ser bastante útil durante cada uma das etapas da pesquisa na sala de aula. Essas, conforme comentamos, levam o aluno a cultivar entre suas atividades o estudo pela pesquisa, fazendo com que a pesquisa na sala de aula, desponte como um método de estudo extremamente útil para a reconstrução eficaz do conhecimento dos alunos. Portanto, em sala de aula, a pesquisa reforça o seu caráter educativo ocorrendo de forma tão natural que possibilita seu prolongamento também fora da escola. Dessa forma, esse processo em sala de aula age como um catalisador da autonomia do aluno visando também ao seu desenvolvimento na busca da reafirmação dos hábitos de estudo e pesquisa.

3.2.6 Alguns requisitos para o desenvolvimento da autonomia

O termo autonomia, segundo sua etimologia grega, significa condição de um indivíduo de se determinar por si mesmo. Autonomia também pode ser entendida como independência ou emancipação. Embora essas concepções de autonomia possam representar um processo de individualismo ou de egoísmo, concordo com Debortoli (2002) quando se refere à autonomia dizendo que não significa isolamento. Pressuponho que o desenvolvimento do aluno na escola deva visar à formação de um sujeito capaz de assumir a construção de identidade própria na

convivência com os colegas, socializando o conhecimento adquirido a partir dos campos cognitivos que dedica para o estudo e a pesquisa. Como objetivamos que a educação desenvolva um sujeito autônomo, cujas conquistas individuais estejam a serviço da construção de um mundo mais humano e justo, o conhecimento adquirido pelo aluno deve estar fundamentado na ética e na moral. Assim como a escola deve ser um prolongamento da casa do aluno, esta deve dar continuidade às tarefas propostas pela escola. Com essa idéia, a educação pela pesquisa poderá ter o acompanhamento e orientação dos pais e professores para que o conhecimento adquirido e utilizado na construção da autonomia do educando, esteja de acordo com os princípios que regem sua sociedade.

A educação deve ser encarada como uma arma poderosa na “formação da competência humana histórica” (DEMO, 2003), visando à autonomia de um sujeito capaz de participar da construção de uma sociedade mais justa e solidária. Para que isso venha a se concretizar, Demo (2002) adverte que a educação que se diz emancipatória não poderá prescindir de desenvolver no aluno a habilidade de manejo e produção do conhecimento. Ao praticar a atividade de elaboração própria de seu conhecimento, o aluno estará, portanto, começando a exercer a sua autonomia. A produção escrita própria do aluno tem como ponto de partida o seu conhecimento empírico armazenado durante a sua vida. Esses conhecimentos prévios trazidos pelos alunos em função de sua interação com o cotidiano, embora possam ser considerados incoerentes cientificamente, não devem ser descartados. Devem ser consideradas matérias-primas preciosas para estimular o aluno ao estudo pela pesquisa. Essa atividade conduzirá o próprio aluno autonomamente, consciente do empirismo de seu conhecimento, a transformá-lo de um conhecimento apenas coerente para ele em um outro cientificamente aceito. Para complementar essa linha de raciocínio, faço uso das palavras de Pozo (2000, p. 40) que diz:

Sem dúvida, um dos fatos que deve ser levado em consideração para promover a aprendizagem escolar a partir dos conhecimentos prévios será fomentar, em primeiro lugar, a tomada de consciência dos alunos em relação às próprias idéias, já que, somente tornando-as explícitas e sendo conscientes das mesmas, conseguirão modificá-las.

É também importante fazer relações entre esses conhecimentos e a aprendizagem dos conteúdos. A valorização da experiência do aluno, levando em consideração os seus conhecimentos prévios, é fundamental para que ele se sinta participante ativo do processo. Conforme Freire (1996, p. 33): “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. O interesse do aluno cresce na medida em que lhe é reservada a oportunidade de contribuir com o seu “saber” (FREIRE, 1996) para a reconstrução do seu próprio conhecimento. Essa linha

de ação faz desenvolver a autonomia no aluno, pois o transforma em sujeito ativo de sua própria aprendizagem.

O desenvolvimento da autonomia no indivíduo tem, como ponto chave para a sua construção, a disciplina. Entendo a disciplina como um comportamento associado à auto-organização do sujeito, ou seja, a força de vontade para realizar suas tarefas. Apesar de não desejar fazê-la, o sujeito decide pela sua realização, não por obrigação, mas porque sente a necessidade de cumpri-la. A mim parece que um comportamento desse gênero é próprio do aluno capaz de disciplinar o seu horário de estudo, usando sua força de vontade para mantê-lo em sua agenda diária. Freire (1996) trata essa determinação disciplinar de “rigorosa metódica” na qual o sujeito deve ser persistente, instigador e rigorosamente curioso na construção e reconstrução do saber. Para compensar essa forte determinação de um sujeito autônomo, o ideal seria que as atividades de estudo e pesquisa fossem realizadas com alegria e contentamento. Segundo Snyders (1996), deve-se contribuir para que os alunos desenvolvam a alegria de realizar as suas tarefas. A alegria do aluno reflete o sentimento de ter cumprido suas tarefas com satisfação, crescendo como ser humano a cada momento da aprendizagem. Portanto, seja qual for a metodologia utilizada pelo educador, esse deve ter plena consciência de que a educação deve acontecer com a presença de momentos lúdicos e alegres, componentes fundamentais para equilibrar o rigor disciplinar que o estudo e a pesquisa exigem.

3.2.6.1 Metodologia da aprendizagem: um caminho para a autonomia

O processo ensino-aprendizagem que rege a educação deveria pautar-se pela aprendizagem do sujeito democratizando a relação entre o professor e seus alunos. Penso que a aprendizagem realça uma aproximação maior entre os participantes do processo educacional. Quando se diz que o professor está ensinando para o aluno aprender, é como se estivéssemos colocando uma barreira entre eles. Tanto o educador como o educando devem compartilhar de uma aula sem que essa tenha a conotação de uma instrução na qual o professor atua no treinamento de seu aluno. Na realidade o processo enseja que o professor e aluno vivenciem uma experiência que é de aprendizagem para os dois, portanto que aprendam juntos, em plena parceria reconstrutiva. Conforme Demo (2004, p. 52):

[...] não é correto falar de “ensino” porque se trata de categoria obsoleta no mundo da aprendizagem moderna [...]. Ensino aponta para o aspecto meramente instrutivo e que tende a reduzir-se a treinamento e domesticação, pela própria relação autoritária entre professor e aluno, já que um ensina e o outro aprende.

A aprendizagem conjunta exige o respeito do professor pela valorização da gradual autonomia desenvolvida pelo aluno. Entendo que para isso o educador deva considerar as manifestações inerentes a ela como a curiosidade, a linguagem e a inquietude, sem se eximir de colocar limites à liberdade do aluno. Conforme Freire (1996), esse comportamento equilibrado do educador está de acordo com os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. Nesse clima de respeito e consideração a metodologia que enfatiza a aprendizagem provavelmente terá êxito, pois fica garantido um clima de diálogo em sala de aula, a condição mais importante para que um trabalho de pesquisa possa fluir satisfatoriamente, a autonomia do aluno seja consolidada e a aprendizagem tenha sucesso.

Portanto, para que o processo educacional possa ser considerado progressista e traga maior satisfação aos seus integrantes, é preciso que escola repense sua política pedagógica estimulando, como um dos caminhos, a metodologia da aprendizagem, na qual, por meio da pesquisa em sala de aula, a parceria docente-discente poderá colocar em prática efetivamente o aprender a aprender e o saber pensar. Com essa tomada de consciência, a escola estará possibilitando ao professor a oportunidade de acompanhar, por meio da mediação e orientação, o desenvolvimento autônomo de seu aluno. Ao aluno estará sendo delegado o ensejo da responsabilidade por sua aprendizagem, na qual ele passa atuar como pesquisador do seu conhecimento, assim podendo reconstruí-lo com autonomia.

Nesse trabalho conjunto entre o professor e o aluno, a pesquisa faz crescer uma relação mais dinâmica e efetiva em sala da aula. O aluno passa a se sentir um agente ativo de seu aprendizado, já que, por meio da pesquisa, exercita a prática de estudar com mais autonomia buscando, com humildade, a parceria do professor, principalmente, nos momentos de maior dificuldade. Cria-se um clima favorável para o estabelecimento de uma rotina extremamente educativa e evolutiva no desenvolvimento do aluno como um todo.

A metodologia que prioriza a “aprendizagem reconstrutiva” (DEMO, 2004) trabalha a individualidade e o coletivo buscando a integração do sujeito ao seu meio onde o processo é em seu todo reconstrutivo. O professor atua não só como orientador, mas também como motivador para facilitar esse engajamento.

Visando ao aspecto de socialização do aluno, é conveniente a utilização de trabalhos de pesquisa em pequenos grupos. Por esse caminho metodológico, desenvolve-se também a capacidade crítica do aluno. Nesse ambiente, a pesquisa exerce um papel relevante para a

aprendizagem, na medida em que desenvolve a capacidade argumentativa oral. Como o aluno se sente mais à vontade para externar suas opiniões ao grupo, cria-se um clima descontraído e favorável ao surgimento do diálogo crítico, permitindo aos participantes fazerem “[...] críticas rigorosas, mas respeitadas às produções dos colegas [...]” (MORAES, R., 2004, p. 138). Uma crítica bem conduzida que reflita o conhecimento adquirido no trabalho realizado é uma forte evidência de que o aluno está assumindo-se como um dos autores da pesquisa. Com o objetivo de ratificar as participações críticas, é importante que haja momentos para que cada aluno assuma a sua própria produção.

A aprendizagem se desenvolve com mais completude ainda, principalmente quando o professor utiliza como recurso metodológico a pesquisa interdisciplinar. O aluno adquire uma visão global da teoria embutida nos conteúdos, aliando-a à prática do seu mundo cotidiano. Descortina-se para o discente uma nova compreensão, até então anulada pelo sectarismo dos conteúdos, emergindo dele a percepção sobre as inter-relações e sobreposições existentes entre os assuntos tratados em cada uma das disciplinas. Isso também lhe possibilita o desenvolvimento crítico a respeito das questões que envolvem a sua sociedade. Segundo Demo (2004, p. 66):

O ambiente mais favorável à aprendizagem é o interdisciplinar, ao mesmo tempo teórico e prático, socialmente motivador, pluralista e crítico implicando qualidade formal e política.

O professor deve aproveitar essa oportunidade chave que se apresenta no processo educacional para fomentar o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno como uma condição favorecedora de sua aprendizagem. De um fornecedor de informações, o professor passa a ser um orientador motivacional do estudo e da pesquisa, atividades estas que irão nortear o trabalho do aluno em busca da reconstrução do seu conhecimento. Conforme Costa, A. (2002, p. 27):

Consideramos que o trabalho do professor consiste em propor ao aluno uma situação de aprendizado para que produza seus conhecimentos como resposta pessoal a uma pergunta, a uma necessidade, a uma curiosidade, fazendo-os pensar sobre a sua ação, buscando respostas, pesquisando, perguntando, refazendo, comparando, desenvolvendo novos esquemas, construindo novas estruturas.

Sustento a idéia de que, nessa situação de aprendizado, é fundamental que o professor trabalhe com o aluno o aprender a aprender, permitindo que ele possa desenvolver a capacidade de exercitar o pensar e o interpretar. O aprender a aprender é a base da competência e da autonomia do aluno já que possibilita a ele a aprendizagem por conta própria (MORAES, R., 2004). Dessa maneira, o aluno passa a adquirir uma confiança maior na elaboração de seus trabalhos e tarefas escolares assumindo a responsabilidade pelo seu

estudo e conseqüentemente pela reconstrução de seus conhecimentos. O estudo e a pesquisa passam a ser atividades que aproximam professor e aluno na procura de um interesse comum. O aluno se sentirá, efetivamente, um participante co-responsável pelo sucesso do processo que o levará a sua aprendizagem, e instigado, com a parceria do professor, a buscar um novo comportamento e uma maior motivação para o estudo e a pesquisa. Como diz Kullok (2002, p. 11): “A busca de conhecimento só será alcançada se também houver um processo de interação entre professor e aluno com o objetivo de produzir mudanças.”

Para que essas mudanças venham a ganhar corpo, é fundamental o acompanhamento e a orientação do professor. O professor consciente de seu envolvimento na preparação de um sujeito autônomo capaz de decidir os seus rumos precisa investigar, em parceria com ele, a utilidade e a importância do conteúdo a ser trabalhado. Certamente essa estratégia, que incentiva a participação, vai desenvolver no aluno, o questionamento sobre os seus conhecimentos prévios. Nesse momento, é preciso que ele saia na busca de subsídios que respondam às suas inquietações. O estudo por meio da pesquisa deve ser incentivado pelo professor como um caminho para o aluno iniciar, gradativamente, a busca incessante na construção de sua aprendizagem.

Penso que, para o aluno construir o seu aprendizado, este deve ser estimulado a desenvolver a capacidade de elaboração própria. A pesquisa deve representar para o aluno um desafio em elaborar suas idéias superando suas dificuldades em externá-las. À medida que surgirem os primeiros questionamentos acompanhados de seus posicionamentos bem definidos, o sujeito passará a confiar mais em si, na sua competência em organizar e elaborar seus argumentos. Segundo Carvalho (1994 apud DEMO, 2003, p. 19):

A habilidade central da pesquisa aparece na capacidade de elaboração própria, ou de formulação pessoal, que determina mais que tudo, o sujeito competente em termos formais. Argumentar, fundamentar, questionar com propriedade, propor e contrapor são iniciativas que supõem um sujeito capaz. Esta individualidade é insubstituível.

O desenvolvimento do hábito de estudo que utiliza a leitura e escrita para questionar e reconstruir o conhecimento é conseqüência do desatrelamento do aluno em relação à cópia e à aceitação de tudo que é dito pelo professor em sala de aula. Com uma postura diferente que vai ao encontro do estudo pela pesquisa, o aluno passa a construir o seu objeto de estudo com fundamentação e capacidade de comunicá-lo com argumentação própria. Cabe à escola, por meio de seus professores, estimular o processo de argumentação do aluno, fazendo com que esse possa assumir o seu próprio caminho na busca da autonomia.

Uma aprendizagem voltada à pesquisa, engajando o aluno no processo, certamente o estimularia a estudar e a pesquisar com maior interesse e prazer. Para Tapia (2001, p. 69):

“Toda mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas.” O resultado disso, certamente, traria uma aprendizagem mais autônoma com reflexos positivos no desenvolvimento emancipatório do aluno.

3.2.6.2 A argumentação: um poder para conquistar a autonomia

A concretização da autonomia ganha uma maior notoriedade quando acompanhada da argumentação escrita e oral do próprio aluno.

O poder de construção e expressão verbal durante a fala de um sujeito é corroborado pela qualidade da sua produção escrita, facilitada pelo freqüente exercício de colocar no papel suas idéias com clareza, de acordo com um conhecimento razoável das regras da língua materna. Como pré-requisito, é necessária uma fundamentação teórica consistente, a partir de leituras realizadas de vários autores experientes que dissertam sobre o assunto em pauta. Ramos (2004, p. 46) entende que: “[...] à escola cabe ser, além de espaço de fala, um espaço de produção escrita, pois é isso que consolida o processo argumentativo.” As atividades de sala de aula devem dar atenção, portanto, também à produção escrita do aluno fazendo-o desacomodar-se e buscar por meio da leitura adequada os fundamentos que o capacitem a escrever mais e melhor. É importante que o aluno “[...] tenha bem-definidos seus propósitos, e então busque leituras a eles adequadas.” (MARQUES, 2001, p. 59). Essa estratégia possibilitará uma maior capacidade argumentativa do aluno. À medida que ele vai desenvolvendo a habilidade para escrever, passa a qualificar sua condição tanto para elaborar uma redação como para justificar a resposta de uma questão avaliativa, propostas pelo professor. Nesses movimentos o aluno estará explicitando com clareza idéias próprias para construção de seus argumentos. A aprendizagem é favorecida pelo exercício de escrever, de expressar no papel ou na tela do computador os mais genuínos sentimentos e percepções. Para Bernardo (2000, p. 54):

Escrever para aprender significa descobrir relações entre as idéias, selecionar e ordenar idéias e dados, ou ainda dar forma a experiências pelas quais passamos a fim de que possamos compreendê-las com mais clareza.

Aqui fica evidenciada a “educação pelo argumento” (BERNARDO, 2000) que está presente no “educar pela pesquisa” (DEMO, 2003), pois quem pesquisa precisa argumentar sobre os seus achados. Nos procedimentos de busca e construção de conhecimentos pelo

aluno, há o envolvimento em leituras e produções escritas, mas principalmente deve aparecer a marca subjetiva de seu autor, pois a interpretação pessoal exige sua criatividade na argumentação. Como consequência disso, ele terá um crescimento evolutivo em seu processo emancipatório, preterindo a simples reprodução, em favor da construção e reconstrução do conhecimento, por meio de idéias próprias e bem fundamentadas.

A escola deve propiciar também espaços para a discussão provocando a capacidade de argumentação oral do aluno, formando sujeitos capazes de interferir nas mudanças com força e o poder de decisão. Conforme Ramos (2004, p. 27): “[...] argumentar é vital para que nos tornemos sujeitos, inserindo-nos com consciência no discurso em que estamos imersos com competência para participar e também decidir.” Durante a discussão de um tema, o aluno precisa saber expressar-se com uma argumentação consistente para atrair a atenção de seus interlocutores sobre suas idéias, defendendo sua posição e ao mesmo tempo refutando uma outra contrária à sua.

Portanto, a participação do aluno em sala de aula precisa passar por atividades pedagógicas que lhe oportunizem discursar de forma consciente e autônoma, possibilitando-lhe exercer plenamente a sua cidadania. Um debate organizado sobre um tema atual e de interesse geral pode ser um procedimento que fomente a discussão e atenda a esses objetivos.

Cabe ao aluno aproveitar os espaços de discussão a serem oportunizados em sala de aula, buscando subsídios para fundamentar sua argumentação convincentemente. Certamente sentirá necessidade do apoio sistemático do estudo pela pesquisa. A pesquisa torna-se uma necessidade, um meio facilitador na construção de seus argumentos. O estudo pela pesquisa passa a se tornar uma rotina natural, gerada pela autonomia desenvolvida a partir da sala de aula. Nesse contexto o sujeito está se capacitando a enfrentar seus desafios.

Ao professor é reservada a tarefa de criar um ambiente que estimule a participação independente e respeitosa do aluno para que todos possam ouvir e acompanhar atentamente a opinião de seus colegas, só ocorrendo intervenções com a solicitação da palavra, em caso de extrema pertinência. Com esse comportamento, a autonomia do aluno estará sendo trabalhada, sem a quebra da harmonia em sala de aula. O professor, na condição de mediador dos trabalhos, deve ter uma postura democrática, permitindo-se também aceitar a opinião dos seus alunos. A liberdade de expressão deve ter o respeito de todas as partes envolvidas no processo educativo. Se o objetivo é a formação de um sujeito autônomo com capacidade de se posicionar pela elaboração própria e construção de seu conhecimento, é fundamental que os alunos tenham participação na organização e manutenção desse ambiente. Conforme Aquino

(2002, p. 85): “[...] liberdade e autonomia não se outorgam. Não são concessões, mas desdobramentos possíveis das relações entre as pessoas.”

É importante considerar ainda a atitude do professor em avaliar o teor da argumentação do aluno. Essa age como um reforço mobilizador, levando-o a encarar com mais seriedade o estudo e a pesquisa. Bernardo (2000, p. 38), referindo-se aos instrumentos de avaliação, diz que: “Devem conter questões amplas, abrangentes e desafiadoras, cujas respostas somente possam ser discursivas, ou seja, cujas respostas constituam sempre... um argumento.” Com esse mecanismo, o aluno vai desenvolvendo o costume de estudar com a pesquisa e pesquisar aplicando a inteligência para aprender, ou seja, estudando. Nesse processo se dá a emergência de um sujeito autônomo e autoconfiante, envolvido em construções e reconstruções cada vez mais profundas e mais bem argumentadas. As atividades de estudo e pesquisa se consolidarão como um hábito na medida em que o aluno as realizar por conta própria, sem a necessidade de uma imposição externa, caracterizando definitivamente a sua autonomia.

Embora não se possa abandonar o respeito aos limites num ambiente de sala de aula, é aconselhável que o aluno tenha oportunidades para tomar decisões. A liberdade de escolha para o aluno é fundamental para sua motivação, pois ele se sente responsável pelos rumos que deverá dar ao seu trabalho. Já que não podemos contentar a todos, é importante planejar atividades diferenciadas com objetivos variados, de forma que possam despertar o interesse da maioria. Neste clima de liberdade orientada, o aluno passa a assumir o comando da atividade escolhida, analisando-a, discutindo-a e principalmente argumentando-a. Conforme Ramos (2004, p. 47): “Desenvolver a capacidade argumentativa também é assumir o comando da aprendizagem.” Com essa estratégia motivacional, estaremos preservando a autonomia do aluno. É de se esperar também que, com a autonomia do aluno sedimentada, visando à construção própria de seu conhecimento por meio da pesquisa em sala de aula, irá crescer a sua motivação em buscar no estudo pela pesquisa as respostas às questões e curiosidades que o inquietam.

3.3 A MOTIVAÇÃO DO ALUNO: MOLA PROPULSORA PARA O ESTUDO E PESQUISA

Pela experiência adquirida em sala de aula, considero a motivação do aluno para o estudo um problema educacional extremamente relevante e, como tal, o grande desafio a ser

perseguido pelo professor, visando à criação de um ambiente propício à aprendizagem. Conforme Cury (2003, p. 101): “Não importa o tamanho dos nossos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para superá-los.” Tenho convicção de que a motivação em aprender é a mola mestra para impulsionar o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa. Cumpre-se destacar a importância que deve ser dada ao conhecimento prévio trazido por ele para sala de aula, resultado de diversas experiências vivenciadas em seu meio, como uma forma de motivação positiva, na expectativa de poder aprimorá-lo e, com ele, aprender ainda mais. Na educação que envolve a pesquisa como a atividade principal em sala de aula, esses aspectos estão contemplados na medida em que o trabalho tem como base a bagagem cultural do aluno visando a começar pela reconstrução própria do seu conhecimento.

3.3.1 O aproveitamento intrínseco e extrínseco da motivação

Num ambiente de sala de aula, encontramos alunos com comportamentos diferenciados de acordo com a sua motivação. Um número pequeno de alunos possui um interesse próprio de exercitar as suas capacidades no estudo, buscando sua melhor aprendizagem e alcançando ótimos resultados, o que caracteriza uma motivação intrínseca. Já um grupo bem maior reflete um comportamento motivacional extrínseco, ou seja, estuda em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, objetivando a obtenção de notas e reconhecimento. Além desses grupos, chamam a atenção os desmotivados, alunos que estudam pouco ou nada e, conseqüentemente aprendem pouco. Conforme Bzuneck (2001, p. 13): “[...] aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprenderem pela vida afora.” Cabe ao professor então recorrer a estratégias que possam gradativamente provocar uma motivação no aluno.

A motivação intrínseca, sendo uma propensão inata e natural do aluno, faz com que ele aprenda a gostar ou a se interessar por determinado assunto. Ela gera uma satisfação no aluno beneficiando seu desempenho e facilitando sua aprendizagem. O aluno com esse comportamento realiza suas tarefas mesmo que isso não traga recompensas elogiosas em público ou um tipo de punição por não fazê-la. É de se supor que um aluno com tal padrão motivacional possa desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa com maior facilidade, pois, conforme Guimarães (2001, p. 38):

[...] apresenta alta concentração, de tal modo que perde a noção do tempo; os problemas cotidianos e outros eventos não competem com o interesse naquilo que está desenvolvendo; não existe ansiedade decorrente de pressões ou emoções negativas que possam interferir no desempenho; busca novos desafios após atingir determinados níveis de habilidade e as falhas ocorridas na execução das atividades instigam a continuar lutando.

Com esse envolvimento, o desempenho escolar desse aluno certamente refletirá o comportamento de um sujeito estudioso e pesquisador. A questão é fazer com que esse comportamento venha se desenvolver em alunos que não comunguem dessas iniciativas.

O desenvolvimento da motivação intrínseca do aluno visando o seu aprofundamento no estudo e na pesquisa se dá mais facilmente quanto maior for o envolvimento interativo do aluno no processo de aprendizagem, quanto mais forem propiciadas situações atrativas que provoquem sua participação. Segundo Guimarães (2001, p. 55):

Toda situação de aprendizagem deve ser planejada levando-se em consideração aqueles elementos já reconhecidos como promotores da motivação intrínseca. Apresentar desafios, promover curiosidade, diversificar planejamentos de atividades, propor fantasia, compartilhar decisões são exemplos de ações educativas favoráveis à motivação dos alunos e facilmente implementadas.

O estudo pela pesquisa em sala de aula, como já enfatizamos em vários momentos, constitui um procedimento que auxilia o professor a oportunizar a ocorrência dessas ações educativas. A pesquisa favorece a motivação de alunos menos motivados ou até mais desmotivados, pois propicia um ambiente social promotor da autonomia na tomada de decisões e da percepção da competência, porque o aprender a aprender e o saber pensar levam o aluno a saber fazer, ao se desincumbir com iniciativa própria, por vontade própria. Trata-se também de uma estratégia eficaz à prática de um esforço compatível com o grau de exigência para o aluno atingir a motivação intrínseca suficiente à continuidade do estudo além da escola.

A motivação extrínseca que diz respeito ao interesse do aluno pelas notas, prêmios e resultados finais ou comparações de desempenho, tem um significado apenas aparente e passageiro, pois não parte da vontade do próprio aluno. Caso deixarem de existir essas recompensas, o aluno perde a sua motivação e, por conseqüência, haverá reflexos negativos em sua aprendizagem e no seu desejo de estudar. Entendo que se cria uma dependência por esse retorno externo para que ocorra o estudo por parte do aluno. Estudos citados por Stipek (1993 apud GUIMARÃES, 2001, p. 51), “[...] demonstraram que sujeitos a quem foram oferecidas recompensas para executar uma atividade, apresentaram diminuição no interesse e envolvimento na ausência daquela condição.”

Considerando-se o contexto escolar, o aluno com motivação extrínseca tem, como justificativa, as avaliações cognitivas de suas atividades, acreditando que o seu envolvimento no estudo trará elogios, boas notas, prêmios recompensadores e evitará problemas relativos à

cobrança dos pais. Portanto, esse comportamento não se constitui na almejada motivação para aprender, fruto de seguir uma receita pronta e não exercitar a elaboração própria. Para que o processo de formação integral do sujeito, visando a sua “qualificação formal e política” (DEMO, 2003), venha se concretizar, seria conveniente que o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa em sala de aula fizesse parte de sua educação desde os primeiros anos escolares. “O aluno precisa ser motivado a, partindo dos primeiros passos imitativos, avançar na autonomia da expressão própria.” (DEMO, 2003, p. 29). Pressuponho que assim o aluno possa desenvolver sua motivação intrínseca desde o início de sua formação educacional e com isso condicionar-se positivamente a estender seu hábito de estudo pela pesquisa além da sala de aula.

Embora a motivação extrínseca do aluno não tenha um resultado significativo no processo de aprender, devem-se considerar alguns de seus aspectos positivos que contribuem para progressos efetivos em uma atividade de aprendizagem. O elogio, por exemplo, pode ser uma maneira viável de o professor manifestar sua aprovação e enaltecimento ao desempenho e envolvimento do aluno com a sua aprendizagem. Segundo Guimarães (2001, p. 53):

[...] elogiar um aluno por ter aprendido uma nova habilidade ou por ter adquirido um novo conhecimento fortalece seus sentimentos de eficácia e promove a autodeterminação, sustentando o interesse mesmo quando for retirada a contingência de reforçamento.

Procedendo dessa forma, o professor estimula o aluno a dar uma resposta ainda melhor. Eleva sua auto estima na medida em que reforça sua competência, fazendo-o acreditar mais nos seus progressos efetivos relativos à sua aprendizagem. Outro aspecto importante a ser considerado no processo de aprendizagem em sala de aula é a alegria. Resumindo a idéia de Carretero (1997), não existe a necessidade de fazer com que os trabalhos pareçam uma jornada interminável, pesada, pois é possível aprender sorrindo, com prazer. A própria motivação intrínseca do aluno depende muito do ambiente alegre, sempre que possível cultivado durante as aulas. As atividades que envolvem a pesquisa devem ser realizadas com seriedade, porém isso não impede que a alegria se faça presente. Para Freire (1996, p. 160): “A alegria não chega apenas no encontro dos achados, mas faz parte do processo de busca.” Para manter o ambiente de sala de aula alegre, agradável e convidativo à pesquisa, é conveniente que o professor leve muito em consideração os interesses de seus alunos.

3.3.2 O interesse e o esforço: o despertar e a atitude gerada da motivação ao estudo

O interesse pelo objeto de estudo pode levar o sujeito à motivação, gerando o esforço para a busca de sua aprendizagem.

Com o objetivo de incentivar o aluno a estudar e a pesquisar, até vir a criar um hábito, é importante partirmos de assuntos de seu interesse. Conforme Tápia (2001, p. 45):

Para que os alunos sintam que trabalham no que querem porque eles assim o querem, é importante que o professor ofereça o máximo de possibilidades de opção. A importância disso reside no fato de que todos nos sentimos mais à vontade quando trabalhamos para conseguir o que nos interessa e que nós mesmos escolhemos do que quando fazemos algo que nos é imposto.

O interesse por um determinado assunto motiva o aluno a estudar e a pesquisar. É importante que, ao se trabalhar um conteúdo, sejam feitas relações com assuntos que despertem a vontade do aluno em querer conhecê-lo. Dessa forma, o assunto funciona como um estímulo motivador para que o aluno possa estudar o conteúdo com mais vontade. Manter a continuidade desse processo, instigando o aluno com questionamentos, é fundamental para que ele possa ir desenvolvendo o hábito de estudo pela pesquisa. O interesse do aluno pode levá-lo a construir o conhecimento a partir do estudo do conteúdo, mas para isso, além da participação do professor, é fundamental que haja vontade, empenho e perseverança do aluno na busca efetiva de sua compreensão. Conforme Jiménez (1997 citado por VILLAMARÍN, 2000, p. 25):

O estudante pode dispor dos melhores professores do mundo, e estes podem aplicar com verdadeira perspicácia os métodos mais adequados [...]; mas se, decididamente, um estudante não quer aprender, serão em vão todos os esforços para cumprir-se o processo correlativo do ensino-aprendizagem.

Um aluno que demonstre realmente um interesse por um determinado conteúdo, mesmo encontrando certa dificuldade para entendê-lo, certamente irá buscar, por meio do esforço e dedicação, um entendimento maior.

O esforço para aprender, gerado pela motivação intrínseca, é uma atitude pessoal, portanto deve partir do próprio sujeito não podendo ser substituído, apenas orientado e apoiado pelo professor. É importante considerar também que, embora o desenvolvimento do estudo e pesquisa possa ser desencadeado pela prática sistemática de um comportamento autônomo, promovido pelo professor e com a cumplicidade do aluno, a verdadeira mudança deve partir do próprio aluno. “Qualquer motivação verdadeira provém do próprio estudante. Não pode ser imposta de fora. É preciso sentir o autodesenvolvimento como necessidade, estar consciente dessa prioridade dada a si mesmo.” (COÉFFÉ, 1996, p. 5).

O professor deve procurar conscientizar seu aluno de que o esforço e a dedicação para com o estudo são sempre necessárias e fundamentais para quem deseja alcançar êxito em seu crescimento pessoal e intelectual. Demo (2004, p. 68) chama a atenção com relação a esse aspecto dizendo que: “Não é viável desfazer a necessidade de esforço, no sentido de ‘dar duro’, de dedicar-se com afinco, estudar de verdade.” Aprender é “dureza”, mas também gera alegria, pois proporciona recompensas. Essa idéia, reforçada pelo interesse que o aluno deve ter em procurar se envolver na compreensão do conhecimento, deve ser focalizada pelo professor aos seus alunos em sala de aula.

O aluno tem que tomar consciência de que as vitórias obtidas por ele na aprendizagem só serão conquistadas se houver empenho de sua parte. Possivelmente se tornará mais fácil e gratificante o seu estudo. Para Demo (2004, p. 72): “[...] sempre que conseguirmos nos envolver emocionalmente em qualquer esforço, esse se torna menos perceptível como esforço, e muitas vezes acaba confundindo-se com o prazer.” Aquilo que antes, para o aluno, pode parecer de difícil assimilação, passa a se tornar acessível e perfeitamente compreensível, servindo de estímulo para dar continuidade ao seu estudo.

Nesse contexto, a relação do professor com o aluno não deve ser paternalista e sim de um parceiro orientador na sua educação, para que esse possa efetivamente ser preparado, com a concessão de autonomia crescente, para enfrentar os desafios que a vida lhe oferecerá, exigindo iniciativa e criatividade e não uma simples reprodução de conhecimentos.

A educação que priorizar a pesquisa deve levar em consideração que o esforço deve estar reforçado pela disciplina e determinação, requisitos básicos para assimilar as privações e perseverar na reconstrução de seu conhecimento. A força de vontade do aluno deve suplantar os desvios acarretados por sua vontade em buscar diversões e entretenimentos na hora agendada para o estudo, com o objetivo de poder atingir com sucesso as suas metas e seguir na caminhada em prol de seu projeto de vida. Yves de La Taille em uma palestra para professores comentou: “Para não sucumbir às vontades, devemos ter força de vontade”. A força de vontade nos impulsiona, fazendo-nos transpor nossos próprios limites.

No entanto, é importante que os períodos de estudo e pesquisa do aluno sejam alternados com outras atividades prazerosas. Corpo e mente devem ser mantidos ativos e de forma equilibrada, para não trazer descompensações internas ao sujeito, baixando o seu rendimento e a própria qualidade no estudo. Villamarín (2000, p. 294) aconselha o aluno, dizendo:

Para que você possa dedicar toda sua energia e capacidade à realização de tarefas que considera mais importantes, para o seu bem-estar e o seu sucesso futuro, necessita encontrar a forma de descansar e renovar-se através de pausas saudáveis.

Portanto, essa orientação é chave para que o hábito de estudo tenha seqüência e não venha a se tornar uma rotina enfadonha e cansativa, fazendo cair a motivação do aluno. As pausas fazem manter acesa a chama não só pelos seus interesses, mas também por suas curiosidades evitando o seu desgaste e desmotivação para continuar.

3.3.3 A curiosidade do aluno: uma preciosa oportunidade de motivação

O interesse e a curiosidade são comportamentos muito próximos. O interesse pode significar uma curiosidade por alguma coisa assim como a curiosidade pode levar alguém a ter interesse por um determinado tema ou assunto. Penso que o interesse atrai a curiosidade, mas o inverso também pode ser verdadeiro. Na realidade, tanto uma pessoa interessada quanto outra curiosa podem se tornar motivadas na busca de seus interesses e curiosidades. No contexto escolar, elas devem, sempre que possível, ser estimuladas em sala de aula para promover a motivação do aluno. O professor deve ficar atento aos interesses dos alunos, mas principalmente às suas curiosidades que emergirem momentaneamente durante as aulas. Assim que detectadas, o professor deve explorá-las ao máximo no sentido de motivar seus alunos ao estudo e à pesquisa para satisfazê-las.

Entre as estratégias potencialmente promotoras da motivação intrínseca no sujeito citadas por Guimarães (2001), encontra-se a de despertar a sua curiosidade. Precisamos, portanto, aproveitar o alto grau de curiosidade, inerente à fase de infância do aluno que se estende até a sua adolescência, para fomentar o seu desejo de querer saber, de buscar pela investigação novos conhecimentos, de enfrentar novos desafios. Segundo Morin (2003, p. 39):

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com freqüência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

A curiosidade emerge do sujeito quando algum assunto chama sua atenção e ele sente no desejo de conhecer mais a respeito. Conforme Freire (1996), a curiosidade atua como uma inquietação indagadora na procura de esclarecimentos. Ela nos move impacientemente no desejo de querer saber mais. A partir de uma simples curiosidade pode crescer a motivação no aluno em conhecer mais detalhes sobre, por exemplo, o funcionamento de uma máquina, a manifestação de um fenômeno natural ou a descoberta da cura de uma doença.

Entendo que a discussão e a análise crítica, motivadas por temas polêmicos, em sala de aula, a partir de debates em painéis e seminários, irão despertar ainda mais a curiosidade do aluno por maiores esclarecimentos. Desta forma, ele se sentirá motivado a buscar subsídios argumentativos que possam sustentar sua posição e assim aprofundar seus conhecimentos retomando discussões e análises críticas cada vez mais esclarecedoras. Conforme La Rosa (2003, p. 184):

A curiosidade e o desejo de obter mais conhecimento aparecem mais em algumas pessoas do que em outras. Um desejo intenso é seguido pela vontade de sistematizar os conhecimentos, analisá-los e integrá-los em um todo compreensível. As pessoas altamente motivadas pela necessidade procuram relacionar os conhecimentos e pô-los à prova por meio da análise crítica.

Esse procedimento leva o aluno a se interessar pelo conteúdo e sair na busca de respostas para as questões que o inquietam por meio da disposição em estudar e pesquisar mais seguidamente.

A curiosidade é vital para o progresso científico. O homem se torna um pesquisador por meio do rigor da curiosidade que o impulsiona a aprofundar os seus conhecimentos na busca de novas descobertas. A própria sobrevivência da humanidade, além do seu instinto natural, é mantida pela exploração das riquezas do planeta, fruto da curiosidade em conhecer os benefícios extraídos da natureza. A curiosidade motiva o homem a se tornar um investigador à procura de respostas para os mistérios do universo. Desvendá-los faz parte de um fascínio que o homem persegue sistematicamente num processo contínuo de estudo e pesquisa. A educação, fundamento básico no desenvolvimento de um sujeito, não pode se omitir em motivar o aluno para o estudo na busca incessante do conhecimento. Investir na pesquisa em sala de aula é investir no potencial de curiosidade do aluno, inserindo-o na busca do conhecimento. Conforme Freire (1996, p. 95): “A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade”.

Portanto, a curiosidade, uma característica própria do ser humano, deve ser sistematicamente provocada no aluno pelos professores em sala de aula, pois é um dos pontos de partida para motivá-lo no encaminhamento da habitualidade de estudar e pesquisar.

3.3.4 A motivação na sala de aula: um desafio para o professor

O aluno dificilmente aprende sozinho, portanto há necessidade de o professor desempenhar o papel de incentivador na construção do seu conhecimento, orientando-o para

sua aprendizagem. Cabe ao professor em sala de aula desafiar o aluno, despertando-o para a busca do conhecimento. O professor, como um orientador e amigo sempre presente, deve encaminhar o aluno para o estudo fazendo com que ele se envolva e se exponha mais sem receios de errar.

A motivação do aluno é muito influenciada pelo comportamento profissional do professor. Um educador motivado e comprometido com a educação, demonstrando entusiasmo e paixão pelo seu trabalho, serve como exemplo para o aluno em sua tarefa de estudo. Como diz Bzuneck (2001, p. 28): “Em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores.” Para o aluno é importante que no seu processo de aprendizagem o professor seja ao mesmo tempo um incentivador e um crítico desafiador. No entanto, durante o seu acompanhamento ao aluno, deve ter o cuidado de que nem sempre o elogio é benéfico à auto-estima nem favorecedor da motivação do aluno, assim como a censura e a crítica podem incrementar a motivação sem prejuízo para ele. Conta muito a sua experiência para perceber o momento propício para fazer um elogio ou uma crítica ao aluno. A complexidade e a imprevisibilidade de um ambiente de sala de aula inviabilizam o uso de regras prontas pelo professor. Faz parte da educação pela pesquisa um envolvimento de incentivos, mas também de críticas do professor com seus alunos. Para Bzuneck (2001, p. 29): “[...] deve-se ter presente que os alunos precisam ser motivados para tarefas significativas, desafiadoras, mesmo que sejam árduas, não prazerosas, exigentes e sob cobrança externa.”

Temos conhecimento de que entre os professores de sala de aula há os que se negam a desenvolver a motivação intrínseca nos alunos investindo mais em uma motivação extrínseca. Acreditam que, por meio de pontos extras, ameaças e punições possam convencer os alunos a realizar suas tarefas.

Porém, encontramos também educadores mais conscientes da importância em começar o trabalho utilizando estratégias potencialmente promotoras da motivação intrínseca, ou seja, principalmente despertando a curiosidade e o interesse dos alunos, a chamá-los à atenção para a relevância do conteúdo em suas vidas cotidianas. Para auxiliar o professor nessa difícil missão, o setor pedagógico da escola deveria consultá-lo visando a reduzir consideravelmente o extenso programa de conteúdo de sua disciplina, permitindo a ele o aprofundamento pela pesquisa, dando sentido e significado ao objeto de estudo. Demo (2003, p. 100) é categórico quando se refere aos currículos extensivos dizendo que: “[...] é a qualidade que decide, não cabe esticar a quantidade, principalmente quando marcada pela reprodução copiada.” Essa iniciativa pode favorecer um maior envolvimento e participação do aluno em função de se poder discutir com mais tempo os aspectos teóricos e práticos de cada conteúdo.

Um dos indicativos, que desperta atenção dos professores, de que seus alunos estão intrinsecamente motivados é o que se observa quando eles se manifestam pela participação efetiva em discussões por meio de questionamentos e argumentações consistentes, protagonizados principalmente pelas etapas da pesquisa em sala de aula. Para nutrir essa motivação, o professor deve promover atividades que possibilitem a integração de seus alunos num envolvimento de busca pela construção do conhecimento. Supõe-se que um grupo de alunos com a autonomia desenvolvida, que consegue manter-se motivado intrinsecamente para o aprimoramento de seu conhecimento, teoricamente, estará com amplas condições para desenvolver o hábito de estudo. Se, ainda, a pesquisa em sala de aula tornar-se uma atividade costumeira, considerando sua característica motivadora, é provável que cada um dos alunos habitue-se a dar continuidade ao seu estudo nas tarefas extra-classe, também com o uso da pesquisa.

Motivado pelo trabalho solidário que passa a permear as relações em sala de aula e pela transparência nas responsabilidades, o aluno percebe o seu papel no processo, buscando o seu caminho e encontrando dentro de si, as possibilidades de crescimento individual. Essa motivação leva o aluno a ter confiança em si mesmo para refazer o seu trabalho, realizando projetos próprios e construindo novos saberes. O aluno motivado e confiante percebe a importância de sua participação para a aprendizagem, utilizando o estudo e a pesquisa como ferramentas fundamentais na sua própria formação. É de se esperar que, com essa nova postura, ele venha a adquirir um comprometimento maior com sua aprendizagem, tendo a nota apenas como uma consequência natural.

A motivação, num âmbito geral, está ligada às aspirações internas e à concretização de projetos futuros que são construídos por meio de relações de confiança, amizade e respeito trabalhadas em sala de aula.

3.4 RELAÇÕES INTERPESSOAIS: FATOR MOTIVACIONAL PARA O ESTUDO

O ser humano necessita de um bom relacionamento com seus semelhantes para se sentir bem consigo mesmo. No convívio de sala de aula, as relações interpessoais são de fundamental importância para o bom andamento das atividades de estudo, objetivando o êxito na aprendizagem do aluno. Neste contexto, nem sempre temos uma relação amistosa. Os conflitos fazem parte dos relacionamentos em sala de aula, repleta de acontecimentos

inusitados. Por mais que se procure evitar desavenças e desentendimentos, eles acontecem. Cabe ao professor administrá-los, aproveitando as situações conflitantes criadas para transmutá-las em ensinamentos que beneficiem o crescimento do grupo como um todo.

3.4.1 O afeto nas relações interpessoais: a dosagem certa faz a diferença

As relações entre professor e alunos ocorrem, inicialmente, enquanto estão se conhecendo, com certas reservas. Esse é o momento para o professor procurar conquistar a simpatia de seus alunos, tornando o ambiente atrativo a participações e ao envolvimento nas atividades propostas. O trabalho não precisa ser imposto, basta apenas que o diálogo balize as relações em sala de aula, tornando o ambiente mais favorável para o desenvolvimento das tarefas acordadas. Consultar os alunos sobre os métodos e atividades propostas é uma atitude, além de afetiva, atenciosa e democrática, salutar à sua concretização. O aluno, para desenvolver suas capacidades inteligentes direcionadas ao estudo, precisa contar com o afeto e a atenção do professor no ambiente de sala de aula. Segundo Villamarín (2000, p. 276):

Sem afeto, a inteligência não pode desenvolver-se e produzir resultados compensadores; nesse caso, o estudo pode transformar-se num esforço inútil e penoso. O aluno precisa de um ambiente afetivo adequado para estudar com proveito.

No entanto, temos que ter consciência de que a relação professor-aluno deve ser afetuosa de ambas as partes. O afeto na relação deve ser acompanhado do respeito mútuo. Se isso não estiver claro, limites devem ser estabelecidos para manter a harmonia em sala de aula em benefício da aprendizagem. Conforme Zagury (1999, p. 12): “[...] não se pode supervalorizar a relação professor-aluno, especialmente em detrimento do saber.” Para se aprender, deve haver um mínimo de disciplina e organização em uma sala de aula. Em algumas oportunidades, há necessidade de o professor agir com firmeza para manter o respeito e a disciplina no ambiente de sala de aula. Freire (1996, p. 160) nos diz que: “A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade.” Por meio dos limites, o professor demonstra sua autoridade sem que isso comprometa as relações de afeto com seus alunos. “Os limites quando necessários devem incidir sobre as ações e não sobre sentimentos.” (LA TAILLE, 2003, p. 60).

A afetividade não se manifesta apenas com gestos e atitudes afáveis, mas é também demonstrada na preocupação do professor em procurar dar as condições adequadas ao estudo do aluno no espaço de sala de aula. O professor, no seu compromisso com a educação, deve exercer sua autoridade com equilíbrio, fazendo-se respeitar e procurando manter o afeto em sua ação pedagógica.

3.4.2 O respeito na relação pedagógica: um benefício para a aprendizagem

O processo de desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa pelo aluno passa, necessariamente, pelo profundo repensar da Escola de suas concepções educacionais no que se refere às questões pedagógicas e a sua ligação com o relacionamento interpessoal professor-aluno. O clima de relacionamento estabelecido em sala de aula, seja ele autoritário ou democrático, influenciará na aprendizagem efetiva dos conteúdos trabalhados. Como consequência disso, teremos a identificação ou rejeição do aluno ao professor, bem como a seus métodos e atividades propostas, levando o aluno a estudar com prazer e satisfação ou não. Para Costa, C. (2002, p. 86):

O conhecimento e a reflexão sobre os problemas pedagógicos, que interferem consciente ou inconscientemente na relação professor-aluno, nos conduzirão enquanto educadores a uma revisão de nossa prática pedagógica, no sentido de nos orientar para uma melhoria da qualidade do binômio ensino/aprendizagem, e para a formação de alunos, profissionais e cidadãos, saudáveis, críticos, conscientes, participativos e comprometidos com a melhoria das relações humanas, na sociedade onde irão atuar.

Para a formação integral de um sujeito, a educação deve considerar a relação de respeito com seus semelhantes como de fundamental importância. Na relação pedagógica de sala de aula, o professor é o coordenador e orientador dos trabalhos desenvolvidos. Cabe a ele mediar as atividades propostas e as diversas situações imprevistas que surgirem nesse espaço de aprendizagem; portanto, sua autoridade deve ser respeitada e compreendida pelos alunos no sentido da realização plena do processo, num clima saudável e produtivo. Conforme Zagury (1999, p. 12):

A relação pedagógica tem que se embasar numa hierarquia não rígida e nem autoritária, em que deve estar bem definido para o aluno que o professor é a autoridade na relação. Mesmo que exerça essa autoridade de forma democrática e participativa, o professor tem o direito e o dever de manter em classe as condições que permitam ocorrer a aprendizagem.

Podemos constatar na prática que a aprendizagem sofre influência direta das relações interpessoais numa sala de aula. Os alunos que possuem um bom relacionamento entre si e com os professores têm mais motivação para aprender. O aluno, ao perceber um canal aberto para discutir e argumentar em aula, sem restrições por parte do professor, acaba se sentindo mais à vontade para participar e debater com os colegas, envolvendo-se na busca de sua aprendizagem. Somando-se a isso o respeito, por parte do aluno, à coordenação pedagógica competente do professor, desenvolve um clima de abertura no qual o discente, por meio do questionamento, da argumentação e da comunicação, poderá aprofundar-se mais no estudo, num verdadeiro ambiente de pesquisa. A educação pela pesquisa em sala de aula propicia essa interação dinâmica tão necessária entre os seus participantes, levando o aluno a trabalhar individual e coletivamente em prol de seu processo de aprendizagem.

Uma escola onde reine a cooperação, a amizade e o respeito mútuo, possibilita as melhores condições para o aluno motivar-se ao estudo e à pesquisa na busca do conhecimento, visando ao sucesso de sua aprendizagem.

3.4.3 A parceria nas relações: o suporte do estudo continuado do aluno

A educação pela pesquisa, exige boas relações interpessoais entre professores, alunos, pais e direção da escola, num trabalho em parcerias. É preciso que o professor perceba que ele não é o detentor do poder e por isso não pode tomar decisões isoladas. Passar de uma educação tradicional na qual o professor passa ensinando, para a educação na qual o aluno constrói o seu conhecimento, educa-se, nos leva a uma quebra de paradigmas, para o que todos nós, professores e alunos, precisamos estar preparados. Com essa nova concepção, professor e alunos devem buscar uma parceria no trabalho para que encontrem o equilíbrio entre a individualidade e a reciprocidade necessária e essencial de credibilidade e confiança mútua. Conforme Demo (2003, p. 18): “É muito importante buscar o equilíbrio entre o trabalho individual e coletivo, compondo jeitosamente o sujeito consciente com o sujeito solidário. O desafio da competência exige ambas as dimensões.” É oportuno lembrar que o professor e seus alunos passam a conviver em um mesmo ambiente, no qual os objetivos são compartilhados na busca da superação dos desafios inerentes ao processo de aprendizagem. Dessa forma, ao buscarem metas comuns, criam vínculos de amizade e cumplicidade, que permitem a todos evoluírem.

A tarefa desenvolvida pelo professor nessa parceria é complexa, na medida em que, mesmo lidando com as mais diversas situações familiares e sociais do aluno, precisa incentivá-lo a trilhar, de maneira lícita e justa, o seu caminho. Portanto, o professor tem uma responsabilidade muito grande na sua relação com o aluno, pois este o considera como um modelo para ele. O professor é um referencial exemplar para o aluno. Suas atitudes são muito consideradas. “A personalidade do professor projeta-se na criança e intervém em sua formação para a vida.” (VOLI, 1998, p. 13). O professor, demonstrando ser um profissional sempre atualizado, estudioso e pesquisador em sua área de atuação, possivelmente será tomado pelo aluno como exemplo, podendo seguir o seu comportamento. Isso favorece, em muito, o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa pelo aluno.

É importante referir também à influência dos pais sobre seus filhos, no que diz respeito aos seus próprios hábitos. O hábito de leitura dos pais serve para que o indivíduo acabe agregando esse procedimento saudável aos seus hábitos, auxiliando-o no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. Na fase convencional dos estágios de moralidade, propostos por Kohlberg (1992), o sujeito procura corresponder às expectativas de cumprir e desempenhar fielmente o seu papel de acordo com as regras de quem as criou. Além disso, a parceria dos pais na atitude de reservar uma parte de tempo para acompanhar e orientar seu filho nos estudos, se colocada em prática, principalmente nos primeiros anos escolares, irá dar segurança ao aluno fazendo-o sentir-se amparado nos momentos de dificuldade, ao mesmo tempo em que provocará nele uma motivação maior para estudar e pesquisar.

É de fundamental importância que o aluno tenha em casa a orientação dos pais e, na escola, a dos professores, para que ele se sinta amparado e estimulado ao estudo, sem que isso represente o abandono de sua autonomia, trabalhada no educar pela pesquisa em sala de aula. As direções de escola devem insistir em estratégias junto ao setor de orientação educacional para que o chamamento dos pais tenha um resultado positivo, possibilitando com mais frequência um diálogo efetivo entre eles e os professores. A partir daí, começaria a ser suprida a necessidade de uma parceria entre professores e pais na condução de uma assistência continuada que encaminhe o sujeito, ainda imaturo e em plena formação, no processo de aprendizagem. Cabe aos professores conversarem com os pais sobre as orientações dadas aos alunos no estudo específico de sua disciplina, bem como nos métodos empregados em cada assunto a ser estudado. Compete aos pais se fazerem presentes no acompanhamento do estudo de seus filhos, demonstrando interesse em conhecer seus trabalhos e atividades escolares. Dessa forma o aluno estaria tendo continuidade no estudo, consequência de uma ação conjunta coerente com as idéias acordadas entre as partes

orientadoras, pais e professores. O aluno passaria a ter um estímulo sistemático em casa e na escola para poder desenvolver os seus hábitos de estudo. À medida que vai evoluindo em suas atividades, o aluno passa a assumir com autonomia a condução de seus estudos, tendo, quando necessário, a assistência dos pais e professores.

É importante para pais e professores terem equilíbrio entre a razão e a emoção em sua relação assistencial com seus filhos e alunos. A ação educativa deve ser assistencial até porque essa atitude vem ao encontro de uma vida em sociedade. Deve se entender aqui que dar assistência ao indivíduo é estabelecer uma relação de acompanhamento, principalmente, nos momentos de maior dificuldade, não “fornecendo o peixe”, mas orientando-o a “pescar”, ou seja, não respondendo, mas orientando-o a buscar as respostas no estudo pela pesquisa. Na verdade, o espírito assistencial e solidário que norteia o indivíduo, a cidadania, é fruto da relação entre professor/aluno/direção/comunidade em prol do saber comunitário. Educação não se faz sozinho, se faz com o compartilhamento de experiências e conhecimentos. Conforme diz Gadotti (1995, p. 13):

O ideal de uma escola cidadã está no cerne de um projeto de transformar a instituição convencional em uma rede de relações humanas fortemente “participativa”, envolvendo alunos, professores, funcionários, mães, pais e toda a comunidade servida pela unidade de ensino.

O conhecimento não é exclusividade de ninguém. Adquiri-lo, por meio do intercâmbio na leitura, no diálogo e em tantos outros contatos comunicativos, é fundamental para a nossa evolução como seres humanos. Ele deve ser compartilhado para que possamos crescer solidariamente juntos como um todo. O compartilhamento de experiências, no meio em que estamos inseridos, tem uma importante influência para o desenvolvimento de nossos hábitos. A convivência em um círculo de amigos sadio ajuda a desenvolver hábitos saudáveis. Portanto, é de grande valia que o aluno tenha amigos e colegas que possuam os hábitos valiosos de estudo e pesquisa. Certamente esse relacionamento irá contagiá-lo servindo de estímulo para que ele também venha a desenvolvê-los.

4 CONTRUINDO O CAMINHO PARA A INVESTIGAÇÃO

Os deuses criam-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho.

Eurípides

Neste capítulo são descritos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa: uma sondagem preliminar, os critérios para a escolha dos alunos que fizeram parte do grupo de pesquisa, a descrição da coleta dos dados e a seqüência de passos para a análise e interpretação das informações.

Com o propósito de buscar respostas para o problema que motivou a investigação, dei preferência a uma abordagem qualitativa-compreensiva que propiciou uma rica seleção de informações obtidas a partir de depoimentos orais e escritos dos alunos. Partindo do pressuposto que as manifestações dos alunos refletiram suas experiências, vivenciadas ao longo de suas jornadas estudantis, busquei nelas os subsídios que viessem ao encontro dos propósitos da pesquisa.

4.1 UMA SONDAGEM PRELIMINAR

Para melhor me situar em relação à realidade dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno, realizei uma sondagem preliminar (APÊNDICE A) constituída por questões que possibilitaram a emergência de informações visando a um encaminhamento mais adequado desta pesquisa. Uma síntese dos resultados obtidos nessa sondagem, baseada na análise interpretativa dos dados coletados, mostrou, primeiramente, que a Internet é uma fonte muito utilizada, hoje, pelos alunos. Sua utilização aplica-se tanto às incursões do aluno na busca de respostas a algumas curiosidades, como também à procura do conhecimento, mais precisamente, assuntos de sua preferência, além do contato com outros internautas. Além dessa ferramenta mencionada, menos da metade dos alunos consultados utilizam livros, revistas e jornais para pesquisar. A grande maioria faz uso de vinte a trinta minutos apenas, por dia, para leitura de textos escolares e estudo de conteúdos curriculares. Para mim, essas

informações representam indícios da carência de hábitos de pesquisa no cotidiano do aluno. Também foi possível constatar a falta de um planejamento, por parte dele, visando à organização de sua rotina de estudo, já que, nem se quer ele complementa, em casa, as anotações de sala de aula. Os poucos alunos que se consideram organizados para estudar, utilizam dois ou três livros em suas pesquisas escolares. Entre os aspectos considerados importantes, os alunos salientaram mais que, embora não estudassem diariamente, há uma grande concentração de esforços para isso na véspera das provas. Como ponto de partida, essa sondagem foi bastante válida, já que proporcionou uma visão contextual preliminar sobre os hábitos dos alunos relacionados ao estudo e a pesquisa. A partir dessas constatações, reforçaram-se mais ainda meu interesse e a necessidade em compreender o processo de desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa para aqueles alunos que os praticam.

4.2 A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA

O grupo de pesquisa que serviu como amostragem foi constituído por vinte alunos de segunda série do Ensino Médio, adolescentes de ambos os sexos com idade entre 15 e 16 anos, de uma escola federal de Porto Alegre que prioriza o conteúdo tradicional, visando à preparação para os concursos, como o vestibular. Para a formação do referido grupo de alunos, procedi a uma escolha intencional usando como critérios o melhor rendimento e a maior participação nas aulas. Cumpre destacar aqui que, quanto à metodologia aplicada na sala de aula e em outros ambientes didáticos da referida escola, podemos fazer as seguintes considerações: as aulas no geral são expositivas dialogadas enriquecidas com materiais audiovisuais, práticas experimentais no Laboratório de Química, o uso de softwares no Laboratório de Informática; os trabalhos de pesquisa individual e em grupos têm seu fechamento com apresentações e debates mediados pelo professor.

Presumi, portanto, que o comportamento comprometido e interessado destes alunos em sala de aula seria compatível com as práticas de estudo e pesquisa. Convém aqui observar que, embora os participantes fossem oriundos de diferentes escolas da capital e de outros estados, a maior parte estudava na escola desde a quinta série do Ensino Fundamental, portanto perfeitamente adaptados à filosofia da mesma. Também é relevante considerar que os discentes objetivavam, ao ingressar na escola, obter uma formação sólida que os capacitasse ao sucesso no vestibular e no curso superior escolhido. Os métodos de pesquisa desses alunos

se baseiam nas orientações obtidas nas aulas formais e, em alguns casos, conforme relatos nas entrevistas, desenvolvida pela influência dos hábitos dos pais.

4.3 A COLETA DE DADOS

Os instrumentos de pesquisa escolhidos foram uma entrevista e um questionário escrito. A composição de dois instrumentos para a coleta de dados, constituindo uma triangulação, visou à obtenção de informações significativas que pudessem se reforçar mutuamente, dando mais consistência à pesquisa. A reunião dessas informações fez com que elas se complementassem. Pude aquilatar isso pela forma como os alunos se expressaram em cada instrumento. As informações retiradas das entrevistas eram mais amplas, enquanto aquelas obtidas dos questionários se caracterizavam como sintéticas. Estas confirmavam os depoimentos dos entrevistados nas questões de conteúdos comuns, de forma a reforçá-los. Como os alunos entrevistados se aprofundaram mais em suas respostas, complementando as idéias dos depoentes questionados, a maior parte dos depoimentos foram extraídos das entrevistas individuais e coletivas. Dessa forma, essa associação de instrumentos deu uma boa contribuição para a construção seqüencial de argumentos descritivos e interpretativos que vieram a constituir os resultados obtidos.

A entrevista foi realizada com onze alunos e o questionário escrito foi respondido por nove alunos. Ao iniciar as entrevistas individuais, bem como na distribuição dos questionários, preoquei-me em explicitar o tema a ser explorado, “Hábitos de estudo e pesquisa”, visando à importância para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento autônomo intelectual do aluno relativo ao estudo e a pesquisa, e para mim como pesquisador. Ao grupo de alunos escolhidos para responder ao questionário, salientei ainda que elaborassem os seus depoimentos com objetividade, livres de regras e normas pré-estabelecidas e fiéis aos seus sentimentos e comportamentos. Também aos dois grupos foi esclarecido como seriam desenvolvidas as atividades pertinentes aos instrumentos de pesquisa, à coleta de informações e à posterior interpretação dos resultados obtidos.

Após uma análise inicial das informações obtidas nas entrevistas individuais e questionários escritos, elaborei outras quatro questões mais específicas e direcionadas ao foco de minha pesquisa para serem respondidas em duas entrevistas coletivas, cada uma com a participação de três alunos (APÊNDICE E). O meu objetivo, nessa etapa, era aprofundar mais

algumas questões, dirigindo-as aos alunos que, em seus depoimentos, deixaram claro sua prática habitual de estudar e pesquisar. Cada pergunta, lançada aos três participantes de cada grupo, era respondida numa seqüência aleatória. A dinâmica deste instrumento possibilitou a observação de cada entrevistado na resposta dos demais colegas, o que favoreceu uma reflexão sobre suas opiniões e a emergência de novas idéias a respeito das condições, dos fatores e do mecanismo que leva o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa.

Durante as entrevistas, estabeleceu-se um ambiente agradável que possibilitou aos alunos se sentirem à vontade e com desenvoltura para se manifestarem, de maneira espontânea em suas respostas, a cada questão proposta.

Após a coleta de informações, realizada no segundo semestre de 2004, dei início a uma análise dos textos transcritos, o que me possibilitou verificar a necessidade de sua complementação no segundo semestre de 2005. Fazem parte dos apêndices o questionário escrito respondido por uma aluna (APÊNDICE C), as questões norteadas para as entrevistas (APÊNDICE B), a entrevista transcrita de um aluno (APÊNDICE D) e as questões complementares usadas nas entrevistas coletivas com as respectivas respostas (APÊNDICE E).

4.4 A SEQÜÊNCIA DE PASSOS PARA A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Como a pesquisa tem como objetivo compreender sem me preocupar em testar hipóteses para comprová-las ou não, procurei aprofundar-me mais por meio de uma investigação detalhada, procedendo então a uma pesquisa qualitativa. Para a análise das respostas dadas nas entrevistas, utilizei, como metodologia da pesquisa, a análise textual qualitativa, pois, especialmente na área de educação, pude observar, durante a realização das disciplinas de mestrado, que essa técnica de interpretação de dados e informações de pesquisa vem tendo uma evolução significativa, sendo cada vez mais utilizada. Essa análise qualitativa possibilitou-me uma melhor compreensão da realidade, por meio da leitura e da interpretação dos conteúdos, previamente por mim documentados, a partir de entrevistas e do questionário escrito. Conforme Moraes (2003, p. 191):

Pesquisas qualitativas têm cada vez mais se utilizadas de análises textuais. Seja de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas [...], a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que

investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação,[...]; a intenção é a compreensão.

Iniciei os procedimentos com a organização do “corpus” de análise que passou por um exame a respeito de sua representatividade, abrangência e pertinência aos objetivos da análise. Os textos que compuseram o “corpus” da análise foram produzidos a partir das transcrições das entrevistas e dos depoimentos escritos retirados dos questionários. Segundo Moraes (2003, p. 194), o “corpus”, denominação retirada de Bardin (1977), é o conjunto de documentos que representa as informações da pesquisa, ou seja, a matéria prima usada para se fazer uma análise textual. Após bem definido e delimitado o “corpus”, foi estabelecida uma seqüência de passos, constituinte da análise textual por mim utilizada, que descrevo detalhadamente a seguir.

4.4.1 Unitarização do “corpus”

A unitarização do “corpus” parte de uma desconstrução dos textos, um verdadeiro processo de desmontagem. O objetivo analítico é focalizar detalhes e perceber os sentidos em diferentes limites de seus pormenores. Na seqüência descrevo as etapas deste processo inicial de análise.

Framentei as entrevistas em frases e parágrafos chamadas idéias ou unidades de análise sem mexer na sua estrutura apenas desconsiderando algumas partes sem significado. Após codifiquei cada uma das idéias visando a facilitar a localização de sua origem. Os depoimentos escritos retirados dos questionários tiveram sua unitarização facilitada em função de sua objetividade.

Pelo sentido ou significado da idéia central da unidade, procurei dar um título às primeiras idéias ou unidades, fazendo algumas pequenas complementações na unidade, tanto visando a uma concordância adequada, como também por ser necessária a inclusão de alguns elementos de unidades anteriores ou posteriores dentro da seqüência do texto original. Isso foi feito para suprir a descontextualização e dar clareza e sentido à idéia, sem alterar sua essência e o próprio vocabulário utilizado pelos depoentes.

Após as unitarizações, construí uma nova ordem. Com uma impregnação das idéias do texto, estabeleci e identifiquei novas relações entre os elementos unitários de base procedendo a uma categorização. Essa impregnação se deu por meio de uma leitura aprofundada para

explorar a diversidade de significados e possibilitar a emergência de interpretações criativas e originais.

4.4.2 Categorização de idéias

A categorização é um processo de comparação entre as idéias ou unidades de análise definidas na unitarização, levando à organização de conjuntos de elementos de significação semelhantes, chamados categorias. A seguir detalho os procedimentos realizados para a categorização de idéias.

Comparei cada uma das idéias isoladas com os títulos já atribuídos às primeiras, levando em consideração o seu sentido. Havendo compatibilidade entre a idéia e um dos títulos, essa era, então, categorizada. Se não havia semelhança, dava um novo título, definindo uma nova categoria. Para Ramos (1999, p. 53): “[...] as categorias, ou rubricas, são termos ou expressões que representam abstrações do conjunto das unidades de significados semelhantes.” Produzi as categorias, na análise textual, por uma metodologia de análise mista resultando em categorias “a priori” e emergentes (MORAES, 2003). Nesse momento, tendo classificado todas as idéias, foi importante retomar o conjunto de categorias iniciais para uma reanálise e reconstrução, no sentido de seu aperfeiçoamento.

Juntei as categorias iniciais, muito próximas em seus significados, em categorias intermediárias, nomeando-as e procurando, sempre que necessário, criar subcategorias para aquelas que continham um número maior de idéias. Preocupe-me em deixar as categorias iniciais com seus respectivos nomes encadeando-as seqüencialmente de forma a virem constituir uma categoria intermediária, bem organizada. Foi importante deixar fluir a auto-organização não me deixando prender apenas por categorias teóricas prévias.

Classifiquei as categorias intermediárias em categorias mais amplas, ordenando-as numa seqüência mais lógica e nomeando-as de forma a corresponder aos subtítulos do texto maior.

As categorias, à medida que foram construídas, receberam um aperfeiçoamento e uma delimitação com mais rigor e precisão. Esse conjunto de categorias constituiu os elementos de organização que serviram de base para a construção de um texto dissertativo que expressasse minha visão sobre os significados e sentidos percebidos nos textos originais. Moraes (2003) salienta que o essencial no processo de categorização constituiu-se na construção do conjunto

de categorias que represente as informações obtidas dos textos-base da análise, entrevistas e questionários, possibilitando uma compreensão aprofundada dos fenômenos investigados. A categorização, ao contrário da unitarização, é o primeiro momento de produção de uma nova ordem, de um novo texto, de uma nova compreensão.

4.4.3 Produção do novo texto e construção de argumentos

A produção do novo texto constitui-se num esforço construtivo em expressar novos entendimentos atingidos a partir de um envolvimento intenso do “corpus” de análise. À medida em que se avança neste processo há necessidade da construção de argumentos que sintetizem o conteúdo das subcategorias e categorias. Os passos a seguir descrevem os procedimentos adotados.

Aprofundei-me na leitura das idéias categorizadas construindo uma escrita muito pessoal de acordo com a percepção que tive dos dados e levando em consideração os pressupostos teóricos que utilizei nas respectivas leituras feitas até então. O ato de escrever, para mim, refletiu o começo de uma reescrita interpretativa muito particular, produto subjetivo dos significados que construí. Conforme Marques (2001, p. 59): “[...] o escrever necessita sempre recomeçar. É sempre um reescrever.”

Estabeleci pontes ou elos entre os elementos que compõem as categorias e entre as categorias, aproveitando para revisar a seqüência em que estavam organizadas, sempre com o intuito de buscar uma maior clareza nas novas compreensões atingidas. Dessa forma, fui produzindo textos parciais que gradativamente foram se integrando para a composição de textos maiores.

Dando prosseguimento à elaboração do novo texto, enfrentei o desafio de construir meus próprios argumentos, de forma a expressarem, da melhor maneira possível as informações contidas nas idéias das subcategorias, e aglutinarem as subcategorias integrantes de cada grande categoria. A construção desses argumentos baseou-se em interpretações que me possibilitaram dar uma contribuição teórica à pesquisa e um acabamento coerente e consistente ao novo texto. Por meio dos “argumentos centralizadores ou teses parciais” (MORAES, 2003, p. 203) de cada categoria procurei elaborar um “argumento central ou tese principal” (MORAES, 2003) visando à análise como um todo. Inseri, ainda, no texto final, elementos que lembrassem o argumento aglutinador central, fazendo com que, no todo, ele assumisse a tese

no sentido de defendê-la. Isso levou à emergência de um texto sequencial e encadeado em suas idéias, que contemplou as minhas questões de pesquisa e meu interesse como pesquisador.

Moraes (2003) refere-se a esse novo texto denominando-o de “meta-texto” e diz que “esse meta-texto constitui um conjunto de argumentos descritivo-interpretativos capaz de expressar a compreensão atingida pelo pesquisador em relação ao fenômeno pesquisado, sempre a partir do ‘corpus’ de análise.” (MORAES, 2003, p. 201-202). Cabe aqui complementar que o texto constitui a análise e interpretação dos dados coletados, portanto, em sua apresentação, é fundamental que estejam presentes as citações empíricas provenientes do “corpus” textual da análise devidamente interpretadas, como também as citações teóricas que lhe dão fundamentação.

Em muitos momentos da análise, trilhei o caminho do empírico para o teórico, procurando construir novas teorias, a partir do depoimento dos alunos, e só depois busquei fundamentar as minhas interpretações com outros autores. Essa metodologia me forçou a um envolvimento e impregnação mais profundos com esses depoimentos, o que me possibilitou a emergência de novas compreensões em relação aos objetivos de minha investigação.

4.5 VALIDAÇÃO E CONFIABILIDADE

Na busca da validação e confiabilidade dos produtos da análise textual, esses foram submetidos à crítica dos alunos, autores dos depoimentos originais do “corpus” das entrevistas e questionários. As reconstruções necessárias feitas nos depoimentos foram reutilizados ao longo das construções textuais. Por meio de um processo reiterativo, realizei análises cada vez mais significativas da realidade concebida pelos alunos em seus depoimentos, procurando dar a minha interpretação, mais dinâmica possível, aos fenômenos investigados.

4.6 TOMANDO O RUMO DAS DESCRIÇÕES E INTERPRETAÇÕES DAS CATEGORIAS RESULTANTES

No desfecho deste capítulo, é importante salientar que as entrevistas e questionários realizados com os alunos possibilitaram a organização de categorias relativas às concepções

dos alunos sobre os seus hábitos de estudo e pesquisa, bem como as principais condições favorecedoras, os fatores que contribuem e as estratégias e procedimentos adotados para o desenvolvimento dos referidos hábitos, o que vem a auxiliar na compreensão desse processo. No próximo capítulo são apresentadas descrições e interpretações sobre essas categorias, com as quais procurei definir melhor as questões de pesquisa propostas inicialmente para chegar às respostas do problema, procurando contemplar também os objetivos de minha pesquisa.

5 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES: A INVESTIGAÇÃO NA BUSCA DA COMPREENSÃO DOS RESULTADOS

Primeiro fazemos nossos hábitos, depois
nossos hábitos nos fazem.

John Dryden

Por meio de uma sondagem preliminar já referida no capítulo anterior, tive a oportunidade de constatar que a maioria dos alunos não possui hábitos significativos de estudo e pesquisa. Portanto, passei a buscar, por meio desta pesquisa, uma compreensão maior de como se dá o desenvolvimento desses hábitos, baseando-me, em muito, tanto no depoimento dos poucos alunos que os praticam como também no daqueles que, embora não os tenham desenvolvido, possuem bom rendimento.

Na categorização do material, foram definidos alguns indicadores que apontaram para um possível caminho no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa dos alunos do ensino médio. Esses indicadores foram organizados em quatro grandes categorias que procuraram mostrar de que modo ocorre o desenvolvimento desses hábitos. Essas categorias compreendem as concepções dos alunos depoentes sobre os hábitos de estudo e pesquisa no meio discente; as condições favorecedoras, os fatores que contribuem e as estratégias e procedimentos adotados por eles para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa.

5.1 AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DEPOENTES SOBRE OS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA NO MEIO DISCENTE

Com base nos depoimentos retirados de entrevistas e respostas dadas a partir de um questionário, pude aquilatar algumas concepções dos alunos sobre seus hábitos de estudo e pesquisa e também do corpo discente em geral. Entre os depoentes, alguns reconhecem que não possuem hábitos de estudo e pesquisa alegando que sua efetiva aprendizagem se deve à facilidade em assimilar os conteúdos trabalhados em sala de aula, considerando, portanto suficiente seu desempenho em aula e desnecessária uma dedicação maior ao estudo e à

pesquisa fora da escola. Porém esses alunos contribuíram também em muito com essa pesquisa ao exporem idéias em que eles próprios acreditam, que, se colocadas em prática, melhorariam significativamente seu rendimento e qualificariam sua aprendizagem. Outros alunos relataram, em seus depoimentos, as estratégias utilizadas e os fatores que os levaram a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa.

Portanto, é relevante fazer algumas reflexões em relação ao que os alunos pensam sobre os seus hábitos de estudo e pesquisa, os sentimentos que eles trazem associados a essas atividades e o próprio comprometimento em levar adiante essa prática.

5.1.1 As concepções dos alunos sobre relações e conceitos de hábitos de estudo e pesquisa

Preliminarmente passo a analisar as concepções dos alunos sobre as relações entre o estudo e a pesquisa. Penso ser prioritário iniciar pelas idéias formadas que os alunos possuem a respeito da interação entre esses procedimentos. Dessa maneira posso aquilatar o grau de percepção que os discentes possuem sobre a relação entre o estudo e a pesquisa no cotidiano de seus praticantes.

O estudo que visa ao desenvolvimento do sujeito como um todo, não pode prescindir da pesquisa. Para Demo (2003, p. 10): “[...] a pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana.” Mas como os alunos associam o estudo à pesquisa? Que percepção eles têm sobre a coexistência entre esses dois procedimentos?

Um aluno em seu depoimento afirma:

O estudo e a pesquisa estão interligados entre si. Uma coisa depende da outra e elas sempre têm que caminharem juntas.

A afirmação feita reflete a importância da complementação automática entre essas duas atividades, o que torna indispensável estabelecer os vínculos entre elas. Como há uma interdependência entre esses dois processos, os caminhos do estudo e da pesquisa devem estar sempre que possível conectados.

Ao proceder um estudo mais aprofundado sobre um determinado assunto, o sujeito terá que recorrer à pesquisa, para se subsidiar em bibliografias específicas. Ao pesquisar, o sujeito irá aprimorar seu conhecimento se realizar um estudo detalhado sobre ele. Na realidade, pode-se estudar por meio da pesquisa, assim como se pode pesquisar, por meio de um estudo minucioso, um determinado assunto de interesse. Assim como a pesquisa necessita de um

estudo prévio que nos familiarize com o assunto definido, como meta para nossa busca de conhecimento, pode-se dizer que o verdadeiro estudo exige pesquisa, com o objetivo de levar o sujeito a desenvolver questionamentos inovadores e a procurar um caminho que venha responder suas próprias dúvidas. O questionamento que corresponde ao primeiro momento do ciclo dialético proposto por Moraes, Galiazzi, e Ramos (2004) para estruturar a pesquisa em sala de aula, necessita de ação do aluno para sair à busca de respostas mais convincentes. Assim quem pesquisa está fazendo um estudo questionador a supostas afirmações até então confiáveis do assunto em pauta. Conforme Barreiro (2004, p. 182): “A pesquisa depende da atitude de questionar. Não pode haver pesquisa alicerçada na atitude de receber conhecimentos, mas de questioná-los”.

É oportuno analisar, a partir de agora, as concepções dos alunos sobre os hábitos de estudo e pesquisa. Começo abordando o depoimento de um aluno que diz:

Hábito de estudo e pesquisa, para mim, é basicamente uma rotina onde se cria uma disciplina que atribuímos a nós mesmos.

Na visão do aluno, o hábito é entendido como uma rotina. Para isso o aluno deve ter uma disciplina própria e perseverar no seu comportamento. Embora a disciplina seja fundamental para a manutenção de tal prática, o seu desenvolvimento deve se processar naturalmente. Ao mesmo tempo em que o indivíduo não deve se sentir forçado em realizar algo que não o satisfaça, também é prudente encontrar estratégias que o estimulem na busca de conhecimentos.

Sobre isso diz uma aluna:

Ter hábito de estudo e pesquisa é diariamente ter um horário de estudo para com a própria matéria do colégio, aprofundando os conteúdos em outros livros.

Conforme se pode observar nesse depoimento e no anterior, há uma construção pela repetição para o desenvolvimento desses hábitos. O sujeito vai construindo aos poucos um espaço para se dedicar aos seus compromissos com a escola e desenvolvendo uma organização própria, com o intuito de conduzir suas tarefas com uma determinada frequência. O aluno salienta o procedimento diário como fundamental para evidenciar o hábito de estudo. A repetição não obrigatoriamente deve ser diária, apenas acontecer com uma frequência suficiente para levar a uma continuidade no estudo e na pesquisa. Segundo Villamarín (2000, p. 241), como uma de suas orientações aos alunos: “[...] o estudo não é uma tarefa temporária, mas sim uma atividade que necessitará realizar durante toda sua vida, independentemente do tipo de profissão ou trabalho que escolher como ocupação permanente.”.

No último depoimento, há também notória indicação de que o estudo e a pesquisa visam a desenvolver os conteúdos da escola, não se estendendo a outros assuntos de interesse próprio. Porém o que considero mais importante é a noção evidenciada de verticalização do estudo por meio de outras bibliografias, o que demonstra a preocupação do aluno em buscar outras abordagens, não se prendendo unicamente ao livro adotado. Essa atitude de busca vai ao encontro do aprender a aprender, calcado no hábito de pesquisar, de procurar outros dizeres, de agir com autodeterminação. A educação pela pesquisa favorece essa prática, pois “[...] possibilita a aprendizagem de modos de aprender por conta própria, viabilizando o aprender a aprender, base da competência e autonomia.” (MORAES, R., 2004, p. 138).

Um outro aluno confirma essa idéia, afirmando:

Ter hábito de estudo e pesquisa significa não se limitar apenas ao livro utilizado em sala e sim expandir suas consultas, utilizando outras bibliografias.

Essa idéia não é muito comum entre os estudantes de hoje, quando o acesso é limitado apenas ao livro didático adotado, como fonte de consulta. Esse hábito de buscar outras fontes bibliográficas, para enriquecer a compreensão de um tema em estudo, pode ser desenvolvido com a pesquisa em sala de aula. Essa metodologia leva o aluno a poder formular sua argumentação de maneira consistente e coerente. Conforme Moraes, Galiuzzi, e Ramos (2004, p. 16):

A pesquisa em sala de aula precisa do envolvimento ativo e reflexivo permanente de seus participantes. A partir do questionamento é fundamental pôr em movimento todo um conjunto de ações, de construção de argumentos que possibilitem superar o estado atual e atingir novos patamares do ser, do fazer e do conhecer.

Já quando é possível o uso da Internet, o aluno se sente ainda mais motivado em buscar maiores informações, porquanto esse recurso é acessado a uma velocidade muito maior do que a pesquisa na bibliografia convencional de livros e revistas. De acordo com Moraes, M. (2004, p. 89): “[...] as redes de computadores, em especial a Internet, podem fazer contribuições importantes devido à facilidade de acesso a informações dispersas nas mais diferentes fontes.”

Ainda sobre o hábito de estudo e pesquisa, uma aluna manifestou-se do seguinte modo:

Significa ter uma rotina pré-programada e bem organizada que envolva o interesse pessoal em querer se manter bem informado.

Aqui emerge a importância da organização e do planejamento como fundamentos básicos para o aluno vir a desenvolver seus hábitos. Para Villamarín (2000), um planejamento passa por um plano que ajude um indivíduo a alcançar seus objetivos, da forma mais eficaz possível. A organização exige uma disciplina individual do sujeito, virtude já referida nos depoimentos. No entanto, é importante que se entenda como uma disciplina não rígida, mas

que deva ser mantida com certa flexibilidade para que não se torne uma imposição do sujeito para com ele mesmo. Conforme ainda o que aluno respondeu, esse processo envolve o interesse em se manter bem informado, o que me parece bastante pertinente já que, em função da gama de conhecimentos que hoje nos cerca, o sujeito necessita utilizar todos os recursos técnicos que os meios de comunicação podem oferecer para poder acompanhar principalmente a evolução dos assuntos que prioriza. É o que podemos constatar em um outro depoimento de uma aluna:

Num sentido mais amplo para uma pessoa ter o hábito de estudo e pesquisa deveria introduzir na sua vida o interesse pela informação, não somente para o colégio, mas estar inteirado com o mundo e saber o que se passa ao seu redor.

Portanto, além disso, a busca de conhecimento nos meios de comunicação já condiciona o sujeito a desenvolver o hábito de pesquisar e alimenta a necessidade de conhecer mais a respeito de um determinado assunto que talvez antes nem chamasse atenção. O hábito de ler jornais, revistas e acessar a Internet é um caminho para o aluno desenvolver-se no estudo e na pesquisa.

Duas alunas reforçam muito bem essa idéia quando afirmam:

Ter hábito de estudo e pesquisa é diariamente dedicar um tempo para a pesquisa em jornais, revistas e Internet.

Ler jornais e revistas para mim já é ter hábito de estudo e pesquisa, pois a pessoa passa a incorporar a ânsia por informações se situando no mundo onde está inserida.

O depoimento anterior reflete ainda a idéia de que o estudo e a pesquisa podem ser considerados como práticas habituais quando o sujeito tem a preocupação de colocar-se a par dos acontecimentos do mundo que o envolve, por meio do contato diário com os meios de comunicação escrita. Esse hábito de ler revistas e jornais coloca o indivíduo em contato com assuntos que dizem respeito a várias áreas do conhecimento possibilitando sua atualização e o despertar de seu interesse por temas que o instiguem a uma investigação mais aprofundada. Relacionado a isso, um aluno possui a idéia formada de que:

Ter hábito de estudo e pesquisa é investigar sobre algo que gosta.

Conforme a concepção desse aluno, transparece que o interesse pelo assunto é que move o sujeito a buscar mais informações e a querer investigar mais a esse respeito. O interesse, muitas vezes provocado pela curiosidade em saber mais sobre um determinado assunto, pode levar o aluno a gostar desse assunto, encaminhando-o a dar os primeiros passos para habituar-se a adquirir o conhecimento por meio da pesquisa. Porém, nem sempre somos levados a pesquisar sobre um assunto do qual gostamos. Muitas vezes a pesquisa é realizada em função da solicitação do professor ou até por uma questão de necessidade profissional. Seria

recomendável o professor desenvolver, com seus alunos, em plena sala de aula, a iniciativa de buscarem juntos a construção e a reconstrução do conhecimento pela pesquisa. Essa atitude metodológica, além de desenvolver o hábito de estudar pesquisando, estaria também fornecendo ao aluno, as capacidades de questionar e argumentar com o objetivo de chegar a constatações mais próximas daquilo que é considerado como verdade, o que traria a ele uma motivação ainda maior. Nesse sentido, Moraes, Galiuzzi e Ramos (2004, p. 10) afirmam:

A pesquisa em sala de aula é uma das maneiras de envolver os sujeitos, alunos e professores, num processo de questionamento do discurso, das verdades implícitas e explícitas nas formações discursivas, propiciando a partir disso a construção de argumentos que levem a novas verdades.

Tenho a convicção de que a educação pela pesquisa em sala de aula pode estimular o aluno a desenvolver aos poucos os hábitos de estudar e pesquisar na procura de respostas para as suas dúvidas, no esclarecimento mais apurado de suas incertezas. Essa metodologia pode transformar alunos repetidores em sujeitos inquiridores, fruto de seu envolvimento contínuo na prática da investigação, instigando o aluno ao questionamento sistemático e objetivando a constante reconstrução argumentada do conhecimento.

Cabe, porém, à escola possibilitar maior liberdade ao professor para que ele possa aprofundar temas mais específicos, relativos ao interesse cotidiano do aluno, que muitas vezes não correspondem aos conteúdos contidos na listagem programada da disciplina, quase sempre visando ao concurso vestibular. É oportuno lembrar que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino médio, divulgados pelo Ministério da Educação, conforme seu conteúdo, dão autonomia à escola para colocar em prática sua proposta pedagógica de acordo com as necessidades e interesses de sua clientela. Fala ainda de um currículo voltado para as competências básicas, seguindo o espírito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na qual “[...] o significado da educação geral no nível médio nada tem a ver com o ensino enciclopedista e academicista dos currículos do Ensino Médio tradicionais, reféns do exame vestibular.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 85-86). Com isso o professor não é obrigado a seguir um programa de conteúdos atrelado àqueles de concursos vestibulares. Portanto, a escola, como instituição democrática e aberta a discussões de temas polêmicos pertinentes ao momento em que vive a sociedade, deve favorecer condições aos seus professores de procurar atualizarem-se constantemente e abrir espaços para a discussão de conteúdos vinculados às realidades e necessidades de seu corpo discente. Cumpre observar que, embora os professores da escola federal referida na metodologia desta pesquisa, na qual os alunos depoentes estudam, sejam incentivados a cursar uma pós-graduação em áreas a fins ligadas à educação, a filosofia é conteudista tradicional.

Um outro aluno se manifesta dizendo:

O estudo e a pesquisa como um todo, de maneira geral e completa, são atos realizados, buscando uma particularização do conhecimento.

Esse depoimento revela a idéia do aluno de que, ao se proceder ao estudo e à pesquisa, estamos objetivando conhecer e investigar sobre um conhecimento bem específico, não muito fácil de ser encontrado, fruto, talvez de uma escolha ou interesse pessoal. Essa me parece ser a razão do uso da expressão “particularização do conhecimento”. Os alunos geralmente possuem a percepção de que o estudo, envolvendo pesquisa, trata de uma busca muito específica e especial para o próprio pesquisador. Essa concepção está de acordo com os atos de estudo e pesquisa nas quais o investigador procede a um estudo minucioso e sistemático no sentido de conhecer mais ou até descobrir fatos relativos a um campo específico do conhecimento, que lhe desperta mais atenção e interesse. Portanto, é fundamental que na área educacional o estudo e a pesquisa sejam constantemente trabalhados e estimulados em sala de aula, com objetivo de desenvolver no aluno a habilidade e a competência em construir e reconstruir seu conhecimento, levando também em consideração os seus interesses e os de sua comunidade. Conforme Schwartz (2004, p. 160): “A escola não pode mais ficar presa ao conhecimento acumulado pelo homem ao longo de sua história, tem de ser capaz de produzir conhecimento, tem de estar voltada para o futuro.”

Os depoimentos dos alunos entrevistados refletem a idéia de que os hábitos de estudo e pesquisa estão atrelados a uma programação rotineira, planejada e executada com disciplina, para alguns, condicionada aos conteúdos do colégio, no entanto para outros, extensivas às informações de enfoque global. Por outro lado, será que as atividades de estudo e pesquisa são colocadas em prática pelos alunos? Até que ponto os hábitos de estudo e pesquisa estão presentes no cotidiano dos alunos? Será que há consciência dos alunos sobre o grau de ocorrência desses hábitos no corpo discente?

5.1.2 As concepções dos alunos sobre a ocorrência dos hábitos de estudo e pesquisa

O estudo e a pesquisa são fundamentos para a consolidação da aprendizagem e o desenvolvimento do ser como um todo. O sujeito que cultiva o hábito de estudar desenvolve uma capacidade participativa enorme, com argumentações consistentes para se manifestar em situações que exigem tanto um conhecimento geral como até outro mais específico sobre

qualquer assunto tratado em um debate ou discussão. Observa-se, por parte de seus participantes, um posicionamento forte, uma argumentação convincente e uma efetiva capacidade de decisão. Ramos (2004, p. 27) chama a atenção para a importância do ato de argumentar dizendo que: “[...] argumentar é vital para que nos tornemos sujeitos, inserindo-nos com consciência no discurso em que estamos imersos, com competência para participar e também decidir.” O professor, um dos principais responsáveis na formação do aluno como cidadão consciente de seus direitos e deveres, tem a tarefa de trabalhar na sala de aula essas atividades, orientando-o para a importância delas no contexto histórico da civilização planetária. Por outro lado, sabemos das dificuldades encontradas para que o aluno perceba a importância dessa idéia. Os próprios alunos admitem essa situação, reforçando-a com os depoimentos que seguem:

Os alunos possuem muito pouco hábitos de estudo e pesquisa ou não o suficiente para ter um conhecimento bom sobre determinado assunto.

Eu creio que a maioria dos alunos não possui hábitos de estudo e pesquisa, pois não realizam nem as tarefas deixadas pelo professor para serem feitas ainda em sala de aula, muito menos em casa.

A opinião predominante entre os entrevistados confirma a ausência desses hábitos para uma parcela significativa de alunos do ensino médio, conforme a sondagem preliminar que realizei ao iniciar minha pesquisa. Esse comportamento, observado pelos próprios alunos, é preocupante, na medida em que leva o indivíduo apenas a entrar em contato superficial com o conteúdo. Embora saibamos que o conteúdo trabalhado em sala de aula, muitas vezes foge ao interesse do aluno, ele acaba perdendo a oportunidade de desenvolver a capacidade de questionar esse conteúdo, deixando de reconstruir seus conhecimentos prévios, com base na consulta da rica bibliografia existente.

No depoimento anterior está sendo apontada a insuficiência de estudo e de pesquisa pelo aluno, o que certamente o levará a um conhecimento pouco aprofundado e a uma formação intelectual precária. Um conhecimento mais profundo sobre um determinado assunto só é adquirido pelo sujeito se houver dedicação a leituras, participação e argumentação acompanhadas de produção escrita. Um outro fato que chama a atenção, colocado pelo segundo aluno, refere-se à não realização das tarefas solicitadas pelo professor. Esse é um indicativo forte de o aluno não buscar a complementação do conteúdo fora da sala de aula. Como podemos pensar em hábitos de estudo e de aprimoramento por meio da pesquisa, se nem os “temas”, exercícios e atividades complementares, deixados pelo professor são realizados pelo aluno em casa?

O estudo e a pesquisa, se bem orientados pelo professor e com o acompanhamento dos pais em casa, poderiam ocorrer com mais naturalidade trazendo uma satisfação ao aluno. Isso na realidade quase não ocorre, conforme diz um outro aluno:

No geral, os alunos não têm hábito de estudo e pesquisa, pois a maioria só estuda quando é obrigada, nem lê jornais ou revistas.

Nesse depoimento, é reforçado o fato de que o estudo só ocorre quando o aluno é obrigado, talvez visando a uma prova ou à simples nota cobrada para sua aprovação. Muitos professores estimulam essa prática ao treinar ou a copiar. Nessa situação o professor apenas reproduz a informação e o aluno simplesmente decora, não questiona, não reconstrói e muito menos constrói o conhecimento. Isso leva o aluno a um estudo obrigatório e condicionador de acordo com o conteúdo pré-definido e exigido pelo professor. Dessa forma o aluno não é estimulado a pensar e expressar livremente suas idéias a esse respeito. Este posicionamento do aluno está de acordo com o “ensino bancário” referido por Freire (1996). Conforme ele: “[...] esse ensino ‘bancário’, deforma a necessária criatividade do educando e do educador.” (FREIRE, 1996, p. 27). O educar pela pesquisa pode transformar o educador bancário em um educador problematizador e o aluno objeto em um aluno sujeito, capaz de exercer sua capacidade de aprender criticamente respondendo construtivamente aos problemas propostos.

O hábito de leitura, fundamental para o desenvolvimento da autonomia de um sujeito, também está sendo mencionado como ausente no dia-a-dia do aluno, já que nem revistas e jornais são lidos. Como se pode, então, esperar a busca do conhecimento pelo aluno, em fontes de consulta mais específicas e fundamentadas como livros e periódicos? Evidencia-se, portanto, com esses registros, que esses hábitos estão longe do cotidiano da maioria dos nossos alunos. Uma das razões me parece estar diretamente ligada ao grande afastamento entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e o contexto vivenciado pelo aluno no seu dia-a-dia. Cabe ao professor estimular o aluno a esse tipo de atividade na própria sala de aula, criando um ambiente que favoreça a leitura de temas atuais que digam respeito ao contexto do aluno, abrindo espaço para a discussão por meio do questionamento e argumentações sobre a mesma. A escola deve fomentar, entre os professores, esse procedimento auxiliando-os com a instrumentalização de seus alunos para que esses possam exercitar a leitura, estabelecendo relações e discussões argumentativas baseadas em fatos e informações da atualidade.

No geral, os alunos demonstram certa dificuldade para cultivar entre os seus hábitos, o estudo e a pesquisa. Sobre isso afirma um aluno:

Os atos de estudar e pesquisar são muitos complexos. Nem aqueles alunos que mantêm o hábito de estudar uma hora por dia e que revêem as matérias dadas na aula, possuem esse hábito.

Conforme o aluno, depreendo que existe uma consciência no corpo discente de que o tempo dedicado ao estudo está muito aquém das necessidades exigidas. Isso muitas vezes se reflete no rendimento, mas principalmente na aprendizagem. São raros os alunos que dedicam um tempo maior ao estudo e à pesquisa além da sala de aula. A educação que visa à formação de um sujeito participativo e autônomo deve trabalhar sua iniciativa em buscar as respostas para suas dúvidas, não se limitando a pura e simples transmissão de conhecimentos. A atividade de pesquisa em sala de aula qualifica esse espaço incitando o aluno a questionar, visando à construção e à reconstrução do seu conhecimento. Frison (2004) comenta que aos poucos vai desaparecendo a submissão própria da aula tradicional e o aluno começa a demonstrar sua autonomia na construção e delineamento de seu novo caminho, adquirindo confiança no processo e percebendo não ser tão complexo como imaginava. A presença do professor é significativa para o aluno, mas deve ser entendida como uma orientação estimulante que visa a auxiliá-lo na própria edificação de seu conhecimento. No entanto, aqui surgem alguns questionamentos que merecem uma reflexão. Será que o aluno não está demonstrando alguns indícios que sinalizam para o desenvolvimento desses hábitos? O hábito de pesquisa não pode estar incorporado ao ato de estudar sem que o aluno se dê conta disso? Independente do tempo que o aluno dedique para o estudo e a pesquisa, será que essas atividades não estão sendo sutilmente praticadas? Quando ele sai em busca de respostas, por exemplo, consultando a Internet ou recorrendo a pessoas que entendem do assunto, está processando uma pesquisa para compreender melhor o objeto de seu estudo. O que precisa ser feito é tornar a pesquisa mais habitual, fazê-la presente em sala de aula para que o aluno possa desenvolver seu potencial investigatório e questionador, tornando o seu estudo pela pesquisa mais atraente e cotidiano.

Vamos atentar para o que diz um aluno:

Nós nos enquadramos à rotina do hábito de estudo e pesquisa para constantemente estarmos estudando e pesquisando não coisas necessariamente relacionadas a uma matéria dada, mas sim coisas de maneira geral, curiosidades do cotidiano, conforme o nosso desejo.

Uma análise desse depoimento indica uma percepção mais clara sobre a importância da atitude participativa e comprometida do aluno com os seus interesses. O estudo e a pesquisa devem contemplar as suas curiosidades e a vontade em aprender assuntos que lhe são úteis no contexto em que vive. Essas atividades devem ser praticadas com o objetivo de oportunizar o sujeito a aprofundar-se em temas gerais, que podem ou não estar relacionados aos conteúdos da escola. Melhor ainda se esses conteúdos tivessem um enfoque contextual para o aluno.

Dessa forma, portanto, o aluno poderia privilegiar os objetos de seu estudo, compatíveis com seu próprio desejo.

Há necessidade imperativa de que a escola cada vez mais forneça as melhores condições para que o estudo e pesquisa ganhem espaço entre os seus alunos, de tal forma que sua ocorrência cresça satisfatoriamente de maneira natural e prazerosa. Com isso serão priorizados o questionamento e a capacitação reconstrutiva do aluno, sendo banida a aula copiada. Demo (2003) considera, como um reflexo da mediocridade encardida na educação, que a aula copiada vem em detrimento do questionamento reconstrutivo.

O ideal é que esses hábitos sejam desenvolvidos ao longo do período escolar do aluno, desde que este seja estimulado a buscar a aquisição do conhecimento por meio da prática de pesquisar tanto em sala de aula como também fora do ambiente escolar. É relevante também que o aluno seja incentivado a questionar os assuntos trabalhados em sala de aula, buscando, por meio do estudo e da pesquisa, “[...] o desenvolvimento da capacidade argumentativa, o que pode contribuir para qualificar seu papel social.” (RAMOS, 2004, p. 27). À medida que o aluno, em plena formação, vai percebendo seus avanços de acordo com o seu ritmo de aprendizagem, os hábitos de estudo e pesquisa vão sendo intensificados gradativamente. O depoimento a seguir vem ao encontro dessa idéia.

O hábito de estudo e pesquisa surge a partir do momento em que o aluno está aprendendo a matéria e procurando aprimorar os conteúdos.

Conforme o próprio aluno ressalta, observa-se a importância do sucesso na aprendizagem para alavancar o surgimento desses hábitos. O fato de o aluno estar aprendendo satisfatoriamente acarreta uma motivação a mais para que ele se dedique ao estudo e à pesquisa visando a um maior aprofundamento dos conteúdos. Quanto maior o seu envolvimento na busca de sua aprendizagem, mais ele perseguirá o caminho que o levará ao desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. No momento em que esse processo de busca encontrar uma continuidade, provavelmente o aluno terá adquirido esses hábitos. Portanto, é importante analisarmos o grau de envolvimento dos alunos com o estudo e a pesquisa, já que, para efetivar uma aprendizagem significativa, o aluno deve apresentar um comportamento compatível com esse propósito. Será que o comportamento que o aluno vem demonstrando para com o estudo e a pesquisa pode levá-lo ao hábito que estimule essas atividades?

5.1.3 As concepções dos alunos quanto ao comportamento do corpo discente em relação ao estudo e a pesquisa

Pressuponho que o comportamento de um sujeito, envolvido no seu processo de aprendizagem, seja de procurar focalizar toda sua atenção na busca de uma compreensão maior do objeto de seu estudo. Para a consecução desse objetivo, é fundamental que o estudo e a pesquisa passem a fazer parte de sua agenda diária. Na escola, a pesquisa deve ser encarada por alunos e professores como uma atividade questionadora, na procura de uma permanente reconstrução do conhecimento, respeitando o estágio de desenvolvimento de cada um dos participantes.

No entanto, conforme os depoimentos dos alunos entrevistados e questionados, a maior parte dos discentes demonstra ter um comportamento não condizente com um estudante comprometido com sua formação educacional, principalmente no que diz respeito à dedicação ao estudo e à pesquisa. Procurei organizar os vários comportamentos compatíveis a quatro tipos de alunos:

- alunos com comportamento desinteressado;
- alunos que consideram a atenção na aula suficiente;
- alunos cujo estudo visa unicamente às provas;
- alunos interessados e com hábitos de estudo e pesquisa definidos.

O próprio comportamento dos depoentes e suas observações em relação aos colegas constituíram os depoimentos que passo a analisar a partir de agora.

Inicialmente temos os alunos que demonstram desinteresse para com o processo de aprendizagem. Em minha convivência em sala de aula, observo o comportamento desmotivado de alguns alunos, gerando seu desinteresse pelo estudo. Sobre isso um estudante, manifestou-se do seguinte modo:

A maioria dos alunos não presta atenção nas aulas, não possui interesse maior pela aprendizagem do conteúdo e frequenta a escola com o objetivo simplesmente de passar de ano.

Chama-me a atenção, no depoimento, a referência feita à maioria dos alunos, tanto na desatenção à aula como também no desinteresse em aprender. Isso é sintoma de que a sala de aula não está sendo atrativa e motivadora para o aluno. Talvez o conteúdo abordado esteja longe do contexto que envolve o seu dia-a-dia. Talvez a metodologia utilizada não o estimule a pensar e a participar mais ativamente das atividades da sala de aula. Mas o que considero mais grave é o fato de ele frequentar a escola só visando à aprovação, independente de estar

aprendendo ou não. É como se isso fosse o bastante para, logo ali, conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho. O aluno precisa tomar consciência da oportunidade que ele está tendo em prol de seu crescimento. Compete aos pais e professores, numa atuação conjunta, o alertarem, por meio do diálogo aberto e franco, para a importância do estudo e da pesquisa no seu desenvolvimento emancipatório. Baseando-me em Demo (2003), entendo que o processo emancipatório do aluno passa por uma educação que se faz pela pesquisa, visando tirar o aluno da condição de objeto, formando-o com consciência crítica, como um sujeito capaz de fazer do questionamento o caminho da mudança.

O segundo tipo de aluno é evidenciado por um depoente ao manifestar seu próprio comportamento:

Durante a rotina da semana, eu não tenho um tempo destinado ao estudo. Procuro dedicar atenção nas aulas, o que é suficiente para min.

A atenção na sala de aula é importante e necessária, mas não o suficiente para uma aprendizagem consistente e substancial. O fato de ser suficiente prestar atenção nas aulas me leva a crer que esse aluno não sente necessidade em ir além dos conhecimentos ali trabalhados. Para Schwartz (2004), a aprendizagem mais significativa enseja o princípio didático da pesquisa em sala de aula, onde além da atenção, o aluno deve ter a participação plena por meio do questionamento e da contestação, saindo da condição de objeto para se comportar como sujeito autônomo, construtor do seu conhecimento. E ainda para um preparo e elaboração mais aprofundados dos conteúdos, o discente necessita dedicar mais tempo para o estudo e a pesquisa, além da sala de aula. A pesquisa em sala de aula é um caminho estimulante a ser trilhado, mas há necessidade também de que sejam previstas atividades que motivem o aluno a dar continuidade aos estudos e à pesquisa também fora da escola. O aluno precisa entender ou compreender que os períodos de aula são momentos nos quais os sujeitos do processo de aprendizagem têm a oportunidade de interagirem entre si buscando uma construção conjunta do conhecimento. As propostas de atividades deixadas pelo professor, para serem realizadas em casa, permitem a ele, ao cumpri-las, manter um contato maior com o conteúdo, caracterizando-se como uma extensão dos trabalhos de sala de aula. Dessa forma, ele poderá refletir mais sobre a necessidade da reconstrução de seu conhecimento, o que aos poucos irá levá-lo a desenvolver hábitos de estudo e pesquisa.

Nos dois próximos depoimentos é possível observar o terceiro tipo de aluno contemplado, onde o interesse pelo estudo visa unicamente às provas.

Eu não faço uma programação definida. Procuro estudar mais no período das provas ou para os testes avaliativos.

A maioria dos alunos estuda um dia antes da prova. Para mim isso não é o ideal, pois o aluno acaba esquecendo e na realidade ele não aprende. No máximo ele decora para a prova.

O primeiro depoimento deixa claro, pelo próprio aluno, que o seu comportamento não corresponde a um estudo para aprender e se aprofundar buscando uma maior compreensão do conhecimento. Na verdade sua preocupação está voltada mais para as avaliações, sejam elas testes ou provas. Esse comportamento, bastante comum entre os alunos do ensino médio, é preocupante na medida em que a prova passa ser um referencial para o estudo do aluno. Na realidade, esse tipo de aluno só estuda visando às provas. São elas que balizam o seu comportamento em relação ao estudo e não ao desejo em aprender. A aprendizagem deve ser sempre priorizada. Para se aprender efetivamente, há necessidade de um estudo continuado, de uma construção passo a passo. A aprendizagem é precária ou inexistente quando o objetivo é apenas a nota visando à aprovação. Por outro lado, suponho que a prova, em algumas oportunidades, é usada pelo professor como um instrumento de punição para forçar o aluno a mudar seu comportamento repudiando sua indisciplina, sem verificar as reais dificuldades cognitivas apresentadas. Caracteriza-se uma verdadeira guerra na qual professores e alunos encontram-se entrincheirados: o professor usando a prova como uma arma amedrontadora e o aluno, decorando ou usando de meios ilícitos para se defender. Para começar a mudar essa situação, é importante que a avaliação, se for por meio do instrumento de prova, não tenha a conotação coerciva. O aluno não pode se sentir reprimido para exercitar sua capacidade criativa. Compete ao professor, orientá-lo para que ele entenda o resultado obtido no instrumento avaliativo como consequência do trabalho conjunto em sala de aula e de sua dedicação ao estudo e à pesquisa para de fato aprender. Uma avaliação contínua que prioriza o acompanhamento do professor à participação questionadora do aluno em combinação com sua produção escrita, por meio da investigação aprofundada do conhecimento, o compromete mais com o seu processo de aprendizagem. Conforme Frison (2004, p. 145): “Educar pela pesquisa exige um novo posicionamento tanto do aluno como do professor. [...] A construção da aprendizagem se dá através do envolvimento e da relação de parceria que se estabelece entre professor e aluno.”

Esse comportamento é reforçado, no segundo depoimento, quando o aluno se refere à maioria de seus colegas, cujo estudo se dá apenas na véspera da prova. Observa-se sua manifestação de desaprovação, visto que essa atitude obriga o aluno a decorar abandonando o objetivo maior que é de aprender e de construir seu conhecimento. Segundo Frison (2004, p. 145): “O aluno se acomoda à facilidade das aulas expositivas, copiadas e ao ensino tradicional. Desse modo ele apenas decora aquilo que o professor solicita. O refrão ‘isto cai na

prova' acompanha a fala do professor." Entendo que, para o aluno desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa, o processo envolvendo principalmente a sua aprendizagem não deve calcar-se em sucessivas avaliações formais. Essa prática o forçaria a estudar visando apenas à obtenção de um resultado satisfatório na prova, impedindo-o de fomentar o desejo em aprender. É exatamente nesse ponto que a ação pedagógica do professor pode ser repensada e vir a contribuir. Cabe a ele optar por um conjunto de instrumentos, o mais diversificado possível, de forma a avaliar o sujeito pela continuidade de sua produção, levando em consideração suas habilidades e competências relativas aos aspectos cognitivo e afetivo. Para Frison (2004, p. 148-149):

A nova avaliação em sala de aula deve considerar os aspectos de produção e argumentação próprias, conduzindo o aluno a um constante desafio, atingindo níveis de produção cada vez mais elevados. Avaliar é acima de tudo constatar e investir esforços para que o aluno avance e realiza sua aprendizagem.

Para complementar essa categoria, vou procurar fazer uma análise sobre dois depoimentos relativos aos alunos com hábitos de estudo e pesquisa definidos. É possível observar que os comportamentos dos depoentes a seguir são típicos de sujeitos disciplinados quanto à organização e distribuição do tempo para o estudo.

Começo a estudar e a pesquisar em casa lá pelas quatro ou cinco horas da tarde e vou até as oito da noite, janto e vou dormir cedo, pois levanto às seis horas para ir para o colégio.

Eu distribuo o meu tempo para estudar e pesquisar aproveitando o intervalo das três até as seis da tarde que é o período onde me sinto bem elétrico, com bastante disposição. Eu procuro me dedicar e fazer cumprir sempre esse horário com se fosse uma meta.

Há uma nítida atitude de comprometimento desses alunos com o seu planejamento visando ao estudo e à pesquisa. Observa-se a preocupação em estabelecer um horário para essas atividades em seu cotidiano. Os alunos também demonstram estarem conscientes de sua responsabilidade em procurar respeitar esse horário. Considero a autodisciplina fundamental para o aluno levar adiante os seus planos e assim poder atingir as suas metas e aspirações. Aqui, portanto fica evidente a aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa por parte desses alunos, já que há uma cultura na qual o estudar e o pesquisar fazem parte de suas agendas diárias.

Conforme os relatos apresentados, pude constatar que, na concepção dos alunos entrevistados, uma grande parte do corpo discente do ensino médio possui um comportamento desinteressado em relação aos hábitos de estudo e pesquisa. Também foi possível observar que aqueles que os desenvolveram primam pela disciplina na organização e distribuição do

tempo para o estudo. A auto disciplina do aluno está ligada à sua determinação, à sua autonomia. Conforme Moraes, R. (2004, p. 139):

Dentre os produtos da educação pela pesquisa mais destacados, está o desenvolvimento da autonomia [...]. Na medida em que os envolvidos nesse tipo de trabalho participam das decisões sobre o encaminhamento dos trabalhos, necessitam fazer opções próprias sobre formas de encontrar repostas a questionamentos, envolvem-se em produções individuais e precisam saber defender seus pontos de vista, tornando-se mais autônomos.

É relevante, a partir de agora, conhecermos alguns assuntos preferenciais e as fontes de estudo e pesquisa mais utilizadas pelos alunos que praticam essas atividades, pois podem constituir um caminho auxiliar que possa promover a mudança de comportamento daqueles mais resistentes ao desenvolvimento desses hábitos.

5.1.4 Alguns assuntos preferenciais e as fontes de estudo e pesquisa mais utilizadas pelos praticantes desses hábitos

O estudo e a pesquisa podem começar a serem agregados à vida de um sujeito a partir do seu interesse em conhecer mais sobre um determinado assunto que tenha lhe atraído a atenção. É imensa e variada a gama de assuntos que podemos encontrar para dar ensejo a uma pesquisa. Entre os alunos pesquisados, observa-se que os assuntos que norteiam suas pesquisas não giram exclusivamente em torno de conteúdos curriculares.

Sobre isso um estudante se manifesta dizendo:

A maior parte das pesquisas que eu realizo é sobre os trabalhos de aula. Porém eu também pesquiso sobre curiosidades e assuntos da realidade atual que me chamam atenção.

Esse aluno respeita a necessidade que todos nós possuímos de conhecer mais sobre assuntos que despertam a nossa curiosidade. Demonstra também buscar a sua atualização, incluindo, entre suas pesquisas, temas da realidade em que vive. Portanto, nesse depoimento está presente o interesse do aluno por assuntos de seu contexto, o que é fundamental para o desenvolvimento de um indivíduo atuante e participativo. .

Um outro aspecto que me chamou a atenção está relacionado com o interesse de alguns alunos em pesquisar sobre conteúdos não trabalhados em sala de aula. No depoimento a seguir isso fica bem evidenciado.

Eu procuro estudar e pesquisar a matéria passada em sala de aula, mas principalmente coisas que não são trabalhadas na aula. Eu procuro dar uma

olhada nelas até para conhecimento próprio, mesmo que não caiam no vestibular.

Esse comportamento não é muito comum entre os discentes do Ensino Médio. Ele é próprio de alunos que vão além dos conteúdos abordados durante a aula, pelo professor. Verifica-se também que o aluno considera importante o estudo e a pesquisa de assuntos que não estão incluídos em programas de vestibulares. O aluno demonstra uma atitude madura e consciente, já que o vestibular não pode ser considerado como um balizador do conhecimento. O vestibular está longe de avaliar as habilidades e competências dos candidatos, principalmente no que concerne à verticalização de temas contextuais de importância social. Muito embora a filosofia da maioria das escolas seja de priorizar o conteúdo selecionado para os concursos de vestibular, visando ao interesse dos pais e do próprio sistema, defendo uma política educacional mais ampla, voltada também para as reais necessidades da comunidade e para os assuntos de interesse particular do corpo discente. Essa ação despertaria nos alunos a motivação em contribuir, por meio do estudo e da pesquisa, para maior qualidade de vida de sua coletividade. Assim enxergo, no depoimento desse aluno, um procedimento que visa sua satisfação em pesquisar assuntos de seu real interesse, sem se dedicar exclusivamente aos conteúdos de vestibular.

Alguns alunos revelam, em seus depoimentos, assuntos bem específicos de sua preferência para a realização de uma pesquisa. Os dois próximos relatos explicitam temas que vão ao encontro do interesse cognitivo e investigatório de seus depoentes.

As minhas pesquisas têm pouco a ver com o currículo escolar. Meu interesse muda de acordo com a semana. Os assuntos são os mais variados possíveis. Eu estava pesquisando sobre a vida de Buda. E agora eu estou pesquisando sobre técnicas pedagógicas. Os temas das minhas pesquisas são de meu interesse próprio e ligados ao momento da vida que eu estou passando.

Hoje o que eu mais me interesso em pesquisar é o modo como as pessoas estão tratando a fé, a religião. Eu acho interessante descobrir isso nas pessoas. Como é essa de espiritualidade? Porque há esse conflito entre as religiões?

O primeiro é de uma aluna que manifesta sua vontade em pesquisar assuntos conforme suas necessidades presentes. Chama-me a atenção o respeito para com a sua percepção em relação ao momento em que está vivendo, dedicando a pesquisa a temas compatíveis com o seu desejo em aprofundá-los. O outro depoimento reflete o anseio de um aluno em proceder a uma investigação que responda às suas inquietações. Ele expressa seus questionamentos de uma forma bem clara sobre o tema que reveste seu interesse no momento atual. São questões de grande interesse para ele, que o impulsionam a buscar maiores informações por meio da pesquisa.

Essas atitudes reforçam a idéia de que o aluno pode desenvolver o gosto pelo estudo e pesquisa a partir do incentivo à busca de informações e investigação de assuntos que o interessam no momento presente.

Para complementar as informações sobre a importância da atenção que deve ser dada aos assuntos e temas que despertam o interesse dos alunos, é importante refletir sobre o seguinte depoimento:

As pesquisas mais enriquecedoras são aquelas mais espontâneas que partem do interesse do próprio aluno e que resultam em um enriquecimento muito maior, inclusive, dependendo do tema, para as pessoas que venham a ler.

É fundamental que se analise a referência feita a respeito da importância da escolha espontânea do assunto pelo aluno. O depoente considera a pesquisa, cujo tema partiu do interesse próprio do aluno, uma das mais proveitosas e úteis tanto para o próprio pesquisador como também para o leitor que possa usufruir seu conteúdo. Penso que a pesquisa, pela motivação natural de quem a elaborou, possa também ter contribuído para o crescimento, como um todo, de ambos, seu mentor e seus leitores. Conforme Marques (2001, p.82): “Na leitura estão implicados o sujeito que escreve deixando no escrito suas marcas e os sujeitos que ao ler atualizam, dão vida outra ao que foi escrito.” O termo “enriquecedoras”, usado pelo depoente, para qualificar a pesquisa espontânea, traduz com extrema precisão o valor que deve ser creditado à investigação, por parte do aluno, de questões de seu interesse particular.

A preocupação com a formação acadêmica também é um motivo para os alunos colocarem em prática os seus hábitos de pesquisa. A manifestação a seguir reflete o interesse em pesquisar sobre áreas específicas do conhecimento ligadas a atividade universitária.

Eu pesquiso mais na internet sobre saúde, nutrição e exercícios físicos que fazem parte da minha área escolhida para o vestibular.

Esse depoimento é significativo, pois na medida em que há o interesse demonstrado pelo aluno em procurar conhecer mais a respeito de sua futura área de atuação profissional, ele passa a utilizar a pesquisa para coletar informações que o preparem melhor para cursar a faculdade. É elogiável a iniciativa desse aluno e um exemplo para os seus colegas, já que ele alia o hábito de pesquisa adquirido à construção de um conhecimento específico visando ao curso universitário. Observa-se também a utilização da Internet como a principal fonte de pesquisa para o seu embasamento intelectual na área da saúde.

Entre as fontes de estudo e pesquisa costumeiramente usadas, os alunos citam principalmente os livros, as revistas, os jornais e a Internet. Essa última, como poderemos observar, ocupa posição de destaque nos estudos e consultas realizadas pelos depoentes. Os

dois próximos depoimentos fazem referência às fontes impressas, utilizadas há mais tempo pelo público em geral:

Geralmente eu gosto de ler revistas por que tem fatos científicos da atualidade que não encontramos nos livros, mas também acho importante a busca em livros e jornais.

A maior parte do trabalho de pesquisa é tirada da internet, mas também utilizo livros.

Constato que, para o primeiro depoente, as revistas constituem sua principal fonte de leitura e consulta já que essa é editada com constantes atualizações, vantagem essa que esse meio de comunicação escrita oferece. Realmente hoje existem muitas revistas de ótima qualidade científica nas quais são encontradas informações atualizadas que correspondem aos anseios de seus leitores. No segundo depoimento, aparece a Internet como a preferida fonte de informações para a elaboração de trabalhos de pesquisa. No entanto, observa-se que os depoentes não se afastaram do livro, considerando-o também uma fonte importante para sua pesquisa. O livro continua ocupando uma posição de destaque para os alunos em geral, como uma das principais fontes de pesquisa na busca do conhecimento. Atualmente se encontram livros completos em DVD e mesmo na Internet, em sites específicos. Mas não há dúvida de que hoje a fonte de informações mais procurada pelo corpo discente é a Internet.

Vivemos na era do conhecimento, na qual o avanço tecnológico na área da informática conquistou a geração de jovens caracterizada pelo imediatismo. A Internet atua como um veículo de informação bastante estimulante ao aluno, pois se trata de uma fonte dinâmica que o coloca instantaneamente em contato com o assunto desejado, própria dos anseios que a juventude tem na busca de respostas com rapidez. O fato de conseguir essa brevidade atrai cada vez mais o aluno a adotá-la como o meio preferencial na aquisição do conhecimento. Portanto, o professor deve tirar proveito desse recurso já na própria sala de aula, para manter no aluno a chama acesa da busca pela pesquisa. Segundo Moraes, M. (2004, p. 100): “[...] a informatização da informação e as ferramentas e serviços disponibilizados pela Internet podem auxiliar alunos e professores no processo de pesquisa em sala de aula”, do questionamento à construção de argumentos e sua validação.

Sobre o uso da Internet, um aluno aprofunda sua idéia manifestando-se da seguinte forma:

Por meio da Internet posso achar todas as informações contidas em jornais e revistas. Portanto a Internet é a principal ferramenta de comunicação e informação de nosso mundo. É muito fácil encontrar assuntos na Internet. Você acha muita variedade e muita qualidade, até por que é mais difícil pesquisar em livros, em jornais ou em revistas do que pesquisar na Internet. Os livros são importantes, porém muitas vezes é difícil encontrar o livro certo. Na Internet

basta digitar uma palavra e se encontra tudo a seu respeito. Ela facilitou muito a elaboração de trabalhos de pesquisa.

Nesse depoimento, observa-se a importância que o entrevistado atribui à Internet alegando as facilidades encontradas para obter informações variadas e de qualidade. O hábito de usar a Internet para conhecer mais sobre um assunto pode estar desenvolvendo no praticante o hábito de pesquisa e, com isso verticalizando, o conhecimento que envolve o tema em estudo. Porém cabe aqui refletir sobre a relevância da orientação dos pais e, principalmente, dos professores para que o aluno não utilize essa ferramenta como simples cópia na realização de seus trabalhos de pesquisa. É muito comum o aluno achar que lá está tudo pronto e assim enveredar pelo caminho mais fácil, deixando de fazer um trabalho mais elaborado e ficando a mercê de sites não confiáveis. O educador precisa conscientizar o educando de que uma pesquisa exige também elaboração própria, baseada em leituras que subsidiem e fundamentem a escrita e os posicionamentos de seu pesquisador. Na prática de estudo pela pesquisa, o aluno tem a oportunidade de exercitar sua escrita, indo além do que foi lido, com questionamentos da leitura que o inspirou. Com isso o aluno estará desenvolvendo duas atividades fundamentais e inerentes ao hábito de estudo e pesquisa, a leitura e a escrita. Marques (2001, p. 17) revela que: “[...] a muita leitura me levava aos poucos, e somente ela podia levar-me a escrever por gostar.”

Portanto essa fantástica fonte de informação é um instrumento, que se bem aproveitado, possui um enorme potencial para motivar o aluno a desenvolver-se no estudo utilizando a pesquisa informatizada como recurso indispensável.

É de se supor que os comportamentos e as escolhas relatados nas concepções dos alunos sobre seus estudos e pesquisas se concretizam a partir de certas condições presentes em seu cotidiano. Portanto, após conhecer um pouco sobre os depoimentos dos entrevistados e questionados, procurei analisar as informações coletadas sobre as situações contextuais que poderiam favorecer o desenvolvimento desses hábitos.

5.2 CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O DESENVOLVIMENTO DOS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DO ALUNO

Considero as condições favorecedoras para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno como fazendo parte da situação em que ele se encontra em função do meio

que o envolve, antes mesmo do início do próprio processo. Por conseguinte, é importante analisarmos os primeiros passos que dão origem a esse desenvolvimento. Sobre isso, duas alunas manifestam-se do seguinte modo:

Os meus hábitos de estudo vêm desde a infância por incentivo da família que esteve sempre presente e preocupada com o meu desenvolvimento nos estudos.

Eu acho que o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa é uma questão de informação que vem de casa. O jovem deve ser estimulado a conhecer o mundo em que ele vive. O primeiro passo importante é que isso seja trabalhado em casa. Eu tive um ambiente familiar que me estimulava estar a par do que estivesse acontecendo ao meu redor.

Pelos depoimentos, observa-se a importância da presença da família no acompanhamento e incentivo ao aluno. O hábito de estudo se desenvolve muito a partir da demonstração de interesse dos pais pela aprendizagem de seus filhos. Essa atitude estimula o aluno a manter uma rotina em suas tarefas escolares. Conforme Chalita (2001, p.18): “A família tem que acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares.” A família tem um papel fundamental para despertar no aluno o interesse pelo estudo e pela pesquisa. É a partir do meio familiar que o sujeito agrega comportamentos salutares em sua formação. As próprias condições criadas pela família para que o aluno possa se concentrar, evitando que haja barulho nos horários de estudo, vem ao encontro do encaminhamento desse processo. O ambiente familiar acolhedor favorece o aluno a focar o estudo como prioridade. Portanto, na maioria dos casos, o hábito de estudo e o gosto pela pesquisa por parte do aluno têm sua origem fundamentada nas relações interpessoais dentro de casa, na atenção, no respeito e no afeto presentes no núcleo familiar. As relações familiares, conforme Villamarín (2000, p. 275), “podem constituir-se em poderoso incentivo e inestimável ajuda para o aluno obter os melhores resultados possíveis.” Nesse contexto, é de se esperar também que o aluno tome consciência da importância de estabelecer um planejamento para o seu estudo.

Um depoente lembra que

O aluno se dá conta que tem que começar a estudar em casa. Ele não pode mais se limitar ao estudo em sala de aula. Ele deve buscar o conhecimento além da escola, desenvolvendo a sua rotina de estudo.

Nesse depoimento, o aluno chama atenção para a necessidade do estudo além da sala de aula. A tomada de consciência está associada à necessidade de uma mudança de atitude para aprender. A idéia de tornar-se livre e responsável pela sua própria formação, leva-o a buscar meios que facilitem seu processo de aprendizagem. A pesquisa em sala de aula é um ponto de partida estimulante para que o discente venha a estender a busca do conhecimento por meio da pesquisa, estudando também em casa. Para Demo (2003, p. 8): “A pesquisa inclui sempre a

percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade.”

Um outro depoente salienta uma carência presente no corpo discente, dizendo:

Está faltando uma conscientização por parte do aluno de que o estudo tem que ser contínuo e não deixar tudo para última hora na véspera de uma prova ou do próprio vestibular.

Aqui fica bem caracterizada a importância da continuidade do estudo. Habitando-se ao estudo em seu cotidiano, o aluno se capacita mais a superar seus obstáculos. No entanto, para a maioria dos adolescentes, é difícil que ocorra essa tomada de consciência sem uma participação de apoio e incentivo por parte de alguém em que ele confie. Na maioria das vezes, isso ocorre por meio de um estímulo externo, que pode surgir em casa com o exemplo dos pais ou na escola pela orientação dos professores.

É preciso também que ele se sinta valorizado pelas pessoas com quem convive. Além dos pais, que muitas vezes possuem dificuldades para a orientação no estudo de seus filhos, o professor pode ajudar muito. Parece-me de bom alvitre que haja um trabalho orientador por parte dos professores, se possível em parceria com os pais, para estimular o aluno a refletir sobre a importância dos hábitos de estudo e pesquisa em seu desenvolvimento como sujeito, com idéias próprias, posicionamentos autônomos e competência para intervir. Sobre o trabalho do professor em levar o aluno a incorporar o estudo pela pesquisa como atitude cotidiana, Demo (2003, p. 13) diz que “[...] o professor [...] necessita alimentar processo constante de produção própria, para demonstrar, entre outras coisas, [...] que o aluno tem capacidade sempre renovada de ocupar o espaço próprio e solidário.” Essa conduta irá instigá-lo a uma tomada de consciência e à mudança de atitude para com seus procedimentos e comportamentos como indivíduo em evolução. A partir daí, crescerá a autocrítica sobre seu comportamento em sala de aula e seus hábitos fora da escola, visando a uma preparação adequada para o acompanhamento dos conteúdos, bem como o melhor desempenho possível na aquisição do conhecimento. O aluno passa a se sentir gerenciador de seu próprio estudo, o responsável pela construção de seu conhecimento.

Para contribuir ainda mais para com essa mudança de comportamento, fazem-se necessários alguns cuidados com o ambiente de estudo. Começando pela sala de aula onde professor e alunos devem torná-lo, em parceria, agradável e harmonioso, o que facilita a aprendizagem e o desejo de saber mais por parte de todos. Nesse clima, o estudo e a pesquisa começam a fluir com maior prazer. Em casa o ambiente propício para o estudo do aluno ganha uma dimensão maior ainda. Sobre isso um aluno relata:

Eu tenho um espaço lá em casa que é destinado ao estudo e à pesquisa, uma sala de estudos com uma escrivaninha e vários livros. É um espaço que me dá prazer. Eu sento ali e parece que tudo é mais fácil e organizado. A organização para mim é muito importante.

Fica evidente, nesse depoimento, que a organização do ambiente de estudo só traz benefícios a quem a utiliza. Trata-se de um componente importante e facilitador para despertar o gosto no aluno pelo estudo e pela pesquisa. Considero fundamental que os materiais de estudo, necessários, estejam organizados, tornando o ambiente propício para o desenvolvimento desses hábitos. Habituar-se a ter em ordem seu local de estudo colocando os materiais sempre no mesmo lugar, para que estejam à mão quando precisar, prontos para serem utilizados, economiza tempo na sua arrumação no início de cada tarefa, tornando o trabalho facilitado para se chegar a um maior rendimento. Villamarín (2000, p. 287) aconselha o aluno que

Procure fazer de seu local de estudo o canto mais acolhedor de todos quantos você conhece. Arranje as coisas de forma que se sinta atraído por esse ambiente. Se você experimentar um grande prazer por estar nele, obterá um aumento muito importante na eficiência de seu estudo.

Um outro depoente se manifesta sobre a importância de um ambiente adequado:

É importante que tu tenhas um ambiente propício para o teu estudo, um lugar que te permita ter concentração, que tu possas ter os teus materiais organizados. Um ambiente destinado somente ao estudo e à pesquisa é uma das principais condições para que se tenha continuidade nessas atividades.

Portanto, para que o aluno possa vir a desenvolver satisfatoriamente os hábitos de estudo e pesquisa, há necessidade de que o ambiente, além de organizado, seja confortável e convidativo, para que ele possa se sentir atraído a executar suas atividades, principalmente aquelas que requeiram extrema concentração para serem realizadas adequadamente. Um local condizente, onde o aluno disponha de iluminação e ventilação adequadas, bem como de um conforto razoável, faz com que vá se criando uma identificação prazerosa dele com esse ambiente, o que o torna cada vez mais compatível com as atividades de estudo e pesquisa. Segundo Villamarín (2000, p. 286-287):

É conveniente, sem dúvida alguma, tomar as devidas providências para assegurar um ambiente de estudo adequado, cuidando para que ele seja estimulante. Um local agradável fará com que você sinta prazer em estudar e estude mais tempo sem sentir o cansaço, nem o desejo de parar tão cedo.

Uma outra condição favorecedora do estudo cotidiano do aluno, por meio da pesquisa, foi observada no depoimento de uma aluna que diz:

Em casa deveria ser cultivado desde pequeno o hábito de leitura. Quando a pessoa lê desde pequeno ela vai mais atrás dos assuntos que despertam interesse. Para começar a pesquisar o aluno tem que ter o hábito de leitura.

O depoimento mostra a necessidade da leitura para motivar o sujeito a buscar um maior conhecimento sobre assuntos de seu interesse, a desenvolver a pesquisa e a incorporá-la no seu estudo. A dificuldade do aluno, para com o estudo, por meio da pesquisa, decorre da falta dos hábitos de leitura e escrita. O estudo pela pesquisa utiliza as várias leituras que servem de subsídios para a elaboração textual, sendo utilizadas, por meio de sua escrita como fundamentação do trabalho de pesquisa. Elas dão sustentação à pesquisa, ou seja, às respostas que estão sendo procuradas e suporte às argumentações em defesa daquilo que se pensa ser. Para Marques (2001, p.112): “[...] o valor de nossas pesquisas depende do valor de nossas leituras.” Logo, quando lemos, estamos tomando contato com outros modos de agir, de pensar e de ser, conhecendo outras possibilidades, enriquecendo nossos argumentos. O hábito de leitura pode ser considerado como parte da pesquisa. Quem faz uma leitura sem apenas passar os olhos, mas dialogando com autor, argumentando, registrando suas críticas e complementações, superando-se nas interpretações, está dando os primeiros passos na atividade de pesquisa. Para Demo (2002, p. 81): “Ler deve ser, além de compreender a proposta do livro ou artigo e testar e contestar os conceitos fundamentais, reescrever o texto em palavras próprias, seja para melhor compreender, seja para ultrapassar.” Portanto, na sala de aula, a pesquisa tem seu começo quando o professor solicita ao aluno que faça a leitura de um texto convidativo e provocador. Buscando um entendimento mais claro de seu conteúdo, o aluno é convidado a escrever ou reescrever com elaboração própria sobre o que compreendeu. Esse procedimento faz o aluno se soltar na escrita, retomando a leitura e se estendendo mais ainda no ato de escrever. O hábito de leitura deve ser estimulado como uma condição fundamental para desencadear o processo de pesquisa na sala de aula e motivar sua continuidade no cotidiano do aluno. A questão é que, muitas vezes, a compra de livros fica dificultada em função dos preços e da condição financeira de sua família.

A aquisição de material visando ao estudo por meio da pesquisa, portanto, é um aspecto a ser levado em consideração. Em um depoimento, um aluno diz:

As condições financeiras auxiliam muito o aluno a estudar e pesquisar, dando condições para o acesso à Internet e à compra de livros.

Embora o aluno possa freqüentar bibliotecas e locais que lhe permitam o acesso à Internet para realizar suas pesquisas, a condição econômica pode facilitar em muito esse processo de busca. Além da força de vontade e determinação em estudar, o discente poderá qualificar sua aprendizagem se tiver a possibilidade de aumentar os recursos destinados à aquisição de livros e materiais didáticos. Villamarín (2000, p. 284) lembra ao aluno: “[...] o

conhecimento é o único capital que ninguém poderá roubar-lhe. Aproveite, portanto, todas as oportunidades possíveis de adquirir bons livros.”

Independente da condição econômica, é também importante salientar que o nível de aprendizagem de um aluno depende muito do investimento que ele faz em sua educação por meio da construção de seu conhecimento. Cabe aos pais e professores orientarem o educando de que a bagagem de conhecimento a ser construída em sua jornada de estudos e pesquisas tanto na escola como também em suas atividades extra classe, certamente lhe possibilitarão uma condição melhor na caminhada rumo às suas metas futuras.

Além do conhecimento formal, adquirido na escola, é importante que seja dada a oportunidade ao aluno de manifestar também os seus conhecimentos empíricos durante as aulas. Os conhecimentos prévios, formais e empíricos, são matérias primas importantes como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula. No depoimento a seguir, o aluno expressa a sua idéia sobre a importância do conhecimento prévio para a pesquisa:

É muito mais fácil o aluno fazer uma pesquisa sobre um assunto que ele já conhece um pouco do que um outro totalmente novo que ele não tem nenhum conhecimento. O aluno ganha tempo por não precisar começar do zero e isso poderá ajudá-lo a gostar de pesquisar.

O conhecimento prévio do aluno não deve ser abandonado e sim valorizado, aproveitado como um referencial a ser primeiro questionado, para depois passar por uma reconstrução com maior clareza, de acordo com o nível de aprofundamento que desejamos dar à pesquisa em sala de aula. O educar pela pesquisa começa pelo questionamento dos conhecimentos prévios do aluno, criando-se um clima fomentador da busca de novas respostas consensualmente mais elucidativas. Moraes, Galiazzi e Ramos (2004, p. 13) entendem que

Cada sujeito tem sempre um conhecimento inicial [...]. Ninguém é vazio de conhecimento, de saber fazer as coisas, de ter seu conjunto de valores e atitudes. Tomar consciência do que somos e do que pensamos é um momento que precede qualquer questionamento.

A valorização do conhecimento prévio trazido pelo aluno faz com que ele se sinta também um participante ativo no processo de pesquisa. Além disso, permite que ele trabalhe com mais satisfação por ter facilitada sua pesquisa em função da familiaridade com o assunto proposto e do aproveitamento daquilo que ele conhece. O aluno passa a se sentir mais à vontade para realizar o seu trabalho. Essa atitude o estimula a aprimorar seu conhecimento por meio do princípio básico da pesquisa em sala de aula, o questionamento reconstrutivo. A partir daí, esse processo permitirá uma atenção mais concentrada do aluno na aula,

condicionando-o a habituar-se ao estudo pela pesquisa na ânsia de obter respostas mais convincentes para suas dúvidas, um comportamento que o levará à constante reconstrução de seu conhecimento.

A atenção voltada à aula é uma condição necessária e favorecedora ao encaminhamento do estudo do aluno. Sobre isso, outro depoente se manifesta dizendo:

O mais importante para as atividades de estudo e pesquisa é a atenção em aula, pois na sala, com o auxílio do professor, o aluno tem a grande oportunidade para aprender, facilitando seu estudo em casa.

A atenção concentrada em sala de aula ajuda na compreensão do aluno para com os assuntos tratados. Possivelmente esse comportamento, reforçado pelo acompanhamento e a orientação do professor, levará o aluno a participar mais, assumindo sua real condição de responsável pela construção de seu conhecimento. A atenção e a concentração possibilitam, conforme uma regra definida por Villamarín (2000, p. 273), ao aluno, “[...] o aumento da capacidade de percepção e discriminação permitindo-lhe adquirir informações mais precisas e em maior quantidade, o que tornará seu estudo mais produtivo, pois suas comparações e conclusões serão mais completas, variadas e precisas.” Uma busca mais intensa pela assimilação dos conteúdos, por meio de atividades de estudo e pesquisa, tanto na sala de aula como fora dela, é reflexo da atenção dedicada aos desdobramentos das atividades de sala de aula. A educação pela pesquisa tem influência nessa atitude compenetrada do aluno, pois provoca nele o envolvimento participativo em todas as etapas do processo. A grande quantidade de informações passa a ser assimilada seletivamente por meio do questionamento e da contestação, impedindo o desvio de atenção, na maioria das vezes provocado pela ansiedade e preocupação, naturais da adolescência. A aprendizagem, portanto, passa a ser mais significativa estimulando o aluno a ampliar seu estudo pela pesquisa com uma atividade do seu dia-a-dia.

Além do incentivo da família, da tomada de consciência do aluno, da organização e adequação do ambiente de estudo, do cultivo do hábito de leitura, das condições financeiras, da importância do conhecimento prévio e da atenção às aulas, que correspondem às condições favorecedoras para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno, registrei, entre os depoimentos dos alunos, a influência de fatores que podem ser considerados como os mais importantes nesse processo e que passo a analisar a partir de agora.

5.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO DOS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA DO ALUNO

Os fatores determinantes para o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno devem ser investigados como ponto de fundamental importância para se compreender mais profundamente esse processo. Embora as condições iniciais possam ser consideradas também como fatores, decidi categorizá-las, à parte, como antecedentes do processo, conforme já fiz referência nessa categoria. Os fatores, aqui categorizados como tal, surgem como interferentes ao longo do processo de desenvolvimento desses hábitos. Sejam eles culturais, sociais, econômicos ou intelectuais, ao serem identificados, deverão facilitar o encaminhamento do trabalho visando a beneficiar o meu entendimento sobre o desenvolvimento do aluno no estudo e na pesquisa..

5.3.1 A curiosidade e o interesse

O desejo de tudo ver, saber e conhecer é o que nós conhecemos por curiosidade. Ela é a alavanca impulsionadora para a procura de explicações que saciam nossos interesses em desvendar o desconhecido. Despertá-la, no aluno, leva-o ao questionamento, à busca de respostas, à ação inquietadora de querer saber, portanto, ao fazer pelo conhecimento. Salientando a importância da curiosidade, dois alunos se manifestam dizendo:

Os hábitos de estudo e pesquisa se devem basicamente à curiosidade. A criança que é orientada a satisfazer a suas curiosidades vai adquirir esses hábitos com mais facilidade.

Penso que a curiosidade leva à vontade do aluno para fazer um trabalho. Se não houver curiosidade não haverá vontade do aluno em estudar ou pesquisar.

Nos relatos analisados, identifica-se a relação direta existente entre o estudo pela pesquisa e a curiosidade. Pais e professores devem estimular, sempre que possível, a curiosidade no educando alimentando-lhe o desejo em buscar os porquês e as inconformidades com aquilo que até então está implícito. Para deixarmos o estado letárgico e conformado que caracteriza a acomodação e sairmos a descobrir o que está acontecendo em nossa volta, precisamos que alguma coisa nos empurre para essa busca. A curiosidade nos impele ao estudo e à pesquisa como atividades fundamentais para supri-la. O trabalho de

pesquisa em sala de aula deve provocar as curiosidades do aluno, que, ao emergirem, acelerarão o processo de querer desvendar o conhecimento sobre o conhecimento, construindo sua interpretação própria: uma “verdade” para ele. Conforme Barreiro (2004, p. 179), sobre as aplicações desse trabalho, “[...] não se pode impor verdades ao sujeito questionador. Apenas se pode propiciar a curiosidade para que esse sujeito reconstrua o trajeto dessa ‘verdade’, tornando-a sua.” Na continuidade dessa prática, o aluno irá aproveitar-se mais seguidamente do instrumento de pesquisa para responder às suas curiosidades, desenvolvendo o hábito de estudo pela investigação do que lhe é ainda desconhecido. A curiosidade mexe com a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de compreender e na procura do objeto de sua investigação, operações estas que ensinam ao exercício habitual de pesquisa. Conforme Freire (1996), quanto maior o rigor metódico das operações mentais que um sujeito realiza, tanto mais se aproxima da maior exatidão dos achados de sua curiosidade.

Um outro aluno relata o caminho que o levou ao hábito de estudar e pesquisar:

Eu desenvolvi esses hábitos pela curiosidade desde pequeno em desmontar carrinhos para saber como funciona, e depois querer saber como funcionava a televisão e porque o micro ondas esquentava a comida. De tanto querer saber o porquê das coisas cria-se o hábito de estudar e pesquisar.

Nesse relato, identifica-se a curiosidade natural do sujeito em desejar saber fazendo, como uma atitude incessante de busca, de necessidade em descobrir por conta própria. Trata-se de desenvolver-se pela curiosidade que o impaciente, levando-o a agir, a mexer-se para aprender. A pesquisa também é uma maneira de adquirir conhecimento mexendo com as fontes de consulta a que temos acesso. Moraes, Galiazzi e Ramos (2004, p. 15) fazem a seguinte comparação ilustrativa: “Quando o carro enguiça, fazemos algo para resolver nosso problema. Quando estamos curiosos sobre nossas concepções de aprender, vamos a procura de mais conhecimento.” A perseverança em encontrar respostas cada vez mais precisas para as nossas dúvidas, mediante o despertar constante da curiosidade, vai nos desenvolvendo a habitualidade em recorrer aos procedimentos de estudo e pesquisa sempre que uma investigação mais aprofundada se fizer necessária.

Com a curiosidade aguçada, vão crescendo interesses no sujeito. Esses devem ser aproveitados para encaminhar a continuidade dos processos de busca. Sobre isso, um aluno se manifesta do seguinte modo:

O principal fator, para min, que leva o aluno a ter continuidade em estudar e pesquisar, é o interesse que ele tem pelo tema. O interesse pelo tema é que move uma pesquisa. É ele que vai definir a força e o afinco com que o aluno vai se dedicar à pesquisa.

O interesse do aluno por um tema deve ser levado muito em consideração pelo professor. O sujeito tem muito mais motivação em realizar atividades de estudo e pesquisa se o assunto realmente lhe desperta seu interesse. A pesquisa passa a ser efetivada com mais vontade e dedicação pelo aluno, alimentando sua imaginação e criatividade, principalmente quando ele tem a oportunidade de definir o assunto que vai investigar. Para Bernardo (2000, p.78), “[...] nós aprendemos melhor aquilo que queremos. O motor da inteligência é o desejo, condição de possibilidade da imaginação.” Cabe ao professor sugerir ou consultar seus alunos sobre temas de seu interesse que tenham relação com o conteúdo a ser trabalhado. Essa atitude pode dar origem a uma pesquisa mais prazerosa que os leve a aprofundar com mais qualidade o estudo do próprio conteúdo, favorecendo a sua aprendizagem e acalentando o seu desejo em manter a continuidade desse processo.

Portanto, a curiosidade e o interesse do aluno devem ser continuamente despertados para gerar uma motivação que o leve a participar mais ativamente das atividades em sala de aula, tendo continuidade em casa. O educar pela pesquisa em sala de aula é um procedimento didático motivador que possibilita o envolvimento do aluno com questionamentos impacientes na busca de esclarecimentos para suas inquietações. Cumpre destacar que um aluno motivado torna o seu processo de aprendizagem mais facilitado, fazendo com que sua motivação em estudar e pesquisar com maior frequência aumente ainda mais na medida em que percebe sua evolução em aprender.

5.3.2 A motivação

Nas aulas tradicionais, em que predomina o ensino da cópia e da reprodução do conhecimento, a motivação entre a maioria dos alunos é extrínseca, pois está focada na premiação, na obtenção da nota para a aprovação. Para que o aluno possa desenvolver uma motivação calcada no interesse em aprender, ou seja, uma motivação intrínseca, há necessidade de que seja provocada sua desacomodação, pelo constante despertar de sua capacidade crítica, de sua insubmissão e de sua curiosidade indagadora. O depoimento de um aluno a seguir, reflete uma situação muito comum numa parcela significativa dos discentes em nossas escolas:

O que motiva mais o aluno a pesquisar é a obrigação que ele tem em entregar o trabalho. Ele se vê na obrigação de ter que fazer aquela pesquisa e isso para

mim é que o estimula. Se não for necessário entregar o trabalho o aluno não vai se envolver na busca do assunto de sua pesquisa.

No depoimento, observa-se que o aluno está condicionado a realizar uma tarefa em função da obrigação que lhe é imposta. Na realidade isso não o motiva a fazer o que gosta. É o que chamamos de motivação extrínseca. Esse comportamento reflete uma reação do aluno para impedir a punição representada por uma avaliação absolutamente insatisfatória. Ao mesmo tempo em que o aluno foge do mau resultado pela não entrega do trabalho, a motivação que o move é apenas temporária, não caracterizando um caminho para que ele venha a se dedicar espontaneamente ao estudo pela pesquisa. Conforme o “educar pela pesquisa”, há necessidade de que o trabalho de pesquisa tenha o desenvolvimento de suas etapas por completo em sala de aula. A escolha democrática do tema e o esclarecimento sobre a metodologia utilizada na pesquisa são fundamentais para motivar o aluno ao trabalho. O aluno passa a se inteirar da utilidade do processo de pesquisa, adquirindo a motivação necessária para praticá-lo cotidianamente visando uma efetiva aprendizagem. Ao aluno devem ser oportunizadas situações para que ele possa seguir sua caminhada com autonomia, comportando-se como um sujeito emancipado, construindo uma motivação própria, indo além da simples obrigação em cumprir com suas responsabilidades para com a escola. Conforme Demo (2003, p. 8): “A característica emancipatória da educação exige a pesquisa como seu método formativo, pela razão principal de que somente um ambiente de sujeitos gesta sujeitos.”

Um outro aluno se refere à motivação para as provas, dizendo:

A grande motivação que a escola oferece para o aluno estudar são as provas. Elas são obstáculos que o aluno tem que passar, e provar que realmente ele aprendeu aquela matéria. É nesse período de suas aplicações que eu mais aprendo, pois reviso toda a matéria e me preparo para realizá-la.

O processo avaliativo que utiliza unicamente a prova tradicional, como instrumento para sondar o conhecimento adquirido pelo aluno, cria um respeito e submissão ao instrumento, mas não avalia a real aprendizagem do aluno. A motivação que se desenvolve a partir desse processo é momentânea e extremamente limitada pois vincula o estudo à prova e não à aprendizagem. Pelo depoimento acima, percebe-se o equívoco comum de uma grande parte dos alunos de que o estudo visando à prova é garantia de aprendizagem. A preparação para a prova também é gerada por uma motivação extrínseca. O “estudo” se dá, na maioria dos casos, apenas na véspera da prova. São raros os alunos que desenvolvem os hábitos de estudo e pesquisa quando movidos pela obrigação de se preparar para o chamado “provão”. O modelo copiador da maioria das escolas utiliza a prova tradicional, baseada em questões fechadas como principal instrumento avaliativo, impondo ao aluno estudar para obter a nota

necessária à aprovação. Alguns acabam adquirindo o hábito de estudar, porém visando unicamente ao sucesso na prova. Se a prova ainda tiver como tônica, respostas a questões fechadas, o aluno passa a ser um mero objeto reprodutor do conhecimento. Esses estão condicionados pelo sistema que visa à reprodução social. Como diz Ramos (2004, p. 26): “[...] a reprodução, de responsabilidade das instituições, é reforçada na vida familiar e fortemente influenciada pelos meios de comunicação.” Concordo com Cury (2003, p. 70) quando se manifesta dizendo: “As provas deveriam ser abertas, promover a criatividade, estimular o desenvolvimento do livre pensamento, cultivar o raciocínio esquemático, expandir a capacidade de argumentação dos alunos.” São muito poucos aqueles que, tendo que se preparar para o referido instrumento, desenvolvem o hábito autônomo de estudar e pesquisar movidos pelo questionamento e reconstrução de seus conhecimentos.

Para que a avaliação possa realmente motivar o aluno, mesmo que extrinsecamente, ela deveria ser contínua e sistemática acompanhando sua produção no decorrer de todo processo de aprendizagem. A educação pela pesquisa, além de contemplar esse procedimento possibilita ao aluno, por meio da promoção do questionamento e da argumentação, o desenvolvimento de uma motivação intrínseca, capaz de levá-lo a cultivar o estudo e a pesquisa em seu dia-a-dia, por iniciativa e vontade próprias.

Um dos alunos entrevistados justifica sua continuidade no estudo e na pesquisa por um outro caminho:

Eu acho que a motivação que tenho em aprender e ganhar conhecimento me leva a ter continuidade em estudar e pesquisar. Quanto mais se aprende mais vão se gerar dúvidas e mais buscas de respostas vão acontecer, e isso vai nos ajudar a aprender mais.

Nesse depoimento, o aluno demonstra ter uma motivação interna voltada ao desejo de aprender e adquirir cada vez mais conhecimentos. Esse comportamento caracteriza uma motivação intrínseca. O que chama atenção, conforme interpreto em sua afirmação, é que há a geração de um ciclo que tem início na sua aprendizagem, levando-o ao questionamento. Este, fruto das dúvidas que surgem a partir de argumentos considerados insuficientes, motiva o aluno mais ainda para a busca de respostas, que assim encontradas, propiciam uma estabilidade temporária, com uma nova aprendizagem, uma “[...] nova reelaboração do saber, da criação própria de respostas aos questionamentos internos.” (BARREIRO, 2004, p. 186). E assim completa-se o ciclo. O caminho dessa aprendizagem continuada é retomado pelo desequilíbrio gerado com o surgimento de uma nova dúvida. Na realidade, o ciclo é retroalimentado pelas dúvidas geradas no processo. Conforme Moraes, Galiuzzi e Ramos (2004, p. 12): “A pergunta, a dúvida, o problema desencadeiam uma procura. Leva a um

movimento num sentido de encontrar soluções.” A pesquisa em sala de aula é também promotora desse processo cíclico, já que encaminha o aluno a desenvolver o hábito de estar seguidamente rastreando respostas por meio do estudo pela pesquisa.

Muitas vezes a busca do esclarecimento representa um desafio motivacional ao aluno. Esse comportamento é relatado por dois alunos a seguir:

Para que eu possa estar motivado a estudar preciso de um desafio que me dê a oportunidade de me testar.

Para mim os desafios me fizeram perceber o quanto era importante estudar para poder vencer.

No primeiro depoimento, entendo que o desafio, por exemplo, de uma prova, que faz o aluno ser testado, é uma condição necessária para motivá-lo ao estudo. Nesse caso, o aluno desenvolve uma busca condicionada, não partindo dele a espontaneidade em realizar seus estudos por vontade própria. O outro aluno, no segundo depoimento, reconhece que suas conquistas dependem do esforço e dedicação ao estudo para suplantar os desafios, propostos pelo professor em atividades avaliativas, e atingir seus objetivos. Penso que este aluno tem mais presente a importância do hábito de estudar já que sua motivação parte de seu interior, de seu desejo em vencer.

Nos dois depoimentos, observa-se a importância do desafio na sala de aula. Cabe ao professor precisar o momento para lançar questões desafiantes que motivem o aluno a dedicar-se na procura de respostas. Segundo Cury (2003, p. 126): “Educar é provocar a inteligência, é a arte dos desafios.” A educação pela pesquisa no ambiente de sala de aula oportuniza o surgimento de situações que impõem o desafio como instigador das capacidades do aluno de aprender a aprender e de saber pensar. Nos trabalhos que envolvem a pesquisa em sala de aula são constantes os contatos envolvendo trocas de idéias com colegas. Surgem desafios inesperados que levam o aluno a motivar-se em querer também compartilhar dos novos conhecimentos anunciados. Esse clima estimula-o a buscar para si a compreensão ainda mais aprofundada desses conhecimentos. Dessa forma, poderá desenvolver o hábito de procurar no estudo na pesquisa a construção e reconstrução de conhecimentos, mantendo-se atualizado e ao mesmo tempo não ficando defasado em relação aos seus colegas.

Portanto, é importante considerar que um hábito para se desenvolver em um sujeito sofre influência do meio em que ele convive. Os relacionamentos podem servir também como motivação contagiante na aquisição de conhecimentos. Sobre isso um aluno se manifesta dizendo:

Acho que é muito importante o meio social onde a pessoa se encontra. Se ela tem amigos com bastante conhecimento ela se motiva para adquirir conhecimento e dividir experiências.

O entrevistado registra a grande influência das pessoas de nosso meio para com o nosso modo de agir. Um sujeito se vê estimulado a adquirir conhecimento e poder socializá-lo conforme a motivação desenvolvida pelo contato com seus pares. O convívio com amigos que possuem conhecimento motiva-o e o faz perceber o valor e a importância de se buscar o conhecimento para o seu crescimento pessoal e de sua comunidade. No espaço escolar o aluno tem a excepcional oportunidade de fazer novos relacionamentos e aprender muito com eles, numa intensa e dinâmica sucessão de experiências que ele carregará pelo resto de sua vida. Conforme Moraes, Galiuzzi e Ramos (2004, p. 13): “Quando lemos, podemos tomar contato com outros modos de agir, de pensar e de ser. Também podemos conhecer outras possibilidades através da fala e discussão com colegas e com o professor. Podemos, finalmente, observar outras realidades e vivências.” Nós vivemos em sociedade e como tal aprendemos e nos desenvolvemos uns com os outros. O caminho que leva à construção do conhecimento de um sujeito passa pelas relações interpessoais com seus pais e professores.

5.3.3 A influência da família e a responsabilidade dos pais

Nos relacionamentos familiares, a participação dos pais no acompanhamento do estudo de seus filhos é imprescindível. O afeto é demonstrado na simples presença atenciosa, lado a lado, que eles dedicam às atividades escolares dos filhos, não como uma cobrança insistente, mas como uma assistência às suas dificuldades. Esse comportamento propicia uma aproximação muito saudável para a manutenção do estudo além da sala de aula. Alguns alunos relatam o comportamento de seus pais para com os seus estudos:

É importante que os pais acompanhem e discutam com seus filhos as matérias do colégio. Na minha família a minha mãe sempre me incentivou a estudar e isso me ajudou bastante a não desmotivar.

A participação dos pais é muito importante para que o aluno adquira, desde pequeno, os hábitos de estudo e pesquisa. Meu pai sempre me auxilia quando está faltando uma informação de qualquer matéria.

Nos relatos analisados, identifica-se a importância de uma formação acompanhada de incentivo, atenção e orientação por parte da família. A participação dos pais, estimulando a capacidade do filho em vencer os desafios na busca do conhecimento, dialogando com ele e acompanhando suas atividades de estudo e pesquisa o impedem de esmorecer e até abandonar os estudos. Chalita (2001, p. 26) chama atenção para isso dizendo: “A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida.” No

segundo depoimento, o aluno aponta a presença dos pais como responsáveis para que o estudo e a pesquisa venham a se tornar um hábito. Essa conquista deve ser elogiada e estimulada pela família para que o aluno venha praticá-la com convicção e prazer. Muitas vezes é preciso um gesto de afeto e carinho por parte dos pais para fortalecer sua auto-estima, fazendo-o superar suas dificuldades para com a aprendizagem, mantendo acesa a necessidade de continuidade do estudo além da sala de aula. Portanto, para Chalita (2001, p. 17), “Por melhor que seja uma escola, por mais preparados que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente.”

Outros dois depoentes referem-se ao exemplo dos pais como uma influência importante para com o desenvolvimento de seus hábitos:

O meu pai está sempre lendo jornal e revista. Eu peguei muito esse hábito dele. Ele sempre incentivou a mim e a minha irmã a ler e nos manter atualizados para podermos discutir com ele. Dessa forma me habituei a pesquisar desde pequena.

O exemplo da minha mãe em estar sempre buscando aprimorar os seus conhecimentos por meio de cursos extra, mesmo trabalhando, foi muito importante para mim. Ela me ajudou muito nessa minha vontade em querer aprender por meio do estudo.

Os hábitos e comportamentos dos pais influenciam em muito a forma de ser e agir de seus filhos. Por mais que sejamos indivíduos com vontades e desejos muito particulares, o pai e a mãe são os primeiros e mais próximos exemplos em nossas fases iniciais de vida. O aluno vai assimilando mais facilmente os hábitos de seus pais conforme a intensidade da convivência entre ambos. Esse processo se torna mais significativo principalmente quando há o incentivo dos pais em fazer, dos seus hábitos, os hábitos de seus filhos, por considerá-los importantes na própria formação deles.

No primeiro depoimento, isso fica evidenciado quando a aluna relata a importância do hábito de leitura do pai para o desenvolvimento do seu hábito de pesquisa. Nesse caso, o pai procurou estimular, por meio da leitura, não só a aquisição do conhecimento, mas também sua discussão. Além de dar o exemplo, incentivou o questionamento e a argumentação gerados provavelmente no momento da discussão. O procedimento desse pai contribui bastante para com a atividade de pesquisa em sala de aula. Pode-se dizer que ele também está educando pela pesquisa, propiciando às suas filhas a oportunidade de desenvolver sua aprendizagem nos atos de questionar e argumentar.

Demo (2003) considera a pesquisa em sala de aula como um processo educativo dos mais importantes na formação do aluno, ressaltando o desafio do questionamento como a energia vital para a busca de inovações, exigindo do aluno o desenvolvimento da competência argumentativa para sustentá-las.

No segundo depoimento, observa-se a importância do exemplo de dedicação da mãe em aprofundar seus conhecimentos, para desenvolver a vontade em querer aprender por parte do aluno. A atitude da mãe em buscar o aprimoramento de seus conhecimentos representou um incentivo ao aluno de aprofundar os seus também. Pode-se dizer, portanto, que o bom exemplo e a participação dos pais são de fundamental importância na formação educacional de seus filhos.

Para Chalita (2001, p. 17-18): “Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança, deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir o seu objetivo. A família tem que acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares.” Mas, principalmente, os pais devem estar atentos para que o aluno tenha continuidade no estudo e não venha a se dispersar com outras atividades inoportunas.

O desvio de atenção do aluno em relação ao estudo é um fator bastante preocupante, principalmente se considerarmos o interesse dos pais para que o aluno venha a desenvolver o hábito de estudo pela pesquisa. Para essa situação, se fazem necessários limites que devem ser bem administrados e respeitados em comum acordo entre pais e filhos.

Sobre essa questão da desatenção ao estudo, um aluno se pronunciou dizendo:

Eu creio que as dificuldades para estudar e pesquisar mais seguidamente estão relacionadas à perda de tempo com os maus programas da televisão.

Aqui o aluno deixa bem claro seu reconhecimento pelo mau uso da televisão, acarretando dificuldades para se concentrar em seus estudos. A televisão pode ser considerada um veículo de comunicação e entretenimento positivo se for feita uma filtragem seletiva em sua programação. Do contrário, passa a ser uma das causas do comportamento desatento e acomodado de nossos alunos. Ela é priorizada em detrimento de suas atividades de estudo. Esse fenômeno de massa age como uma fonte hipnotizadora levando o aluno adolescente a esquecer de seus compromissos com a escola. Além disso o sujeito acaba ficando à mercê de programas “imbecilizantes” que atrofiam sua visão crítica, impedindo-o de questionar ou contra argumentar, tornando-se uma presa fácil do sistema consumista e predatório. O jovem fica condicionado ao fácil transporte a cenários diversificados, perdendo sua capacidade natural de imaginar e ter sonhos e fantasias, tão importantes para desenvolver a criatividade. Conforme Cury (2003, p. 14):

A TV transporta os jovens, sem que eles façam esforços, para dentro de uma excitante partida esportiva, para o interior de uma aeronave, para o cerne de uma guerra e para dentro de um dramático conflito policial. Esse bombardeio de estímulos não é inofensivo. [...] Com o tempo, criança e adolescentes perdem o prazer nos pequenos estímulos da rotina diária.

Outro aluno manifesta-se dizendo:

Os jogos de computador são os maiores problemas para me impedirem de estudar e pesquisar mais seguidamente.

Nesse depoimento está explicitado que o desvio e a falta de comprometimento com o estudo se devem também ao surgimento acelerado das novidades na área da eletrônica, o que desperta a curiosidade do aluno e o seu interesse em função da instantaneidade dos resultados fornecidos pelos poderosos aparelhos. É significativa a ansiedade do aluno em usar esses aparelhos mesmo durante as aulas. Trata-se de um brinquedo que, enquanto novidade, desvia a atenção do aluno para com a aula. Isso está associado ao comportamento imediatista do aluno. O celular, o *walk-man* e a máquina fotográfica digital, para citar alguns exemplos, produzem uma satisfação de, ao apertar um botão, poder obter resultados fantásticos imediatos. Essas máquinas que fazem parte do lazer eletrônico, criam uma dependência do indivíduo em formação. A novidade de poder obter imagens coloridas com instantaneidade e se divertindo com os avanços eletrônicos, criam no jovem uma limitação para pensar e produzir seu conhecimento com elaboração e argumentação próprias. Praticamente tudo está quase pronto: basta apertar um botão e o resultado acontece em frações de segundo. O limite para o uso dos divertimentos eletrônicos passa por um diálogo entre pais e filhos. O pai deve ouvir e orientar seu filho sobre a organização do seu tempo para estudar e se divertir. Os horários devem ser determinados pelos pais e respeitados por seus filhos.

O limite deve ser aplicado conforme as prioridades definidas para o estudo. Chalita (2001, p. 28), sobre a importância e a habilidade em colocar limites desde a tenra infância, usa um exemplo bem interessante: “A mãe que pega na mão do filho e, com o maior carinho, mas com a responsabilidade de quem precisa mostrar os limites, faz com que ele recolha os brinquedos que esparramou em casa.”

Deve haver por parte dos educadores, pais e professores, a conscientização de que os aparelhos eletrônicos, se bem utilizados e com moderação, podem também vir a auxiliar o aluno em suas atividades de estudo e pesquisa. É importante que o aluno receba a orientação dos professores, com o reforço dos pais de que o estudo e a pesquisa podem ser também prazerosos, principalmente, se forem trabalhados com uma parceria competente entre professor e aluno. A escola possui um papel fundamental nessa relação interpessoal do educador com o educando, constituindo-se numa instituição promotora de profundas mudanças sociais.

5.3.4 A influência da escola e do professor

A escola deve propiciar as melhores condições para que o aluno se sinta estimulado ao estudo pela pesquisa. A caminhada que leva o aluno a desenvolver seus hábitos de estudo passa pela aprendizagem em construir seu próprio conhecimento. Para que isso possa vir a se concretizar, o ambiente escolar deve estimular o aluno a uma educação que utilize a pesquisa como ponto de partida. Por meio da pesquisa, o aluno passa a traçar o seu próprio caminho, com autonomia. Dessa forma é favorecido o desenvolvimento do aluno de estudar continuamente, até vir a se tornar um hábito natural em seu dia-a-dia.

Enfatizando a parte que cabe à escola, um depoente se pronuncia dizendo:

Para facilitar o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno compete à escola oferecer uma boa biblioteca, liberar o acesso à Internet e estimular a elaboração de trabalhos de pesquisa.

Conforme esse depoimento, a escola deve facilitar ao aluno o acesso à busca de conhecimentos. Além de a escola se instrumentalizar adequadamente, é fundamental que o aluno possa usufruir desses recursos. O sujeito constrói seu conhecimento de acordo com as condições que o meio lhe oferece. Dessa forma cabe à escola, como instituição educacional, fazer com que o seu aluno aproveite ao máximo as condições oferecidas, para vir a desenvolver suas habilidades e competências. Conforme Gadotti (1995, p. 75): “A escola precisa ampliar as possibilidades dela própria, elaborar seus planos, seu projeto pedagógico visando à aprendizagem com criticidade e criatividade para poder promover mudanças sociais.” O educar pela pesquisa é um princípio educativo que contempla esse pensamento, pois na pesquisa educacional se exige como fundamento básico que o aluno questione reconstrutivamente. O estímulo aos trabalhos de pesquisa, mencionado pelo depoente, passa por condições que possam competir com os atrativos de fora da escola. Isso exige no mínimo uma equiparação em termos de instrumentalização eletrônica atualizada. Para Demo (2003, p. 27), “[...] a escola do futuro entrará com absoluto empenho no processo de transmissão eletrônica de conhecimento, para dispor da maneira mais abundante e acessível dele.”

Um outro depoente manifestou-se do seguinte modo:

A escola deve promover mais a formação dos clubes das diversas disciplinas. A criação dos clubes de matemática, de astronomia, de ufologia e de português ajuda porque o aluno vai poder aprofundar o estudo e a pesquisa numa área que ele gosta mais.

A organização de clubes ou grupos de estudo pela escola é uma maneira de incentivar o aluno à procura de respostas, envolvendo-o no estudo pela pesquisa, numa área em que ele

possui uma identificação maior. Essa iniciativa, principalmente se calcada na pesquisa, propicia também que o aluno possa vir a desenvolver sua elaboração própria. O intercâmbio gerado a partir de um grupo que comunga de interesses comuns estimula seus componentes ao aprofundamento do estudo, a buscar novos conhecimentos, a reconstruir criticamente, levando-os, portanto ao aprender a aprender, ao saber pensar, a formular novas propostas para serem analisadas e validadas pelo grupo. De acordo com Demo (2002, p. 100): “Desde cedo é importante fomentar o desafio da elaboração própria, em gincanas, concursos, demonstrações, feiras, mudando o enfoque do bom aluno, daquele que memoriza com facilidade e faz boas provas, para aquele que sabe pensar.”

O professor deve procurar sempre que possível abordar em sala de aula assuntos da atualidade. Um aluno chama a atenção desse procedimento dizendo:

Os professores devem comentar em aula matérias de jornais e revistas que estejam ligadas a assuntos dados em aula.

No depoimento deste aluno, penso que ele está demonstrando preocupação pela necessidade de o professor associar ao conteúdo as notícias de jornais e revistas, visando o porquê da aprendizagem sobre aquele assunto. Mas também é conveniente estimular no aluno o hábito de ler jornais e revistas, fazendo-o tomar conhecimento do que está ocorrendo em nosso dia-a-dia, dos acontecimentos que constituem o contexto atual, e, sempre que possível, relacioná-los com o conteúdo de sala de aula. O espaço para leitura em sala de aula faz parte do processo de educação pela pesquisa e deve ser exercitado junto com a escrita, possibilitando que a interpretação com autonomia leve o aluno a refazer sua aprendizagem com linguagem própria. Essa atitude ajuda o aluno a desenvolver um posicionamento seu sobre o tema em discussão, levando-o com mais facilidade a escrever o que pensa sobre aquilo que leu. Começa a surgir sua elaboração própria, pertinente ao processo reconstrutivo de pesquisa, e conseguida gradativamente a partir do hábito de ler compreendendo o conteúdo de sua leitura. Segundo Demo (2003, p.29): “O aluno precisa ser motivado a, partindo dos primeiros passos imitativos, avançar na autonomia da expressão própria. [...] A atividade reconstrutiva não se esvai no reescrever, mas abrange, num todo só, o desafio de inovar, intervir, praticar.”

Ainda sobre a atuação do professor, um outro aluno diz o seguinte:

Quando o professor consegue passar sua empolgação sobre o tema e lança desafios, as aulas ficam mais ativas e curiosas, despertando a vontade de buscar mais conhecimento.

O depoimento mostra que, quando o professor consegue tornar a aula mais atrativa, é possível fazer com que o aluno estabeleça com ele objetivos comuns, ou seja, participe

ativamente da aula. A preocupação do professor não deve residir apenas no conteúdo propriamente dito, mas com o desenvolvimento de atitudes e posturas que indiquem envolvimento, possibilidades de crescimento e busca de caminhos que levem o aluno a ampliar suas capacidades. Cury (2003, p. 71) orienta o professor dizendo-lhe:

Estimule seus alunos a abrir as janelas da mente, a ter ousadia para pensar, questionar, debater, romper paradigmas. Este é um excelente hábito. Professores fascinantes formam pensadores que são autores da sua história.

Também é relevante destacar que, na escola onde as relações entre os sujeitos participantes do processo, professor e alunos, se dão com respeito e cooperação, cresce progressivamente o interesse dos alunos pelas atividades de estudo e pesquisa em sala de aula.

5.3.5 O relacionamento interpessoal professor-aluno

O relacionamento entre o professor e seus alunos deve ser o mais próximo possível para que o clima gerado no ambiente de sala de aula favoreça a aprendizagem. Ao aluno cabe participar ativamente das atividades de sala de aula, respeitando o professor como um orientador e parceiro do trabalho. No entanto, deve partir do professor o comportamento de procurar conhecer os seus alunos, suas habilidades, competências e dificuldades, proporcionando condições para que eles desenvolvam suas capacidades. Sobre isso um aluno se manifesta dizendo:

O professor deve ser aberto para facilitar seu contato com os alunos. Isso influencia positivamente o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno, porque pode facilitar a aprendizagem do aluno na própria sala de aula, fazendo com que ele se interesse mais pelo assunto.

Nesse depoimento, o aluno salienta a importância do procedimento do professor em interagir mais com seus alunos, beneficiando a aprendizagem. Esse professor passa a constituir-se um ponto de apoio e um referencial na formação do aluno como profissional e como pessoa. Entendo que, a partir daí, o relacionamento professor-aluno em um ambiente de cooperação, solidariedade e respeito no qual seja possível “[...] levar as pessoas a crer que têm competência para agir com autonomia [...]” (LA TAILLE, 1999, p. 12), possibilita ao aluno sentir-se mais à vontade, passando a ter uma participação efetiva durante a aula. Como resultado, há o despertar do interesse do aluno pelo assunto tratado, motivando-o a querer saber mais, a buscar um aprofundamento maior do conhecimento. Concordo com esse aluno

depoente quando deixa claro que o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa passam a constituir-se uma consequência natural dessa postura do professor.

Nessa mesma linha de pensamento, um outro aluno comenta:

Os professores poderiam conversar com os grupo de alunos, nos intervalos, sobre assuntos interessantes e atuais ou até contando histórias que se passaram e que convém serem lembradas, mesmo sem relação com os assuntos tratados em aula, aproveitando para estreitar a amizade e bom relacionamento entre as partes envolvidas no processo. Isso pode também facilitar o aluno a estudar mais e desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa.

O aluno preocupado com o distanciamento, muitas vezes observado, entre professores e alunos, levanta uma idéia interessante visando à aproximação entre as partes. Sugere contatos nos intervalos das aulas com conversas e conto de histórias. Mesmo que essas histórias não tenham ligação com os assuntos abordados em sala, a iniciativa provoca um estreitamento na relação. Penso que esse procedimento, sendo trabalhado de forma ilustrativa em relação ao conteúdo que está sendo abordado, pode ser estendido também para a própria sala de aula onde encontrará uma grande receptividade por parte de todos. Conforme Cury (2003, p. 132): “Os professores precisam contar histórias para ensinar as matérias com o tempero da alegria e às vezes, das lágrimas.” Pela minha experiência, trata-se de uma estratégia que prende a atenção do aluno fazendo-o voltar-se exclusivamente para a aula, provocando-o a questionar e posicionar-se a respeito. Segundo Cury (2003, p. 134) ainda, “[...] fissa o pensamento, estimula a análise.” Trata-se, portanto, da oportunidade de, unindo o estreitamento das relações interpessoais em sala de aula com a motivação crescente do aluno de buscar, pela pesquisa, subsídios que reforcem ou aperfeiçoem sua argumentação, auxiliá-lo no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa. Compete ao professor e a seus alunos, escolherem, em parceria, o caminho que melhor viabilize a educação que cultiva a paixão pelo estudo.

5.3.6 O processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem começa em sala de aula e é complementado pelo aluno no seu ambiente particular de estudo. O professor precisa refletir sobre a metodologia a ser proposta para que a construção do conhecimento seja implantada já nos primeiros encontros de sala de aula. A pesquisa em sala de aula é um caminho a ser trilhado para levar o aluno a um desenvolvimento mais autônomo na busca do conhecimento.

É importante entender a função da aula como um encaminhamento do processo de estudo e pesquisa por parte do aluno. Duas alunas, em seus depoimentos, expressam o reconhecimento sobre a importância da aula:

Para mim a aula favorece o aluno a estudar e pesquisar por ser uma referência. O aluno precisa dela para saber por onde começar a estudar, e assim se programar melhor.

Uma aula divertida, dinâmica, interativa e que desperte o interesse, especialmente se o assunto for de curiosidade geral, incentiva o aluno a pesquisar e a estudar mais.

Nesses depoimentos, observa-se uma expectativa por parte dos alunos para com as orientações a serem dadas e a dinâmica a ser conduzida durante a aula. Imputam implicitamente ao professor a responsabilidade de torná-la atrativa e interessante, um verdadeiro referencial para o aluno ser incentivado ao estudo. Ao professor cabe, realmente, promover um ambiente compatível e convidativo ao estudo, mas as atividades de sala de aula não podem prescindir da participação do aluno como co-responsável pelo sucesso do processo de aprendizagem. A aula não pode ser apenas reprodutora do conteúdo. Se faz necessário um trabalho mais aprofundado dos temas de interesse para fazer o aluno aprender a construir e não a copiar. Para isso, conforme Demo (2003, p. 35), deve-se “[...] preferir, em vez da aula cronometrada, curta, muitas vezes aproveitada pela metade ou de modo caricatural, um ritmo sustentado de trabalho, por exemplo de meia manhã, para haver tempo de leitura, pesquisa, elaboração, discussão coletiva etc.” Portanto, uma aula deve possibilitar a interação construtiva entre todos os seus participantes, tornando-se um ambiente adequado a uma aprendizagem efetiva de alunos e professores.

Em outro depoimento, um aluno manifesta sua opinião sobre o livre posicionamento em aula:

A liberdade de opinião em sala de aula pode influenciar os hábitos de estudo e pesquisa do aluno. Quando em sala de aula o aluno percebe que pode ser ouvido, ele corre atrás de informação. Quando ele sente que tem espaço, surge a motivação para preencher aquele espaço.

Observa-se, nesse depoimento, a preocupação com a liberdade a ser concedida pelo professor em sala de aula para cativar o aluno a participar ativamente não só durante a própria aula como também, na busca de subsídios que venham a fundamentar suas argumentações a serem manifestadas nos espaços a ele proporcionado. Para Ramos (2004, p. 34):

Cabe aos professores ficarem atentos durante sua ação educativa, às oportunidades que permitam desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos e garantir que isso se realize em um ambiente de respeito às idéias que vão sendo apresentadas no grupo e os argumentos que vão sendo submetidos à crítica e à validação num ambiente de diálogo.

Esse é um aspecto dos mais importantes a ser levado em consideração pelo professor para atrair seus alunos a participar efetivamente das atividades propostas em sala de aula. Um ambiente democrático que respeita a opinião do aluno deve ser fomentado em sala de aula, visando ao despertar cada vez maior de sua curiosidade ainda não satisfeita e ao desenvolvimento de sua criticidade. Conforme Freire (1996, p.28): “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” Dessa maneira, o professor impede a aula condicionante da cópia e da acomodação do aluno, fazendo-o parceiro na construção do conhecimento. Se, na condição de educadores progressistas, desejamos que o aluno desenvolva o interesse pelo estudo, assumindo o controle de sua própria aprendizagem, é salutar que sejam respeitados os seus saberes e suas manifestações em sala de aula. As atividades de sala de aula envolvendo a pesquisa, se dirigidas com esse objetivo, podem contribuir decisivamente para o processo de aprendizagem do aluno.

Sobre os trabalhos de pesquisa, um aluno se posiciona do seguinte modo:

Eu acho extremamente importante os trabalhos de pesquisa que nos façam praticar uma pesquisa verdadeira. Ler várias bibliografias e começar a escrever sobre o que foi lido, fazendo com que possamos construir uma opinião própria sobre o assunto.

Nesse depoimento, o aluno faz uma apreciação bastante pertinente a respeito da atividade de pesquisa de sala de aula. Chama a atenção a clareza com que descreve o princípio do educar pela pesquisa, demonstrando a consciência em buscar, por meio da elaboração própria, a sua autonomia e formação emancipatória. A esse respeito, Ramos (2004, p. 48) enfatiza: “[...] a educação pela pesquisa, no espaço escolar e universitário, pode e deve contribuir para a construção da autonomia e da emancipação [...]”. Se a atividade de pesquisa for trabalhada na escola, conforme o depoente relata, ela passa a constituir-se uma prática didática fundamental para o desenvolvimento do hábito de estudo pela pesquisa no aluno.

Outro aspecto importante a analisar, ligado ao processo de aprendizagem, diz respeito ao método que o aluno utiliza em suas atividades de estudo. Sobre essa questão, dois alunos se manifestaram dizendo:

O método de estudo está ligado diretamente ao hábito. Para o hábito de estudo se desenvolver, o método de estudo usado deve ser equilibrado para não se tornar cansativo.

Dependendo do método de estudo utilizado, o aluno vai sentir mais prazer em estudar. Com o tempo, o aluno vai criando o seu próprio método para obter uma eficiência maior.

Os depoimentos associam o método de estudo a sua continuidade. Conforme os depoentes, para que o estudo possa ter prosseguimento e vir a se constituir em um hábito, o

método utilizado deve levar ao prazer em estudar. Cabe ao aluno modificá-lo sempre que necessário para evitar que se torne enfadonho e fatigante. Com relação a isso, Villamarín (2000, p.222) faz uma recomendação ao aluno dizendo: “Tenha presente que seu tempo é precioso, e que nunca será demais revisar seus métodos de estudo até você ter certeza de que eles são plenamente satisfatórios, pois, ainda que você não se dê conta, vive, e viverá sempre, estudando.” Essa orientação nos faz refletir sobre o quanto é importante uma avaliação periódica do método que está sendo utilizado, pois ele pode ser decisivo para uma satisfatória continuidade do estudo. Os hábitos de estudo e pesquisa podem se desenvolver por meio do método de estudo pelo qual o aluno opta para adquirir conhecimentos e ter sucesso em sua aprendizagem. Penso que, aos poucos, o método utilizado, se escolhido adequadamente, com a devida orientação do professor, irá possibilitar ao aluno uma melhor aprendizagem, levando-o à satisfação em dar prosseguimento a suas atividades. O processo vai crescendo com os resultados obtidos e o hábito começa a se fazer presente no cotidiano estudantil do aluno. O desenvolvimento desses hábitos é retro alimentado pelo prazer, cada vez maior, que o aluno sente em estar aprendendo. Funciona como um “combustível” para sua manutenção. O método utilizado poderá ajudá-lo a se desenvolver como sujeito autônomo reconstruindo o seu conhecimento prévio e construindo sua trilha na aquisição de novos conhecimentos. A pesquisa em si é um método que enseja a verticalização do estudo e um meio que o próprio aluno pode utilizar para aprender a aprender e conquistar sua emancipação como estudante. A pesquisa em sala de aula visa também a desenvolver no aluno o hábito de pesquisar por conta própria para complementação de seus estudos. O processo de promover, em sala de aula, o hábito de pesquisa fornece ao aluno a condição de escolher o método de pesquisa mais adequado ao seu estudo, de acordo com a área de conhecimento em que ele está atuando.

A partir da análise dos fatores categorizados neste capítulo, constatei sua influência decisiva no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno. O despertar da curiosidade, do interesse e da motivação do aluno passam por uma ação participativa da família e da escola. Na sala de aula a harmonia, proveniente de relações interpessoais positivas entre professor e alunos, contribui satisfatoriamente para a escolha do melhor caminho para habituar o aluno ao estudo e à pesquisa.

Penso que no processo de aprendizagem podemos trabalhar com métodos diversificados de estudo. O método de estudo a ser escolhido depende do ritmo e da maneira de pensar e agir de cada indivíduo. Sua construção é gradativa requerendo planos para serem colocados em prática, de acordo com os objetivos específicos que se pretende atingir. Seu desenvolvimento,

assim como o dos hábitos de estudo e pesquisa, deve partir de estratégias e procedimentos a serem adotados pelo aluno na busca mais adequada para sua aprendizagem.

5.4 ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS DO ALUNO: AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE SEUS HÁBITOS DE ESTUDO E PESQUISA

O desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno do Ensino Médio, embora seja beneficiado por condições e fatores já analisados em categorias anteriores, deve, fundamentalmente, partir de sua iniciativa, ao aplicar os meios disponíveis e explorar as condições que lhe são favoráveis, colocando em prática estratégias que visem à consecução de seus objetivos.

Sobre o processo de desenvolvimento desses hábitos, um aluno tem a seguinte idéia:

O hábito de estudo e pesquisa do aluno no Ensino Médio se desenvolve de forma natural em função da descoberta de que ele é o responsável pelo estudo além da aula. Ele começa a compreender que precisa estudar também em casa.

O depoente procura explicar que o processo tem como origem a tomada de consciência do aluno sobre a sua responsabilidade consigo mesmo. O aluno precisa ser orientado pelos pais e professores sobre a necessidade do estudo em sua vida; no entanto, ninguém pode fazer por ele se ele próprio “não estiver a fim”. Assim como a pesquisa em sala de aula instiga o aluno ao questionamento do que ele pensa conhecer, também é capaz de fazê-lo questionar a si próprio, se de fato está procedendo em prol de sua aprendizagem. Conforme Moraes, Galiuzzi e Ramos (2004, p. 14), “Questionar o fazer é problematizar modos de agir. [...] podemos questionar-nos sobre como agimos quando pretendemos aprender algo.”

Portanto, os alunos começam realmente a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa além da sala de aula quando passam a ter consciência do que desejam e da sua capacidade em perseguir seus objetivos. Mesmo num mundo de incertezas, o aluno que sabe o que quer busca com muita perseverança e dedicação os seus propósitos. Esse comportamento o leva a perseguir por meio dos recursos do estudo e da pesquisa, a condição cada vez melhor de conquistar suas metas.

Uma aluna, sobre a distribuição do tempo diário para suas atividades de estudo, faz o seguinte relato:

Reservo cerca de duas horas do meu dia para organização e revisão da matéria do colégio, e cerca de mais ou menos duas horas, para leitura outras, sem ser as do colégio.

A depoente planeja períodos do seu dia distribuindo-os entre as atividades escolares e outras de seu interesse, demonstrando organização em sua agenda diária para a dedicação ao estudo. A rotina de estudos desenvolvida por essa aluna demonstra sua organização e disciplina em manter os conteúdos em dia, reservando mais um tempo para leituras extra classe. O hábito de leitura, presente em seu cotidiano, representa um ganho em sua aprendizagem, sendo um forte indicativo de que o hábito de estudo desenvolvido possui certamente uma base em sua leitura diária. A leitura diária nos abastece de informações, capacitando-nos, a escrever com mais desenvoltura. Conforme Demo (2003, p. 31):

[...] a leitura sistemática tem dupla finalidade: estar a par do conhecimento disponível, participar do fluxo cultural constante, informar-se de modo permanente, e alimentar o processo de elaboração própria, de argumentar e contra-argumentar, de questionar e reconstruir.

Um outro depoente descreve como desenvolveu esses hábitos do seguinte modo:

Para desenvolver os meus hábitos de estudo e pesquisa, comecei estudando meia hora por dia, depois gradativamente fui aumentando, até tornar-se um hábito como escovar os dentes após as refeições.

Nesse depoimento, o aluno revela uma estratégia que considero muito eficaz, pois o fato de planejar uma evolução gradativa, no tempo dedicado ao estudo, leva o aluno a vencer seus desafios “degrau a degrau”. Com isso, ele evitou a ansiedade gerada pela obrigação em ter que realizar uma atividade além dos limites de sua vontade. A partir do momento em que a tarefa menor vai sendo concluída e esse procedimento tornando-se rotineiro, o aluno, em função da motivação crescente, passa a se sentir capaz de vencer desafios maiores. Villamarín (2000) orienta o aluno para que ele estabeleça planos para atingir objetivos simples e perfeitamente realizáveis a fim de adquirir confiança em sua capacidade. Penso que essa sistemática faz com que o estudo e a pesquisa passem a ser atividades habituais, incorporadas ao seu dia-a-dia.

Uma outra estratégia é referida por um depoente em sua entrevista:

A estratégia que eu usei foi ir além da bibliografia sugerida pelos professores para poder criar uma visão própria evitando a simples cópia em trabalhos de pesquisa deixados pelo professor.

Esse depoente, para desenvolver-se no estudo e na pesquisa, valeu-se do primeiro passo para a realização de uma pesquisa: a busca do material, não se limitando apenas ao livro didático adotado. Ele demonstra ter uma idéia bastante precisa a respeito da iniciativa necessária ao aluno de buscar outras fontes de consulta para alargar sua compreensão sobre o objeto de seu estudo. Agindo dessa forma, ele passa a construir seu conhecimento a partir de concepções diversificadas, provenientes de vários autores, evitando receber as coisas prontas, sobretudo de apenas reproduzir materiais já existentes. O uso constante de uma única fonte

bibliográfica nos condiciona àquelas idéias, desqualificando a pesquisa. Conforme Bagno (2003, p. 44): “[...] para fazer uma boa pesquisa é preciso recorrer a várias fontes.”

A organização do aluno, para posterior estudo e pesquisa em casa, pode iniciar com alguns procedimentos em sala de aula. Em relação a essa questão, um aluno declara:

Na aula eu faço resumos e utilizo-os quando vou estudar e pesquisar, junto com um acervo de livros que tenho em casa.

Pode-se verificar no depoimento que o aluno procura facilitar o seu estudo em casa fazendo resumos em sala de aula. A preparação e a organização para o estudo e a pesquisa começam em sala de aula. As anotações e registros se fazem necessárias para que o aluno tenha um roteiro organizado visando seu estudo em casa. Esse procedimento que serve como base para o aluno fazer as complementações junto à bibliografia disponibilizada em casa ou na própria biblioteca, exige também sua atenção às atividades e participações que vão ocorrendo ao longo do período de aula. O ato de estar escrevendo o que os outros dizem, embora tenha como base o pensamento de um colega ou do professor, representa uma construção sua, já que ele pode permeá-las com idéias próprias, caracterizando o desenvolvimento de sua elaboração própria.

A partir da sala de aula, são vários os procedimentos usados pelo corpo discente mais identificado com a necessidade de desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa. Além da importância da organização do ambiente para o estudo, já analisado, entre as condições favorecedoras, um aluno depoente descreve os procedimentos que coloca em prática do seguinte modo:

Na Internet pego vários sites. Eu olho todos possíveis e verifico se o site pode ser de confiança e trata do assunto pedido na pesquisa. Tento comparar o conteúdo dos sites com o conteúdo dos livros e sempre verifico algumas diferenças. Isso complementa e enriquece o trabalho, pois a partir daí tento escrever com minhas próprias palavras os conceitos pesquisados.

Nesse depoimento, observa-se um procedimento maduro por parte do aluno em não se ater a uma única fonte de consulta ou bibliografia. É elogiável sua atitude em buscar reunir as informações referentes ao assunto de sua pesquisa, não se fixando na Internet, mas usando-a como ponto de partida para depois fazer comparações com o conteúdo encontrado nos livros. Dessa forma ele está qualificando o seu trabalho e dignificando-se como sujeito capaz de atingir seus objetivos com qualidade. A concepção clara do aluno de complementar o seu trabalho de pesquisa, utilizando os vários recursos disponíveis, e partir para a elaboração própria, revela, sobre tudo, não só o comprometimento em realizar essa atividade com a máxima dedicação e competência, mas principalmente com o seu desenvolvimento como cidadão autônomo e emancipado. Villamarín (2000, p. 262) explicita bem o comportamento

lúcido que um sujeito motivado para levar em frente o seu crescimento evolutivo, deve ter: “Precisamos desenvolver o hábito de nos interessarmos profundamente pelas coisas e pelos conhecimentos que nos rodeiam, para descobrirmos e reconhecermos sua importância em relação aos nossos objetivos.” Penso que devemos refletir sobre isso, dirigindo nossa atenção para o estudo e pesquisa de todos os interferentes que atuam no meio que nos cerca, e assim assumirmos o controle na participação da construção de nosso contexto.

O investimento na educação deve ser priorizado visando à busca incessante do conhecimento, mas é fundamental que nos dediquemos, por meio do estudo pela pesquisa, a sua construção. O mundo atual exige cada vez mais sujeitos capazes de saber pensar e de saber articular-se para resolver problemas. Compete à escola preparar-se instrumental e humanizadamente para formação de sujeitos solidários, competentes e capacitados a aprender a aprender, vencendo os desafios que a vida reserva. Aos pais e professores, numa atuação conjunta, cumpre, com afeto, orientar e incentivar o educando para a necessidade do estudo ao longo de toda sua vida, não se descuidando de despertar sua curiosidade e interesse para que aflore sua motivação intrínseca. No entanto, o aluno precisa tomar consciência de que o estudo e a pesquisa são atividades que devem ser cultivadas continuamente, com disciplina e determinação para buscar o desenvolvimento desses hábitos em seu cotidiano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das categorias propostas procurou investigar como se processa o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno do Ensino Médio. Nesta pesquisa, a partir das concepções dos alunos, pude verificar que o desenvolvimento tem seu desenrolar promovido pela continuidade diária gradativa em proceder ao seu estudo de forma programada, utilizando outras bibliografias além do livro adotado. Embora a leitura diária de jornais e revistas também seja apontada como um indicativo de hábito de estudo e pesquisa, a Internet, conforme os depoimentos, é a fonte de consulta e pesquisa preferencial da grande maioria dos alunos, o que a torna um recurso de fundamental importância para auxiliá-los a enveredar no caminho do estudo pela pesquisa, em função de sua instantaneidade ao acesso à informação. O livro ainda ocupa uma posição de destaque entre as fontes usadas nas pesquisas escolares, mas o conhecimento informatizado nas redes de computadores tornou-se um recurso indispensável. Como a navegação pela Internet facilita a comunicação, favorecendo ao aluno compartilhar com seus colegas os novos conhecimentos reconstruídos, a educação calcada na pesquisa em sala de aula pode promover com mais agilidade o compartilhamento de informações, proporcionando a elaboração de sínteses coletivas, e possibilitando assim uma continuidade habitual dessa atividade além das fronteiras da escola.

Uma outra reflexão que faço, a partir dos resultados da pesquisa, está ligada ao comportamento dos alunos para com o estudo e a pesquisa em seu cotidiano. O desinteresse de boa parte dos alunos pode ser um indicativo de que a sala de aula não está despertando sua motivação. Um conteúdo mais associado ao seu contexto e uma metodologia que o faça pensar e participar como sujeito ativo do processo são iniciativas necessárias para modificar essa situação. O fato de ser suficiente prestar a atenção na aula ou estudar única e exclusivamente visando às provas, conforme alguns depoentes, caracteriza um comportamento também de um aluno objeto que se condiciona ao estudo do conteúdo que entra na prova sem se preocupar com a sua aprendizagem. Para aprender efetivamente, o educando deve fazer um estudo continuado, construindo passo a passo o seu conhecimento. A consecução dessa tomada de atitude do aluno e conseqüente comprometimento com a aprendizagem passam pela iniciativa do professor de realizar uma avaliação contínua, priorizando tanto a sua participação questionadora e argumentadora, como também sua produção escrita. Nos depoimentos de alunos que se habituaram a esses hábitos é explicitada a

disciplina com a organização do tempo para o estudo, numa demonstração firme de autonomia e comprometimento com o planejamento adotado visando a sua aprendizagem.

Outro fato observado é de que os alunos pesquisadores buscam conhecimentos de seu interesse próprio, que muitas vezes não têm ligação com os conteúdos trabalhados em sala de aula visando ao vestibular. Para mim ficou claro que auxilia, em muito, a atração do aluno pelo estudo, o fato de serem realizadas pesquisas educativas voltadas também para as reais necessidades de sua comunidade e para os assuntos de seu interesse particular. A atividade de pesquisa realizada com espontaneidade, obedecendo ao desejo do aluno, dá a ele uma satisfação maior, tornando-se mais proveitosa também aos leitores interessados.

Entre as condições favorecedoras para que o estudo e a pesquisa possam se desenvolver até virem a se tornar um hábito, os depoentes ressaltam a importância:

- a) do incentivo familiar, principalmente a participação dos pais no acompanhamento das atividades escolares de seu filho;
- b) da tomada de consciência do aluno sobre a responsabilidade com sua própria aprendizagem que pode ser influenciada pelo estímulo sempre presente na palavra do professor;
- c) da organização do ambiente de estudo, adequando-o às necessidades de conforto e concentração, compatível com a satisfação em realizar atividades de estudo e pesquisa;
- d) do cultivo pelo hábito de leitura, tão importante para capacitar o aluno a escrever com elaboração própria;
- e) da condição financeira que ajuda principalmente a compra de bons livros;
- f) da valorização dos conhecimentos prévios, como matéria prima que necessita da pesquisa para sua reconstrução;
- g) da atenção nas atividades realizadas em sala de aula, fazendo com que seu estudo se torne mais produtivo com intervenções mais precisas e bem argumentadas.

Pela análise das informações contidas na categoria dos fatores que contribuem para o desenvolvimento desses hábitos, pude constatar que:

- a) a curiosidade deve, sempre que possível, ser despertada por pais e professores para impelir o educando à procura de explicações por meio da pesquisa;
- b) o interesse pelo tema torna a pesquisa mais prazerosa, levando o aluno a aprofundar-se no estudo e favorecendo sua aprendizagem;
- c) a motivação extrínseca comum entre a maioria dos alunos, mas apenas temporária, deve ser preterida pela participação autônoma do aluno, própria da pesquisa, levando-

- o a desenvolver sua motivação intrínseca, movida pela satisfação em poder construir o seu próprio conhecimento;
- d) a participação dos pais na assistência às dificuldades do aluno deve se fazer presente sempre com afeto e carinho, elevando sua auto estima;
 - e) os bons hábitos dos pais devem ser cultivados como influenciadores decisivos sobre os hábitos dos filhos;
 - f) devem ser colocados limites por parte dos pais, principalmente para os horários de TV e dos jogos de computador, impedindo o desvio da atenção do aluno para com o estudo;
 - g) a escola precisa, além de se instrumentalizar adequadamente, possibilitar o livre acesso do aluno à Internet, estimulando-o a uma educação que utilize a pesquisa como ponto de partida;
 - h) o professor deve procurar desenvolver no aluno a capacidade de saber pensar, possibilitando seu crescimento e a busca de caminhos que o levem ampliar seus horizontes;
 - i) o relacionamento interpessoal professor-aluno deve ser estreitado para que, em parceria, busquem o melhor caminho para a aprendizagem do aluno, cultivando sua paixão pelo estudo;
 - j) o processo de aprendizagem deve ter a participação efetiva do aluno como co-responsável, ao lado do professor, com o seu sucesso, sendo concedida a ele a liberdade de opinião em suas manifestações em sala de aula e, dessa forma, contribuir no encaminhamento dos seus hábitos de estudo e pesquisa;
 - k) o método de estudo escolhido pelo aluno, e periodicamente revisto, deve possibilitar a ele uma maior satisfação e vontade em estudar, facilitando sua aprendizagem.

Conforme o depoimento dos alunos sobre suas estratégias e procedimentos para desenvolver-se no estudo e na pesquisa, é necessário um planejamento que envolva uma evolução gradativa no tempo dedicado ao estudo e à organização do material a ser utilizado. Ao estabelecer planos para atingir objetivos simples e perfeitamente realizáveis, o aluno adquire confiança em sua capacidade, fazendo com que o estudo e a pesquisa passem a ser atividades habituais, incorporadas em seu dia-a-dia. Deve ser reservado também um tempo para a leitura diária de assuntos não necessariamente ligados ao conteúdo escolar. O contato com a idéia de vários autores, em livros e em sites na Internet, traz benefícios a sua escrita promovendo a elaboração própria e qualificando sua pesquisa.

Ao longo de toda análise das informações, é evidenciada a importância de se trabalhar a pesquisa em sala de aula. A proposta do educar pela pesquisa, que tem como objetivo fazer dela um processo sempre presente em sala de aula, é defendida aqui como uma estratégia que se adequa às exigências requeridas ao aluno para desenvolver os seus hábitos de estudo e pesquisa. Com ela passam a ser priorizados o questionamento e a capacitação reconstrutiva do aluno, sendo banida a aula copiada e estimulada sua autonomia. A atividade de pesquisa em sala de aula lança o desafio como o instigador das capacidades de aprender a aprender e de saber pensar do aluno, motivando-o intrinsecamente a ser um participante ativo do processo de aprendizagem, e fazendo-o um questionador com argumentações convincentes. Portanto, a pesquisa em sala de aula visa à desacomodação do aluno na busca sistemática e habitual da construção e da reconstrução do seu conhecimento.

A partir das análises dos depoimentos categorizados, concluo que o desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno passa pela participação da escola, pelo envolvimento de pais e professores e pela tomada de consciência de importância desses hábitos, pelo próprio aluno. Para os pais e professores, portanto, numa ação conjunta, é relevante que dêem, ao aluno, acompanhamento e orientação necessária. Ao aluno compete seguir o aconselhamento de seus educadores com disciplina e determinação. Cabe, no entanto, às instituições educacionais instrumentalizarem-se, abrindo espaços para a pesquisa em sala de aula, levando professor e alunos, em parceria, à construção do caminho da verdadeira aprendizagem em que o aluno, pela prática reconstrutiva da participação questionadora e argumentativa, possa desenvolver, efetivamente, os hábitos de estudo e pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miriam de Abreu. Seguindo Pressupostos da Pesquisa na Aula Expositiva. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdez Marina do Rosário (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AQUINO, Júlio Gropa. **Diálogos com Educadores: o cotidiano escolar interrogado**. São Paulo: Moderna, 2002.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola o que é, como se faz**. 13.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BARREIRO, Cristhianny Bento. Questionamento Sistemático: alicerce na reconstrução dos conhecimentos. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação dos alunos: aspectos introdutórios. In: BORUCHOCITCH, Evely, BZUNECK, José Aloyseo (Orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CARRETERO, Mário. **Construtivismo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

COÉFFÉ, Michel. **Guia dos Métodos de Estudo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COSTA, Ana Rita Firmino. A ação docente numa perspectiva construtivista. In: KULLOK, Maisa Gomes Brandão (Org.). **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

COSTA, Cibele de Melo. A influência do esquema conceitual referencial e operativo na relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. In: KULLOK, Maisa Gomes Brandão (Org.). **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Editores Associados, 2003.

_____. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. Pesquisa como Princípio Educativo na Universidade. In: MORAES, Roque, LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DEBORTOLI, José Alfredo. Adolescência(s) identidade e formação humana. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.). **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Pesquisa como Superação da Aula Copiada. In: MORAES, Roque, LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, Escola projetada**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUNCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (Orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KOHLBERG, Laurence. **Psicologia del desarrollo moral**. Bilbao: Editorial Desclé de Brouer, 1992.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão (Org.). **Relação professor-aluno**: contribuições à prática pedagógica. Maceió: EDUFAL, 2002.

LA ROSA, Jorge (Org.). **Psicologia de Educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LA TAILLE, Yves de. Autoridade na escola. In: AQUINO, Júlio Gropa (Org). **Autoridade e Autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

LA TAILLE, Yves de. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2003.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MORAES, Maria Cristina. Do ponto de Interrogação ao Ponto: a utilização dos recursos da Internet na educação pela pesquisa. In: MORAES, Roque, LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo, RAMOS, Maurivan Gützel. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque, LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Pesquisa na sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MORAES, Roque. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, Roque, LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Pesquisa na sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Produção numa sala de aula com pesquisa**: superando limites e construindo possibilidades. Educação – Educação e Ciências e Questões Afins. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação: Bauru, SP, v.9, n.2, p.191-210, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério de Educação, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

POZO, Juan Ignacio et al. **Os conteúdos na reforma**: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

RAMOS, Maurivan Güntzel. Educar pela pesquisa é educar pela argumentação. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Avaliação do desempenho docente numa perspectiva qualitativa**: contribuições para o desenvolvimento profissional de professores do ensino superior. 1999. 326p. Tese (Doutorado em educação) Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWARTZ, Suzana. De Objetos a Sujeitos da Relação pedagógica: a pesquisa na sala de aula. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdez Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre alegria na escola a partir de textos literários. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Casturla. **A motivação em sala de aula** o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

VILLAMARIN, Alberto Juan González. **O estudo eficaz**. Porto Alegre: AGE, 2000.

VOLI, Franco. **A Auto-Estima do Professor**: manual de reflexão e ação educativa. São Paulo: Loyola, 1998.

ZAGURY, Tania. **Relação professor/aluno, Disciplina e Saber**. Pátio – revista pedagógica: Porto Alegre, Ano 2 , n. 8, p. 9-12, fev./abr. 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Sondagem sobre hábitos de estudo e pesquisa

1. Você usa a internet ?

Sim Não

2. Quantas horas diárias você utiliza esse meio ?

1 hora 2 horas 3 horas 4 horas ou mais

3. Que assuntos você costuma pesquisar na internet ?

a)	e)
b)	f)
c)	g)
d)	h)

4. Que fontes você usa para pesquisar ?

Só livros Livros, revistas e jornais Só internet
 Livros, revistas, jornais e internet

5. Quanto tempo você utiliza diariamente para leitura (Livros, revistas, jornais, internet, etc.) ?

15 minutos 30 minutos 1 hora 2 horas + de 2 horas

6. Desse tempo quanto você dedica à leitura de textos escolares ? _____

7. Você tem o hábito de pesquisa, para complementar as anotações de sala de aula ?

Sim Não

8. Quantas horas você estuda (conteúdos escolares) por dia em casa ?

1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas ou mais

9. Você se considera organizado para estudar e pesquisar ?

Sim Não

10. Quantos livros você costuma consultar em suas pesquisas para realizar trabalhos ?

um dois três quatro + de quatro

11. Que outros aspectos, não perguntados, você considera importantes ? Comente-os se achar necessário.

Obrigado pela colaboração !

APÊNDICE B - Questionário

Respostas dadas por uma aluna de 16 anos, estudante da 2ª série do Ensino Médio de uma Escola Federal de Porto Alegre.

1. O que significa ter hábito de estudo e pesquisa, para você?

Significa ter uma rotina pré-programada, bem organizada, que seja habitualmente cumprida, e que envolva não só o fato de ser uma coisa necessária, mas também o interesse pessoal em querer se manter bem informado e atualizado.

2. Como você distribui seu tempo para estudar durante o dia?

Reservo, no mínimo, duas horas por dia para estudo, à noite, mas me sinto um pouco prejudicada, pois nessa parte do dia, meu nível de distração aumenta após um dia inteiro de intensa atividade física. Assim, algumas vezes, acabo dando pouca atenção a coisas que poderiam ser melhor aproveitadas, se tivesse mais disposição.

3. Como você se organiza para pesquisar?

Busco o assunto desejado em livros, revistas e na Internet. Depois de reunir todo o material encontrado, faço uma leitura, sintetizo as informações e aí, então, procuro estudar o tema referido. Quando surgem dúvidas e/ou curiosidades, procuro especialistas ou alguém que possa me ajudar nesse aspecto.

4. Que tipo de pesquisa você realiza?

Realizo pesquisas para trabalhos do colégio, assuntos de interesses pessoais, como línguas, viagens, programações culturais e curiosidades diversas. Costumo realizar pesquisas para terceiros, aproveitando, assim, para aprender sempre mais um pouco sobre diversos assuntos

5. Quais os fatores que levam você a ter continuidade em estudar e pesquisar?

O interesse em querer saber mais, a curiosidade sobre temas desconhecidos, a constante atualização do que se passa no mundo todo, enfim, a busca incessante por informação.

6. Quais dificuldades impedem você de estudar e pesquisar mais seguidamente?

Normalmente, o estudo e a pesquisa são prejudicados por atividades extraclasse, que costumam me tomar bastante tempo; o fato de jogar vôlei e fazer cursinho de inglês me tomam todas as tardes, fazendo com que eu reserve a noite para os estudos e pesquisas. Porém, às vezes, o cansaço, a exaustão, diminuem o rendimento nessas atividades.

7. Que tipo de motivação você precisa para estudar e pesquisar com mais frequência e continuidade?

Sinto a necessidade de meios mais interativos, que tornem essas atividades mais interessantes; muitas vezes a monotonia de uma leitura já é suficiente para tornar desmotivantes o estudo e a pesquisa.

8. Que condições favorecem você a estudar e a pesquisar mais seguidamente?

Ter tempo, disposição e um ambiente apropriado, destinado somente ao estudo e à pesquisa, onde se possa ter concentração e tranquilidade, são os principais fatores para que se adquira o hábito(ou seja, a continuidade) dessas atividades.

9. De que maneira, para você, o método usado na aula, pelo professor, incentiva o aluno a estudar e a pesquisar mais?

Uma aula divertida, dinâmica, interativa e que desperte o interesse do aluno, especialmente se o assunto for alguma curiosidade geral, incentiva o aluno a pesquisar e estudar mais sobre o assunto abordado em aula.

10. Para você, até que ponto a escola motiva o aluno a estudar e pesquisar? Como você justifica sua resposta?

Acho que a escola faz muito pouco por esse tipo de incentivo. Acho que o simples fato de o aluno ser avaliado pelo estudo e pela pesquisa não faz com que ele se motive a isso. O aluno acaba se sentindo “obrigado” a isso, e não motivado. A nota a ser dada é um fator de incentivo, mas não o mais relevante.

APÊNDICE C - Questões norteadoras para as entrevistas

Foram realizadas entrevistas estruturadas com alguns alunos de uma Escola Federal de Porto Alegre, onde estão incluídas questões norteadoras que contribuirão para a pesquisa.

1. O que significa ter hábito de estudo e pesquisa, para você?
2. Você acha que a maioria dos alunos possui hábitos de estudo e pesquisa?
3. O que está faltando para que isso venha acontecer?
4. Como você distribui seu tempo para estudar durante o dia?
5. Como você se organiza para pesquisar?
6. Que tipo de pesquisa você realiza?
7. Como, para você, se dá a aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa para o aluno do Ensino Médio?
8. Quais os fatores que levam você a ter continuidade em estudar e pesquisar?
9. Quais dificuldades que impedem você de estudar e pesquisar mais seguidamente?
10. Que tipo de motivação você precisa para estudar e pesquisar com mais frequência e continuidade?
11. Quando o estudo e a pesquisa podem ser considerados um lazer ou uma diversão?
12. Que condições favorecem você a estudar e a pesquisar mais seguidamente?
13. De que forma o processo ensino-aprendizagem pode influenciar nos seus hábitos de estudo e pesquisa?
14. Como, para você, o processo de aprendizagem pode ser facilitado pelos hábitos de estudo e pesquisa?

15. No seu entender, como a Escola pode ajudar na aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno?

16. Os hábitos dos pais podem contribuir para a aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa pelo aluno? Comente sobre isso?

17. Na sua opinião é possível o aluno adquirir os hábitos de estudo e pesquisa espontaneamente, sem que haja estímulos ou motivações externas? Como você analisa essa questão?

18. De que maneira, para você, o método usado na aula , pelo professor, incentiva o aluno a estudar e a pesquisar mais?

19. Para você, até que ponto a Escola motiva o aluno a estudar e pesquisar? Como você justifica sua resposta?

APÊNDICE D - Entrevista transcrita

Depoimento de um aluno de 16 anos, estudante de 2ª serie do Ensino Médio de uma Escola Federal de Porto Alegre.

Hábito de estudo e pesquisa, para mim, é basicamente uma rotina onde se cria uma disciplina que atribuímos a nós mesmos. Nós nos enquadramos a ela para constantemente estar estudando e pesquisando, não coisas necessariamente relacionadas a uma matéria dada ou a um objetivo dado, mas sim coisas de maneira geral, curiosidades, coisas do cotidiano e não necessariamente instruído por alguém, porém pode ser feita pela própria pessoa, conforme ela mesma queira. Acho que é uma coisa que os estudantes de minha escola, principalmente os que eu mantenho contato, não possuem. Na realidade o estudo e pesquisa como hábitos deveriam ser praticados independentes da solicitação do professor.

Eu acho que o ato de estudo e pesquisa é uma coisa muito mais complexa. Eu acho que nem aqueles alunos que mantém o hábito de estudar uma hora por dia e revêem as matérias que foram dadas na aula, possuem esse hábito. Por que para mim, hábito de estudo e pesquisa é compilar conhecimentos, pegar as nossas próprias experiências, nossos próprios pontos de vista e criar alguma coisa que não esteja nos livros. Utilizar um conhecimento um pouco mais próprio, mais particular. Não simplesmente pegar aquele conceito de um único livro que tem na nossa frente e estudar naquele dia a matéria que foi passada na aula. É claro que a gente memoriza e até pode assimilar aquilo, porém eu acho que isto pode ser estudo, mas não pesquisa, porque o estudo e a pesquisa como um todo, de maneira geral e completa, são atos realizados, buscando uma particularização do conhecimento. Portanto, hábitos de estudo e pesquisa, os alunos no geral não tem nenhum.

No meu caso, eu deveria começar a estudar, coisa que eu normalmente não faço em casa. Não tenho esse hábito, não pego o livro para estudar, a não ser quando tem prova ou

trabalho. Para que o aluno venha a adquirir os hábitos de estudo e pesquisa, é preciso que se chegue num ponto mais avançado, saia do ensino fundamental e médio e ingresse em uma faculdade, onde vai se estudar áreas mais específicas como um curso superior, um mestrado, um doutorado ou um curso de especialização. O mais importante de tudo é a gente deixar de se acostumar com um livro. Devemos buscar diversas opiniões, diversos artigos e reportagens de todos os assuntos que a gente estuda e trabalha, para adquirir pontos de vistas variados e poder construir um ponto de vista nosso, até mais sólido do que os já existentes. Esse lado insaciável de buscar fontes alternativas para conseguir informações é a premissa básica para se conseguir os hábitos de estudo e pesquisa.

Normalmente a principal assimilação do conteúdo, que eu faço, é na sala de aula. Caso ocorra falta de atenção de minha parte, procuro tirar as dúvidas com os colegas. Eu me considero um pouco autodidata. Os conteúdos que não assimilei em sala de aula, por falta de atenção, vou buscar nos livros e consigo entender. Durante a rotina da semana eu não tenho um tempo destinado ao estudo. Procuro dedicar atenção nas aulas, o que é suficiente para min.

Quando é solicitado um trabalho que envolva pesquisa, eu entro na Internet, separo livros e revistas e procuro contextualizar tudo dentro do assunto. Procuro observar as diferenças que existem entre cada uma das fontes pesquisadas sobre o mesmo assunto e chegar a um consenso, ou seja, aquele ponto que eu acho mais adequado, interpretando todas as informações oferecidas. Quando possível, falo com pessoas que sabem sobre o assunto. Tudo isso para, quando perguntado ou em uma apresentação de trabalho, ter um embasamento bem completo para defender minha opinião, até contrariando um determinado autor, se for o caso.

Eu realizo, normalmente, pesquisas relacionadas ao ramo escolar. Quando um professor passa um trabalho, eu vou pesquisar, não tenho o hábito de pesquisar um assunto de minha curiosidade. Isso eu reconheço que é um aspecto extremamente negativo, por que as pesquisas

mais enriquecedoras são aquelas não relacionadas a assuntos já tratados ou assuntos ministrados em aula, e sim aquelas mais espontâneas que partem do interesse do próprio aluno e que resultariam de um enriquecimento muito maior, inclusive, dependendo do tema, das pessoas que viessem a ler.

Eu penso que esses hábitos devem ser conduzidos principalmente, pelos professores. Acho que essa é uma tarefa a ser desempenhada pela escola, mais precisamente, pelos professores interessados em desenvolver esses hábitos no aluno. Conhecendo como se comporta o aluno do Ensino Médio, é difícil que parta dele, espontaneamente, essa iniciativa. Porém, no caso daquele aluno mais interessado, com uma visão mais à frente, preocupado com sua vida profissional, ocorrer um instigamento a participar, pelos professores, ele vai ser despertado e criará gosto, fazendo disso uma rotina, e com disciplina, poderá até se tornar um pesquisador. Eu penso que a curiosidade é que move o aluno e isso tem que ser aproveitado pela escola e seus professores.

O principal fator, para mim, que leva o aluno a ter continuidade em estudar e pesquisar, é o gosto e o interesse que ele tem pelo tema. O tema é que move uma pesquisa. É ele que vai definir a força e o afimco com que o aluno vai se dedicar à pesquisa. E o que faz a gente partir em busca de uma pesquisa é a curiosidade e o interesse pelo tema. Ocorre um estalo e a pessoa pensa, é isso que me interessa, é isso que eu gosto, é isso que é importante para mim. A importância do assunto para a pessoa funciona como um propulsor da vontade e do interesse.

De uma maneira geral a abnegação que o aluno tem que ter para pesquisar é muito maior do que aquela que somos capazes. Eu acho que nós, alunos de 16 e 17 anos, não estamos preparados para substituir momentos de lazer, para sentar em uma mesa repleta de livros e parar para ler, estudar e pensar, ainda que isso, dependendo do assunto ou do tema, seja algo interessante. Penso que é o divertimento que nos tira desse caminho. Outro fator que eu acho extremamente importante é a falta de trabalhos de pesquisa que nos façam praticar

uma pesquisa verdadeira. Eu nunca havia realizado uma pesquisa da maneira como o senhor nos solicitou. Ler varias bibliografias e começar a escrever sobre o que foi lido, fazendo com que construíssemos uma opinião própria sobre o assunto foi muito importante e a escola deveria incentivar mais os professores a orientar esse tipo de trabalho. Contudo, no início acho que o professor deve insistir na aplicação desse método para, só depois, ele ocorrer espontaneamente.

Eu acho que o estudo e a pesquisa podem ser considerados um lazer, uma diversão ou uma atividade extremamente prazerosa, dependendo da pessoa e do assunto tratado. Isso deve ocorrer com muito mais frequência e facilidade quando é tratado num nível superior, ou seja, de uma pessoa que possui mais conhecimento e que possa pesquisar coisas mais especificas e fazer descobertas, publicando sua pesquisa como uma coisa inovadora, para outras pessoas embasarem seu conhecimento. Embora no ensino médio isso seja mais difícil, é nessa fase que os hábitos de estudo e pesquisa devem ser introduzidos e trabalhados, não tanto como uma atividade prazerosa, mas concientizadora, de que, por meio dela, novos horizontes podem se abrir. A partir daí, é que, essa atividade pode ser melhor recebida e até se tornar divertida, principalmente se o aluno puder escolher o que estudar e pesquisar.

O acesso à informação favorece o aluno a estudar e pesquisar mais seguidamente. Tanto lendo jornais e revistas, como acessando a Internet, o aluno terá ferramentas a sua disposição que irão suscitar dúvidas, que irão despertar sua atenção. Na era da informação, na qual nos encontramos, se torna muito fácil conseguirmos notícias e acessar o conhecimento de toda uma determinada área, vindo de todas as partes do planeta. A informação será o ponto de partida para a pesquisa. A partir dela nascerão as dúvidas e por meio da pesquisa o processo será guiado até a sua conclusão.

As aulas em que o professor propõe uma pesquisa possibilitam ao aluno a busca de um conhecimento que, até muitas vezes, só pelo fato de saber que está contribuindo com uma

informação que o próprio professor desconhece, faz com que ele se motive para pesquisar e ir a fundo sobre aquilo que foi proposto. É importante também para o aluno obter o reconhecimento do professor por ter, conseguido uma informação nova, por meio da pesquisa. Isso serve de estímulo para o aluno se dedicar ao estudo e à pesquisa.

De uma maneira geral o processo de aprendizagem é a assimilação básica do conhecimento. Ele ocorre quando compreendemos o assunto e tiramos as nossas próprias conclusões a respeito. O conteúdo passado pelo professor não é aquilo que fica guardado pelo aluno. O importante é a impressão que o aluno tem sobre tudo isso e a interpretação que ele faz do que assimilou. A visão interpretativa do aluno a respeito do conteúdo desenvolvido faz com que ele não acredite que as coisas sejam verdades inquestionáveis, e sim faz com que ele busque novas opiniões para que possa formar um pensamento mais concreto e mais próximo daquilo que é o certo.

Eu penso que quanto mais eficiente for o processo de aprendizagem mais serão as dúvidas que irão surgir, mais curiosidade o aluno vai ter para aprender aquilo que não foi ensinado. Quanto maior o domínio de uma matéria o aluno tiver, maior será o seu interesse pelo conteúdo seguinte, mais ele vai se comprometer, mais vontade ele vai ter de pesquisar e estudar. Então, conforme o aluno aprende, surgem as dúvidas e nasce o interesse. Uma aprendizagem bem feita leva o aluno a ter interesse e esse é o motor que move o aluno a ter vontade e aí, eu creio que o aluno pode adquirir os hábitos de estudo e pesquisa.

O oferecimento de temas atraentes ligados ao cotidiano desperta a curiosidade do aluno, facilitando a aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa. Não existe interesse nenhum para o aluno em pesquisar temas distantes de sua realidade.

A proposição de trabalhos interessantes relacionados a conteúdos que não fazem parte do programa de nenhuma disciplina, ou seja, assuntos extracurriculares que despertam

curiosidade, é de grande valia e estimula muito. Os projetos desenvolvidos nas feiras de ciências ajudam muito e estimulam o trabalho de estudo e pesquisa.

Eu sempre me espelhei muito no meu pai porque ele sempre estudou muito. Ele fez cursos de graduação, pós-graduação e vários cursos de especialização. A minha casa parece uma biblioteca. Tem livro em quase todos os lugares. O meu pai lê muito. Ele chega a ler quatro ou cinco livros ao mesmo tempo. Nos finais de semana inclusive, ele sente prazer em continuar lendo. Com o passar do tempo eu acredito que vou me aproximar mais dele e incorporar esse hábito de estar sempre consultando e pesquisando, pois reconheço a importância disso na vida profissional dele, na cultura que possui hoje.

Para concluir, gostaria de reforçar que a aquisição dos hábitos de estudo e pesquisa começam com uma conscientização forte, por parte dos professores, para depois passar para um procedimento mais natural e espontâneo, até vir a se tornar, num último estágio, uma coisa prazerosa.

APÊNDICE E - Entrevista coletiva

Pergunta n.º 1:

Como, para você, se desenvolvem os hábitos de estudo e pesquisa no aluno do Ensino Médio? O que o aluno faz (estratégias e procedimentos adotados) para desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa?

Respostas coletadas

“Os hábitos de estudo e pesquisa se devem basicamente à curiosidade. Ela dá destaque àquilo que a gente não sabe. A criança que é orientada a satisfazer a suas curiosidades vai adquirir esses hábitos com mais facilidade”.

“Para mim o desenvolvimento dos meus hábitos de estudo e pesquisa se deram pela busca da aprovação na escola e em concursos”.

“O incentivo dos pais vai ajudar a criança a buscar o porquê das coisas, a desenvolver o hábito de matar a sua curiosidade. Eu desenvolvi esses hábitos pela curiosidade desde pequeno em desmontar carrinhos para saber como funciona, e depois querer saber como funciona a televisão e porque o micro ondas esquenta a comida. De tanto querer saber o porquê das coisas cria-se o hábito. No Ensino Médio o aluno começa a aprofundar os conhecimentos e necessita sair em busca de explicações por meio da pesquisa e a se convencer por si de como as coisas acontecem”.

“O hábito de estudo no Ensino Médio se desenvolve de forma natural em função não só da curiosidade infantil que ele traz consigo, mas da descoberta de que ele é o responsável pelo estudo além da aula. Ele começa a compreender que precisa estudar também em casa”.

“Eu fui incentivado desde criança pela família a estudar. Além disso, para mim os objetivos e desafios me fizeram perceber o quanto era importante estudar para poder vencer. A estratégia que eu usei era ir além da bibliografia sugerida pelos professores para poder criar uma visão própria evitando a simples copia em trabalhos de pesquisa deixados pelo professor. Essa prática vira um hábito quando a gente é bastante cobrado em trabalhos periódicos de pesquisa”.

“Meu hábito de estudo vem desde cedo pela observação dos irmãos mais velhos e dos meus pais. A minha estratégia de estudo é organizar o meu tempo reservando pelo menos uma hora do meu dia para estudar os conteúdos vistos nesse dia em sala de aula. É importante procurar outros livros para não ficar limitada com o conteúdo”.

“O hábito de estudo e pesquisa é desenvolvido passando por vários estágios desde a infância até a adolescência e início da vida adulta crescendo sempre. Uma época bastante importante da minha vida foi quando eu passei dois anos longe do meu pai porque ele foi para o exterior fazer o mestrado. Eu só tinha a minha mãe em casa, mas o meu pai cobrava mais e eu acabei criando uma responsabilidade de estudar sozinha”.

“Os meus hábitos de estudo vêm desde a infância por incentivo da família que esteve sempre presente e preocupada com o meu desenvolvimento nos estudos”.

Pergunta nº. 2:

Que fatores contribuem para levar o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa?

Respostas coletadas

“O aluno se dá conta que tem que começar a estudar em casa devido a competitividade, que faz com que ele se torne cada vez melhor. Ele não pode mais se limitar ao estudo em sala de aula. Ele deve buscar o conhecimento além da escola, desenvolvendo a sua rotina de estudo”.

“O hábito de estudo em casa reflete a passagem da infância para a fase adulta. Na infância os nossos conhecimentos são fornecidos pelos pais. Há uma relação de dependência por alguém para poder lidar com o mundo. No Ensino Médio a fase que o aluno passa é de independência, se tornando mais auto-suficiente. Ele mesmo é obrigado a buscar o próprio conhecimento”.

“Os fatores primordiais que levam ao desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa são a competitividade e uma busca mais voraz do conhecimento. Há necessidade de o aluno se aprofundar mais nos porquês dedicando cada vez mais horas para o seu estudo. Como o mundo exige gente mais qualificada o aluno terá que adquirir esses hábitos para satisfazer essa necessidade”.

“A partir de um obstáculo o aluno se vê obrigado a criar uma saída para aquele problema”.

“Também depende do meio em que o aluno convive. Se tu tens alguém em que tu possas te espelhar fica bem mais fácil. Se no meio onde o aluno se encontra o estudo é constante e bons exemplos são dados tu vais longe”.

“No Ensino Médio contribui bastante a atuação dos professores. No início seria mais de cobrar e mais adiante no terceiro ano dariam um auxílio e orientando para que o próprio aluno corra atrás da matéria. O professor tem um papel importante no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa do aluno. Também conta a base familiar”.

“O principal fator que leva o aluno a desenvolver esses hábitos é ele ter um objetivo bem claro e querer alcançar uma meta. É fundamental que o aluno tenha força de vontade do contrário não vai a lugar algum”.

Pergunta nº. 3:

Que condições favorecem ou beneficiam o aluno a desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa?

Respostas coletadas

“É de suma importância entre as condições o apoio familiar. As condições que a própria família cria para que o aluno possa se concentrar, evitando que haja barulho nos horários de estudo. As condições financeiras auxiliam muito, dando condições para o acesso a Internet e a compra de livros”.

“O ambiente familiar é primordial para favorecer o aluno a estudar. Uma família estruturada ajuda o aluno a poder se concentrar e focar o estudo como uma prioridade. Também o aluno

tem que querer aprender e ter força de vontade para buscar o conhecimento pelo estudo e pela pesquisa”.

“Muita gente não consegue desenvolver os hábitos de estudo e pesquisa por falta de perspectiva e motivação. Os exemplos na própria família são determinantes da aquisição desses hábitos”.

“As condições financeiras podem favorecer o desenvolvimento desses hábitos se a pessoa aproveita os recursos que ela tem. Ao mesmo tempo se não tiver boas condições financeiras ela pode desenvolver o estudo para passar numa universidade federal”.

“Ter um lugar para estudar e organização com o material favorece o desenvolvimento desses hábitos e o próprio aprendizado. O aluno acaba assimilando melhor os conteúdos quando tem um ambiente favorável. Portanto a condição financeira acaba influenciando bastante”.

“É importante que tu tenhas um ambiente propício para o teu estudo, um lugar que te permita ter concentração, que tu possas ter os teus materiais organizados”.

Pergunta n.º. 4:

O método de estudo e pesquisa adotado pelo aluno pode auxiliar no desenvolvimento dos hábitos de estudo e pesquisa?

Respostas coletadas

“O método de estudo está ligado diretamente ao hábito. Para o hábito de estudo se desenvolver o método de estudo usado deve ser equilibrado para não se tornar cansativo. Eu procuro estudar um pouco de exatas e intercalar com um pouco de humanas fazendo uma parada para relaxar entre as duas”.

“Eu desenvolvi esse hábito estudando todos os dias um pouco. Depois fui aumentando o tempo de estudo sem chegar nunca à exaustão. Defino uma quantidade de exercícios pequena que eu possa cumprir e aos poucos vou aumentando dia a dia. O estudo e a pesquisa passam por etapas. O hábito de estudo e pesquisa vai acontecendo a cada dia até se tornar uma coisa habitual sem cansar”.

“O método de estudo sendo equilibrado e suficiente para o aluno aprender vai auxiliar a ele ter o hábito de estudo. O mais importante é aprender a estudar todos os dias criando uma rotina por sua própria conta e cumprir aquilo que eu me determinei fazer para aquele dia”.

“Um método de estudo que tu vem desenvolvendo desde cedo vai acabar te auxiliando e te beneficiando a aprender de uma maneira melhor. O hábito de leitura, por exemplo, me ajudou bastante. Eu leio desde cedo e isso me ajudou muito no meu vocabulário, na minha compreensão e no meu raciocínio”.

“O método de estudo utilizado pelo aluno auxilia na obtenção do hábito de estudo e depois outros métodos melhores vão sendo encontrados para manter esse hábito sempre”.

“O método de estudo está intimamente relacionado com o hábito de estudo. Dependo do método utilizado o aluno vai sentir mais prazer ou não em estudar. Com o tempo o aluno vai criando o seu próprio método para obter uma eficiência maior”.